



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Flávia Maria de Menezes

**Formas de pensar pesquisa-militância-infância com o Grupo de
Pesquisa Infância e Saber Docente: Ensaios bakhtinianos**

Rio de Janeiro

2021

Flávia Maria de Menezes

**Formas de pensar pesquisa-militância-infância com o Grupo de Pesquisa
Infância e Saber Docente: Ensaios bakhtinianos**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientador (a) (es): Prof.^a Dra. Ligia Maria Motta L. Leão de Aquino

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M543 Menezes, Flávia Maria de.
Formas de pensar pesquisa-militância-infância com o Grupo de
Pesquisa Infância e Saber Docente: Ensaios bakhtinianos / Flávia Maria
de Menezes. – 2021.
154 f.

Orientadora: Ligia Maria Motta L. Leão de Aquino.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Infância – Teses. 2. Militância – Teses. 3. Grupo de pesquisa –
Teses. I. Aquino, Ligia Maria Motta L. Leão de. II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Flávia Maria de Menezes

**Formas de pensar pesquisa-militância-infância com o Grupo de Pesquisa
Infância e Saber Docente: Ensaios bakhtinianos**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação

Aprovada em 26 de março de 2021
Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ligia Maria Motta L. Leão de Aquino (Orientadora)
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Rita Marisa Ribes Pereira
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Flavia Miller Naethe Motta
Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ

Prof^a. Dr^a. Lisandra Ogg Gomes
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^o. Dr^o. Jader Janer Moreira Lopes
Faculdade de Educação da UFJF

Prof^a Dr^a Ana Rosa Costa Picanço Moreira (Suplente)
Faculdade de Educação da UFJF

Prof^a Dr^a Maria Luiza M. B. Oswald (Suplente)
Faculdade de Educação da UERJ

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às/aos comunistas, vagabundas, maconheiras, petistas, petralhadas, esquerdopatas, paraíbas, malandras, macumbeiras, pretas, feministas, menininhas, bichinhas, vândalas, preguiçosas, parasitas, intelectuais afetadas, terroristas, bolivarianas, venezuelanas, que foram acometidas pela “gripezinha”, patifes: essas são as brasileiras e os brasileiros que estão tirando este “governo” dos trilhos, e por esse motivo têm meu respeito!

AGRADECIMENTOS

Obrigada por estar viva! Obrigada por estar resistindo! Agradeço à UERJ, à Prof^a Ligia Maria Motta L. Leão de Aquino e ao Grupo de Pesquisa Infância e Saber Docente, assim como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Ainda que tantas sombras se tenham colocado sob minha cabeça, estou viva e fértil, por esse motivo, obrigada! Ainda que a turbulência seja insubmissa à gravidade, “meu pulso ainda pulsa”, por esse motivo, obrigada! Ainda que pessoas tenham soltado a minha mão e tenham me deixado para trás, não importa, não preciso de aplausos e por esse motivo, obrigada! Nesse momento, “comida é pasto, bebida é água” e eu preciso de AMOR, DIVERSÃO e ARTE!

A tempo espera do amar

A vida que acontece no tempo escuro,
aligeirado,
agoniado.
É o tempo dos loucos,
Dos corajosos
Dos que amam
Dos que abandonam a inexistência
pelas brechas do tempo contado
Tempo curto para
Fazeres apressados
Falas sussurradas
O encontro de corpos
num descompasso de ritmos
Que se emendam,
Se cabem.
O corpo matéria e o corpo som
O tempo som faz o corpo deslizante
Anuncia o encontro descompassado
entre o vagaroso e o aligeirado
Um fazer anunciado pelos sonhos, pelo som
De corpos que se demoram no fazer presença,
O encontro de corpos silenciados
por uma demorada espera:
É desesperado,
É apressado,
É esgotado.
No relógio ordinário das horas.
O corpo tempo Nervoso,
O corpo tempo Intenso,
Porém, manso
Porém, amor
Porém, esperado
Cleuma Maria Chaves de Almeida

RESUMO

MENEZES, Flávia. **Formas de pensar pesquisa-militância-infância com o Grupo de Pesquisa Infância e Saber Docente**: Ensaios bakhtinianos 154f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

E no meio do caminho encontrei uma pedra, aliás muitas e quem não as encontra? Mas aquela pedra não era qualquer pedra, daquelas que ignoramos ou choramos diante dela, porque não somos o poeta que de pedra faz poesia. Choramos porque as pedras nos empedram. Mas aquela pedra tinha rastros de poesia, e se tornou a pedra fundamental que encontrei no caminho. Lembrei do Harry Potter e a pedra filosofal. Fundamental ou filosofal, acho que era uma pedra com as duas potências: fundar pensamentos. E assim, não me desviei, não chorei, não ignorei, apenas me sentei na cadeira, frente ao computador e, quando dei por mim, 157 páginas de narrativas. Para os que precisam ler, para os que foram convidados a ler, para aqueles curiosos, para os que leem porque têm empatia comigo ou porque não têm empatia comigo vou dizer dessas 157 páginas. A pedra filosofal que me inspirou na produção desta escritura é bakhtiniana, com aportes nas obras de Mikhail Bakhtin (2019, 2017, 2015, 2014, 1999) e seus leitores; mas também tive inspiração em Walter Benjamin (2011, 2009 e 1987) e outros pensadores dos estudos da infância e da literatura, uma forma de lapidação para conferir maior intensidade ao brilho da pedra. Como a inspiração bakhtiniana é cronotópica, a minha *ação/motivação* se deu na produção de uma narrativa que enuncie a trilogia pesquisa-infância-militância como um vértice de força de um grupo de pesquisa que se dedica à infância e ao saber docente, afirmando as crianças como sujeitos políticos e a educação infantil como um território de infância. Esta trilogia tem sustentado o compromisso deste grupo em criar uma produção acadêmica comprometida com o enfrentamento de toda a forma de colonização das práticas educativas com as crianças. Isso porque o *tempo* e o *espaço* estão impregnados de forças tóxicas, que paralisam, que desmobilizam, que enfraquecem as pessoas e as instituições, principalmente o que é público, que se tornou alvo dessas forças. Forças que encontraram na ciência, na produção acadêmica, nas pesquisas, nos pesquisadores e pesquisadoras o seu antídoto. Portanto, encontrei a *força* desta escritura na produção do conhecimento do Grupo de Pesquisa Infância e Saber Docente, coordenado na UERJ pela Prof^a Dra. Ligia Aquino. Este grupo é o *herói* desta narrativa. A compreensão respondente, o cotejo e a leitura cronotópica foram as formas metodológicas que fundamentaram o caminhar nesta experiência com a pesquisa, tanto para pensar as crianças e a infância, quanto para ler cronotopicamente as produções do GRUPISD, como também para pensar os cronotopos pelos quais essas produções ganharam forma: as pesquisas de mestrado expressas nas dissertações do GRUPISD, no período de 2013-2018, e os grupos de WhatsApp onde a presença nesses grupos fortalece a trilogia pesquisa-militância-infância. Nesse caminhar fui produzindo alguns acabamentos: pesquisa e militância estão na mesma cadeia de sentidos; a experiência é a melhor leitura com a infância, aquela que possibilitou as crianças em presença nas pesquisas do GRUPISD; pesquisar é militar com a ciência e a possibilidade de um grupo de pessoas políticas dissipar a atmosfera escatológica que paira sobre os contextos de democracia na nossa sociedade.

Palavras-chave: Infância. Militância. Grupo de pesquisa. Cronotopos

ABSTRACT

MENEZES, Flávia. **Ways of thinking about research-activism-childhood with the Research Group on Childhood and Teaching Knowledge: Bakhtinian Essays.** 154 f. Thesis (Doctorate in Education) - Faculty of Education, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

And in the middle of the way I found a stone, by the way many and who doesn't find them? But that stone was not just any stone, one of those that we ignore or cry before it, because we are not the poet who makes poetry out of stone. We cry because the stones block us. But that stone had traces of poetry, and it became the cornerstone I found on the way. I remembered Harry Potter and the Philosopher's Stone. Fundamental or philosophical, I think it was a rock with two powers: to found thoughts. And so, I didn't deviate, I didn't cry, I didn't ignore it, I just sat in the chair, in front of the computer and, when I found myself, 157 pages of narratives. For those who need to read, for those who have been invited to read, for those who are curious, for those who read because they empathize with me or because they don't empathize with me, I'll say from these 157 pages. The philosopher's stone that inspired me in the production of this writing is Bakhtinian, with contributions in the works of Mikhail Bakhtin (2019, 2017, 2015, 2014, 1999) and his readers; but I was also inspired by Walter Benjamin (2011, 2009 and 1987) and other thinkers in childhood studies and literature, a form of polishing to give greater intensity to the stone's brilliance. As the Bakhtinian inspiration is chronotopic, my action/motivation took place in the production of a narrative that enunciates the research-childhood-militance trilogy as a vertex of strength of a research group dedicated to childhood and teaching knowledge, affirming the children as political subjects and early childhood education as a childhood territory. This trilogy has sustained the commitment of this group to create an academic production committed to facing all forms of colonization of educational practices with children. This is because time and space are impregnated with toxic forces, which paralyze, demobilize, weaken people and institutions, especially what is public, which has become the target of these forces. Forces that have found in science, in academic production, in research, in researchers and researchers their antidote. Therefore, I found the strength of this writing in the production of knowledge by the Research Group for Childhood and Teaching Knowledge, coordinated at UERJ by Prof. Dr. Ligia Aquino. This group is the hero of this narrative. Respondent understanding, collation and chronotopic reading were the methodological forms that underpinned the walk in this experience with research, both to think about children and childhood, and to chronotopically read the productions of GRUPISD, as well as to think about the chronotopes by which these productions took shape: the master's research expressed in the GRUPISD dissertations, in the period 2013-2018, and the WhatsApp groups where the presence in these groups strengthens the research-militance-childhood trilogy. Along this path, I produced some finishes: research and militancy are in the same chain of meanings; the experience is the best reading with childhood, the one that enabled the children to be present in the GRUPISD surveys; research is military with science and the possibility of a group of political people to dissipate the eschatological atmosphere that hangs over the contexts of democracy in our society.

Keywords: Childhood. Militancy. Research group. Chronotopes

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1–	As ideias circulam e se transformam	24
Figura 2 -	O que o espelho nos mostra? (Charge Brasil de Longe)	36
Figura 3 -	Pintura no muro.....	43
Figura 4 -	Terra de Cego. Blog do Marson. Quadrinhos de Custódio.....	46
Figura 5 -	<i>A última ceia</i> . Por Leonardo Da Vinci, entre 1495 e 1498.....	52
Figura 6 -	Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira, “O Jesus da gente”. Carnaval 2020	53
Figura 7 -	Santa Ceia das Dores. Frida Kahlo.....	54
Figura 8 -	Se beber, não ceie”, Especial de Natal da produtora Porta dos Fundos, dez. 2018	56
Figura 9 -	A caixa	75
Figura 10 -	Qual caixa?	75
Figura 11-	O contexto político	110
Figura 12 -	WhatsApp 1	117
Figura 13 -	WhatsApp 2	121
Figura 14 -	WhatsApp 3	121
Figura 15 -	WhatsApp 4	121
Figura 16	O esboço de uma obra.....	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - O GRUPISD como sujeito político em suas formas cronotópicas. 96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEB	Conselho de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
COVIDE 19	Corona Vírus Disease 2019
EEI	Escola de Educação Infantil
EEIU	Escola de Educação Infantil Universitária
EEBA	Encontro de Estudos Bakhtinianos
GP	Grupo de Pesquisa
GRUPISD	Grupo de Pesquisa Infância e Saber Docente
PROPED	Programa de Pós-Graduação em Educação
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	O ENSAIO E SEUS TECIDOS: O TEMA, A TRAMA E O ENREDO. ENSAIO DE APRESENTAÇÃO	12
1	O JOGO DIALÓGICO: A <i>MINHA</i> PALAVRA, A PALAVRA <i>ALHEIA</i> E A PALAVRA <i>OUTRA</i> POR <i>MIM</i> ASSINADA. ENSAIOS DE METODOLOGIA.	35
2	ENSAIO COM A INFÂNCIA PENETRANTE E CLANDESTINA	60
3	ÉTICA, ESTÉTICA E ESCRITURA CIENTÍFICA: AS FORMAS CRONOTÓPICAS DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DO GRUPISD. UM ENSAIO CRONOTÓPICO	83
3.1	O GRUPISD como sujeito político em suas formas cronotópicas ...	98
3.1.1	<u>Tempo</u>	98
3.1.2	<u>Ação</u>	100
3.1.3	<u>Espaço</u>	102
3.1.4	<u>Herói</u>	103
3.1.5	<u>Força</u>	104
3.2	Palavras de gratidão: da pesquisadora para seu grupo de pertença.....	105
4	ENSAIO POR CORRESPONDÊNCIA. BAKHTIN E EU, POR UMA OUTRA ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL	108
	EM UM ENSAIO, PALAVRAS SÃO BRECHAS: CONVERSAS DE ACABAMENTO	130
	REFERÊNCIA.....	151

O ENSAIO E SEUS TECIDOS: O TEMA, A TRAMA, O ENREDO. ENSAIO DE APRESENTAÇÃO

*Clareira de capim queimado
Cheiro de coisa que ardeu
Resto de suor unido
Corpos abraçando o chão
Louca me mordendo a carne
Me trincando os dentes
Me roendo as forças
Oswaldo Montenegro¹*

O poeta começa dizendo daquele capim vadio, que costumamos chamar de “mato”, que nasce de qualquer maneira e se espalha; planta que dá em qualquer lugar, planta rameira. Isso me inspirou em contar minhas experiências de infância com o capim vadio:

“Era eu quem cuidava do pequeno canteiro de casa. A obra durou quase cinco anos, a vizinhança brincava: “obra de igreja, heim?!” Mas quando a obra finalmente acabou, ganhei um canteiro para cuidar. Eu devia ter meus oito ou nove anos, mas não sei dizer se cuidava do canteiro brincando ou brincava de cuidar do canteiro. Era um canteiro pequeno, que não se podia pisar. Ficava suspenso, em um compartimento de concreto, bem em cima da cisterna. Acho que o canteiro era um disfarce para não mostrar a tampa da cisterna, coisa rara naquela rua de casas onde faltava água quase todos os dias. Mas, falando de cuidar do canteiro, era muito cansativa a teimosia do capim vadio: eu arrancava aqui e ele nascia ali, querendo competir com a beleza das outras plantas. Nascia até nas samambaias que ficavam penduradas no caibro que sustentava o telhado da varanda. Naquele tempo, as samambaias eram plantadas em xaxim, uma planta nativa da Mata Atlântica que quase foi extinta por causa da samambaia (acho). Então, vejam, a samambaia, de certa forma, era uma ameaça para os xaxins, mas o capim vadio ameaçava a samambaia e ajudava o xaxim a ficar vivo. Vai entender? Eu não sabia se queria o capim vadio, bem vadio ou se não queria, mas a minha mãe não o queria e ela sim, era a dona do canteiro, das samambaias, das avencas (lindas), do bouganville... ah, o bouganville era o seu orgulho, coisa linda de se ver essa planta majestosa debruçando-se em rosa pelo muro, como uma cortina natural. Então, não tinha como negociar o capim vadio, aquela coisa feia que eu chamava de floresta, e para as bonecas era uma floresta. Então, antes de tirá-lo da cena eu brincava um pouco, depois conversava com as plantas porque fazia bem, minha vó falava isso, e eu tinha que reconhecer que era isso que elas queriam: agradar a minha mãe com a sua beleza. Não tinha lugar para o capim vadio, não tinha lugar para vadiagem!”

Então posso começar a pensar que o canteiro, o capim e a samambaia formavam juntos um enredo cheio de tramas: ora boas, ora maléficas; ora de vida, ora de morte. Como cuidadora do canteiro era responsável pela vida que eu queria

¹ Canção da Rameira, de Oswaldo Montenegro. Disponível em <https://www.letras.mus.br/oswaldomontenegro/189334/>. Acesso em 19/03/2020

que eles tivessem naquele espaço, e sabia que o capim vadio também era protagonista na trama, assim eu o deixava agir, mas vinha com as mãos mostrando que podia controlar seus ímpetos para que o bem sempre prevalecesse sobre o mal (minha mãe me levava a pensar que ele era o mal). Só que eram muitas as tramas do capim vadio, tantas que me escapavam, eu nem tinha condição de saber se as tramas que ele fazia na clandestinidade eram boas ou ruins. Os insetos, a terra, as raízes, os xaxins sabiam muito mais e ganhavam com isso. Era uma balbúrdia que não me aparecia, só quando o capim vadio passava dos limites, e para isso precisava ficar na mira dos meus olhos. Perdi as melhores tramas da história, e por isso ela coube em poucas linhas nesse texto. Afinal, o que eu iria contar? O capim cresce, esconde as plantas, pula nas samambaias para brincar com os xaxins, eu vou lá e acabo com a festa e ele deixa de ser vadio e vira grama, como um ciclo que não se acaba. Assim, perdi muita coisa. Posso dizer que perdi quase tudo que poderia virar trama, enredo e história pelo desejo de um canteiro bonito, estático, harmonioso cuja função maior era dar beleza à varanda da casa (e esconder a cisterna!).

Palavras são como capim vadio: estão em todo o lugar; formam enredos; tramas; são vivas e podem matar. Palavras são como capim vadio, mas a escritura da pesquisa não é um canteiro, ou pelo menos não é o meu canteiro da infância.

Escrevi esse pequeno conto porque capim vadio como palavras e palavras como capim vadio foi inspirador a partir do momento em que fiquei sabendo da ilustre pergunta de uma pesquisadora da infância em um congresso de educação: *Por que relacionar militância à pesquisa?* Palavras são como capim vadio que me colocam em ação. Ele estava lá, no canteiro, a bagunçar a tranquilidade da planta, roubar seu ar, sua luz e suas possibilidades de planta; mas também, ele estava lá a me colocar em atividade perante às plantas e ao canteiro: pegava a pazinha, água e outros elementos e ia cuidar do canteiro para que ele se livrasse da balbúrdia do capim vadio. São momentos e momentos: capim vadio crescia e enquanto fazia isso, brincava com as plantas no canteiro e no xaxim, e eu as protegia quando a brincadeira começava a passar dos limites. Mas, a verdade é que sem o capim vadio o canteiro só tinha de mim doses diárias de água e mais nada. Não teria o calor de minhas mãos e nem aquela conversa bacana que tinha com as plantas enquanto as

libertava do capim vadio. Então, a pergunta me irritou, inquietou, mas também acendeu a centelha da necessidade maior em tomar a militância nas tramas da pesquisa, sendo esta, principalmente, no enredo da infância brasileira.

Posso dizer das crianças como o capim vadio: precisam crescer para serem livres, e ao mesmo tempo, precisam de nós adultos nessa tarefa, pois sendo a sociedade adultocêntrica, são os adultos que ainda decidem o que é alegria, o que é brincadeira, o que é conforto, o que é cuidado nas experiências infantis. O capim é vadio e penetra no canteiro por entre as plantas, na clandestinidade. Não sou botânica e não vou iniciar, aqui, uma discussão que respalde a existência do capim (vadio) na natureza. Minha questão é com ele na minha vida, nos meus atos de pensamento, como uma alegoria que alarga em sentidos o que quero compartilhar com os leitores sobre trama, enredo e tema neste trabalho de pesquisa.

A metáfora do capim vadio me ajuda a dizer das crianças como penetras clandestinas na cultura, entretanto esse debate me remete à filósofa Hanna Arendt (2016) pois reconheço as tensões que se colocam para as práticas de cuidado e educação entre adultos e crianças, principalmente quando me proponho em discutir sobre práticas educativas anticolonizadoras com as crianças. Defendo que as crianças possam crescer livres e, com liberdade, produzir suas culturas; reconheço, também, que as culturas infantis são criações que as crianças elaboram a partir das experiências que vivenciam e que grande parte dessas experiências são protagonizadas por adultos, porém, com Arendt (2016) tenho que concordar que cuidar das crianças é acima de tudo possibilitar que, como *recém-chegadas*, possam conhecer o mundo, explorá-lo. É tênue o limite entre cuidar e controlar; cooperar e colonizar, porque nossa responsabilidade também é complexa como adultos: devemos cuidar das crianças sempre que o mundo for contra elas, e ao mesmo tempo reconhecer que cuidar das crianças é também cuidar do mundo, e isso é fundamental para a nossa perpetuação.

Os pais humanos, contudo, não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo. Eles assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo. Essas duas responsabilidades de modo algum coincidem; com efeito podem entrar em mútuo conflito. A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que

nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração (ARENDE, 2016, p. 139)

Em função dessas tensões, é muito comum que os atos adultos com as crianças aconteçam da mesma forma como fazem com o capim vadio: aparando suas arestas, controlando seus atos e monitorando o tempo todo suas experiências. Desta forma é possível deixar escapar boa parte das tramas que enredam as experiências infantis, porque, como o capim vadio, essas tramas são criadas na penetração clandestina das crianças na cultura adulta, penetração essa que, na maioria das vezes, nos escapa. Mas não foi para falar especificamente da infância que coloquei o capim vadio em cena, mas para compartilhar com os leitores a tessitura dos ensaios que vão compor esta tese. Sim, ensaios, pois tomo este gênero como possível para enunciar um discurso acadêmico que não esgarce o seu tecido, vou por hora explicar desta forma. A obra *Doze Ensaios sobre o ensaio*² foi a centelha “capim vadio” que me colocou em ato para pensar este gênero, para pensar que o ensaio seria possível na enunciação acadêmica de uma pesquisa infantil militante (e sobre isso vou falando ao logo). O ensaio como obra e a autora-criadora-pesquisadora como ensaísta, que nada mais é, para Pires,

Um diletante profissional, curioso vocacional que faz desse impulso modo de vida, elaborando seu variado interesse em texto bem cuidado, às vezes próximo do literário e sempre tendo no horizonte o convite de uma conversa com o leitor. Culto – e, no melhor dos casos, desprovido de arrogância -, passeia despreocupado entre as fronteiras das disciplinas, prefere a dúvida à certeza e se realiza plenamente na forma breve, no tiro mais curto que um livro ou uma tese (2018, p. 204).

Um diletante seria, a meu ver, a expressão mais genuína do autor-criador em Bakhtin, que defende a arte como um campo da vida humana, que nos possibilita olhar a vida e a ciência de modo desviante. Essa premissa será por mim defendida com afinco ao longo desta escritura. Centelhas como ser um “curioso vocacional”, por exemplo, já que um curioso está na essência da criação, está à margem da exatidão, das verdades absolutas, pois se tenho consciência de quais verdades precisam ser ditas, ou quais desejo ouvir, dispenso a curiosidade e a possibilidade

² Obra da coletânea *Antologia Serrote*, da revista de ensaios do Instituto Moreira Salles, publicada em 2018, com a organização de Paulo Roberto Pires.

de negá-las, interrogá-las ou confrontá-las na *contrapalavra*. Mas, não estou propondo uma escritura de curiosidades. Quero a experiência do ensaísta, no olhar de Pires, preferindo a dúvida às certezas, ser transgrediente invadindo fronteiras e ensaiar dizer o que talvez já tenha sido dito, com outras formas de dizer, pois isso é potente para criar outros ditos e alargar a conversa ao ponto em que o leitor possa penetrá-la, invadi-la. E porque o ensaísta prefere a forma breve de escrita, esta tese se constitui de ensaios. Portanto, penso o ensaio como um gênero que pode permitir, na academia, uma escrita com tema, enredo e tramas, mas estou consciente do risco, pois como nos diz Pires, o ensaísta sabe que é “cidadão de segunda classe no mundo das letras”, mas se orgulha disso (*idem*).

Quero ser um ensaísta tipo “capim vadio” naquilo que ele tem de melhor, sei que posso sofrer cortes, sei que posso ser podada, mas a escrita é experiência com a linguagem, com os atos de pensamento, portanto, como toda experiência escrever é se expor ao risco, ao perigo, na forma como Larrosa (2002) me provoca: *ex-posta* – criar com a linguagem a partir do que me passou, me incomodou, me deslocou e colocou-me em resposta.

O *tema* é a minha motivação, uma causa com e pela qual milito, já que como pesquisadora, me colocamos na cultura como pessoa política, e pessoas políticas militam com e pelas causas que não são somente suas, mas as implicam de alguma forma. Meu tema é a relação infância-militância-pesquisa, portanto está nesta relação, seu enredo e tramas, a causa de minha militância. Faço parte de um grupo de pesquisa que tematiza a infância em sua militância. Escrevo um ensaio para conversar sobre isso, sobre a infância que nos pertence enquanto grupo de pesquisa. Neste ensaio coloco minha compreensão com a infância como experiência claudicante para o *modus operandi* adulto, como o “capim vadio” para a planta, na forma como fomos forjados em compreendê-la, porque nossas convicções/ficções humanas sobre a planta nos levaram a afirmar que o “capim vadio” é uma erva daninha; porque nossa ânsia em dominar a natureza nos levou a tomar o “capim vadio” como inimigo dos nossos canteiros e jardins. Isso já daria uma tese, mas por hora quero mostrar minha empatia com Larrosa (2002) quando este me diz que infância é experiência, um território de passagem, um lugar de “*ex-posição*” (p. 19), que as crianças habitam por essência e os adultos em regresso.

Agamben nos diz da regressão como o movimento próprio do humano, que nos aproxima da essência humana, que ele traduz em infância. Por isso, Agamben diz da infância como paradigma do humano e não do adulto. Parece uma sutileza, mas essa forma de pensar a infância faz toda a diferença, parece escapar das visões adultas de homem e mulher que atuam de forma hegemônica no pensamento sobre as crianças e suas culturas; seria pensar as crianças como protótipos adultos, “vires a seres” que não se tornam crianças (2017. p. 15). Em regresso, Agamben nos convida a pensá-las como pessoas com experiências próprias em um *tempoespaço* do qual já fomos partícipes pois, como ele próprio nos lembra “o homem não deriva de um primata adulto” (Idem). Agamben nos propõe pensar sobre esta supremacia adulta, e não vou aqui discutir sobre essa ou outra teoria da existência da humanidade, nem quero fazer defesa de uma ou qualquer outra, mas reconhecer, com Agamben, o fato de que as ciências da natureza enformaram os modos pelos quais as ciências humanas e sociais traduziram os humanos como seres no universo natural, assim como seres em experiências sociais. Essa separação do que é natural ou social, do que é humano ou não, já é uma percepção do que estou considerando no que tange à supremacia das ciências naturais.

Nesse sentido, a infância nos toma como um enredo cuja trama se dão nas experiências com a pesquisa, ou melhor, cada pesquisadora e pesquisador, cada grupo com suas dinâmicas singulares, como autora e autor criadores vão produzindo suas tramas na e com a pesquisa e criando enredos diversos com a infância e as crianças. Tratando especificamente do Grupo de Pesquisa Infância e Saber Docente (GRUPISD), no qual esta tese se constituiu, este grupo criou tramas que evidenciaram uma estreita relação entre pesquisa e militância, por duas razões que eu considero, embora possa haver muitas outras. Uma primeira razão está no fato de compreendo, com Larrosa (2000, 2002), a pesquisa e a militância como experiências humanas e não como experimentos humanos. É a pulsação da vida a motivação para a pulsação de ambas, e não o “preditível”, o previsível, o “normatível, o controlável, que de certa forma fazem parte dos contextos de ambas, mas não as representam. Outra razão consiste em compreender a pesquisa e a militância como formas de enfrentamento, pela contrapalavra, pelo diálogo, à escatologia política na qual têm se configurado os cenários sociais brasileiros, em

uma onda crescente nos últimos sete anos (2014-2021). São duas formas da experiência humana (pesquisa e militância) cujos sentidos parecem pertencer a um mesmo campo semântico. Por essas duas razões que aqui coloco proponho a pesquisa e a militância como atos indissociáveis na experiência humana, tanto na dimensão ética quanto estética. A infância nesse contexto é o enredo pelo qual a pesquisa e a militância como experiência vão se emaranhar, uma cotejando a outra.

Em correspondência com Marisol Barenco, Miotello (2013) lhe conta que seu grupo de pesquisa se senta à sombra de uma árvore, no jardim da universidade, e lá eles estudam e produzem coisas muito bacanas, mas que isto foi um encontro fortuito que acabou se tornando a melhor forma de encontro. Em um determinado dia, o grupo esteve sem espaço para realizar sua reunião semanal. Assim, para não perder a oportunidade, resolveram sentar-se no jardim. Escolheram uma árvore frondosa e ali ficaram, jogando conversa fora e rindo muito. Vejam, desse encontro com a árvore, o jardim e o riso, surgiu um ideal para estes pesquisadores e pesquisadoras da linguagem. Tomaram o riso como um caminho para pensar o “oficial” de forma desviante (Idem, p. 220-222). E por que digo isto? Porque a militância para mim atravessa com várias coisas: com a coragem, com o medo, com a raiva, mas também com a empatia, o amor desinteressado, com o sonho e a utopia, com o sério também (e por que não?), com o primário, o embrionário, o vacilante e, é claro, com o riso, o bufônico, o irônico. Com muitas coisas, uma espécie de vértice de força que o GRUPISD se utiliza para produzir sentidos em suas traduções e isso me chamou atenção de uma maneira muito mais contundente quando tomei conhecimento de que o grupo havia sido questionado por uma pesquisadora em um congresso, sobre a relação infância e militância. Só que esse encontro onde essa pergunta surgiu para o grupo, pela primeira vez, não foi fortuito, porque uma colega do GRUPISD apresentava seu trabalho em um Congresso em que esta pesquisadora também se encontrava, mas a pergunta foi de um valor incrivelmente deslocante, que incrementou a produção desta tese.

A militância precisava tornar-se palpável nas produções do GRUPISD, não só para o mundo da pesquisa, como para as pessoas do grupo (e nisso me incluo). A militância me tomou de assalto para pensar o quão militante sou e o quanto preciso ser neste momento sombrio, em que a universidade e seus espaços de estudo,

pesquisa e produção de conhecimento, apesar dos ataques que vêm sofrendo, são o lugar privilegiado para o desmascaramento, a desmitificação, o alargamento dos sentidos, dos horizontes, a produção de outras consciências, a formação de pessoas políticas. O adversário³ sempre soube disso e por esse motivo não foi tomado de assalto: a universidade pública, a educação pública, a escola pública são redentoras e não salvadoras, portanto, são perigosas, mas Larrosa nos diz que o perigo é a essência da experiência...e desconfiamos que o adversário não saiba sobre isso!

A pergunta me convoca, porém não para uma resposta. A pergunta é como um convite, um portal de passagem em que, para além da autoria, outras consciências podem se fazer presentes. Manifestamos nossa posição como pessoas políticas nas conversas regadas aos petiscos e na rede social do grupo, mas não paramos para pensar em como essa posição vem sendo interpretada nos espaços em que nós e nossas produções se fazem presentes. Nesta pandemia temos vivido a experiência da circulação, entre nós, de nossas produções, para que ganhem outros sentidos; temos pensado, também, na pluralidade de nossas produções, ou seja, este grupo é um coletivo de consciências, com experiências de vida e de pesquisa diversas, com leituras também diversas e com uma larga disponibilidade dialógica, pois não partilhamos de uma única perspectiva teórica (se é que posso dizer desta forma e se é que isso é possível), já que nos entendemos como pessoas políticas cuja motivação é uma prática de pesquisa militante como um vértice de força com a infância, as crianças, a educação infantil, a docência, o lugar da mulher na academia, raça, entre outros temas. Pretendemos muito mais um discurso com grande densidade sonora, do que vozes harmonizadas, consonância nos tons ou um tecido discursivo fixado em um centro de valor único e hegemônico. Bakhtin nos diz que:

Formas análogas de teorismo são também as várias tentativas de reunir o conhecimento teórico e a vida em sua irrepetibilidade, concebendo esta última segundo categorias biológicas, econômicas etc.: ou seja, todas as várias tentativas do tipo pragmatistas. Nestes casos, uma teoria se converte em um aspecto de uma outra teoria em vez de ser um momento do existir-evento real. É necessário reconduzir a teoria em direção não a construções teóricas e à vida pensada por meio destas, mas ao existir como evento moral, em seu cumprir-se real – a razão prática – o que, responsavelmente, faz quem quer que conheça, aceitando a responsabilidade de cada um dos atos de sua cognição em sua integralidade, isto é, na medida em que o ato

³ Aqui faço referência ao governo do presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) e todos os seus apoiadores e apoiadoras, que integram os três poderes constitucionais.

cognitivo como *meu* ato faça parte, com todo o seu conteúdo, da unidade da minha responsabilidade, na qual eu realmente vivo e realizo atos (2017, p. 57-58).

A assinatura é exatamente a assunção de nossos atos, de nossas traduções; a nossa resposta às questões da vida, aos fenômenos, aos acontecimentos enquanto seres-eventos em existência real, vem a ser o princípio do ato responsável. Miotello (2013) salienta que o momento da assinatura é o momento da minha posição, do *eu-para-mim* único, insubstituível e irrevogável; o tempo da vida, da ética, portanto, na perspectiva de Bakhtin, o pequeno tempo, do aqui-agora, do imediato. É nesse pequeno tempo que é possível a autopenetração, a autoconsciência, portanto um tempo de passagem ou fugidio, como afirma Miotello, mas necessário para “estabelecer por completo meus limites diante do outro-para-mim” (p. 223). Entretanto o movimento da arquetônica do ato, se condensado no pequeno tempo, não há como alargar, não há lugar para penetração de outras consciências; Bakhtin nos diz sobre a arquetônica do mundo real do ato:

Eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os estéticos e sociais) e, finalmente, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (BAKHTIN, 2017, p. 114-115).

As duas dimensões do tempo bakhtinianas se incluem e estão dentro da história, embora o grande tempo seja de fato o tempo que inclui toda a experiência humana, portanto o lugar da história, onde os sentidos se alargam e podem enfrentar as contradições, questionar as fixações, refratar-se. Assim, o grande tempo é o tempo da transgrediência, o tempo da alteridade, e é para mim o lugar de ancoragem de uma escritura de pesquisa, que é uma prática coletiva/social, em um mundo que está permanentemente em movimento. A pesquisadora e o pesquisador, em sua experiência com a pesquisa deslocam-se entre as duas dimensões de tempo bakhtinianas, mas é no grande tempo que de fato ela e ele encontram o outro nas suas questões existenciais concretas. A teoria, nessa dinâmica, se constitui na palavra outra, outras vozes que nos interrogam, nos inquietam, com as quais discordamos ou concordamos; vozes que nos ajudam a enunciar e a escriturar criativamente.

Então, esta escritura é a tentativa de revelar/desnudar a relação que se dá no encontro da infância com a militância e a pesquisa, no contexto da universidade. Três forças que juntas, na minha compreensão, são potentes no enfrentamento das situações de opressão, até porque sofrem opressão social em diversas dimensões, e por isso, cada uma delas em sua origem já é a condição de sua possibilidade: são transgressoras, subversivas e nesse sentido embatidas, destemidas e libertárias. Não é uma relação estabelecida como objeto de investigação para um grupo de pesquisadoras(es), mas uma relação criada por este grupo em sua trajetória de produção de pesquisa. Uma trajetória que teve seu início na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2010, sob a coordenação da Prof^a Ligia Aquino. Muitos outros grupos, não somente na UERJ, mas em outras universidades no Rio de Janeiro e no Brasil, criaram e continuam criando enredos com a infância, posso até dizer que, como o GRUPISD, tomam a infância nas tramas da pesquisa e da militância. Os temas centrais neste estudo são imanentes das práticas sociais e trazem em si um complexo tecido histórico em constante transformação. Portanto, na minha compreensão sobre a infância não há enredos comuns, não há o que dizer de ordinário no tocante à infância. Cada experiência de pesquisa, cada grupo e/ou pesquisadora(o) que se propõe em um encontro com a infância, que se debruça em olhar esse complexo tecido de forma atravessada, que se inquieta com ela, vai evocar sentidos novos, que emergem no tensionamento entre o mesmo e o diferente. É nesse sentido que compreendo a criação acadêmica: outras leituras, outras leitoras, muitas traduções, perguntas e perguntas, dúvidas e dúvidas, discordância e concordância; cotejos, risos e ironias e a eterna sensação de não estar saciado. *Contestare* para produzir contraste ou como nos diz Miotello,

Nos encontros entre diferentes, contraditórios é que a força libertadora se apresenta. Nas encruzilhadas é que temos a possibilidade do novo; nas relações de enxerto, de cruzamentos, de polinizações cruzadas, diversas, o novo pode surgir (2013, p. 222).

O encontro com a infância nas tramas da pesquisa produziu muitas possibilidades para novas relações entre infância-pesquisa-militância, como vértices de força para a produção de um tecido potente em Ciências Humanas; potente no sentido da possibilidade de aproximações com as crianças, com os territórios infantis, com outras pesquisadoras e grupos de pesquisa que se debruçam nesta temática, assim como professoras e profissionais da infância; potente no sentido de

contribuir com as práticas libertárias e anti-colonizadoras das experiências dessas pessoas; potente no sentido de produzir vozes resistentes e ao mesmo tempo penetrantes no intuito de atrair a empatia de outras consciências. É nesse sentido que, para mim, as multidões se formam e se tornam robustas no enfrentamento às forças de opressão, e por esse motivo considero a pesquisa acadêmica, especialmente no espaçotempo da universidade pública, um vértice de força para tensionar, deslocar e transformar os cenários sociais criados pelo estado de exceção imposto pelos grupos políticos liderantes. A constituição do GRUPISD, para mim, aviva ainda mais esse vértice de força uma vez que somos um grupo composto de uma maioria de mulheres e nossa produção é dedicada à infância.

Esta escritura tem esse compromisso com o espaço da academia, com a pesquisa e o seu valor social; com a pesquisa como motivação e ação para arrefecer os atos de desmonte, desmascará-los, deixar o rei e o seu reinado completamente nus; a pesquisa como movimento revolucionário e libertário. O tema aqui proposto se traduz na relação ética e estética imanente do encontro da pesquisa com a infância e a militância, compreendendo-as como três vértices de força neste contexto. A infância é o enredo cujas tramas se dão nas experiências da pesquisa militante. Uma pesquisa que além de militante se propõe infantil, porque pretende penetrar na infância pelas experiências e não pelas verdades ou ficções adultas, como nos fala Agamben. E nesse caminho tomo o cotejo, a leitura cronotópica e a compreensão respondente como recursos metodológicos, um aporte à arquitetônica dos nossos atos de pensamento, no trabalho de captura, tradução e, não menos, na composição da escritura, ou seja, recursos que nos orientaram em todas as experiências que constituíram esta pesquisa.

A questão do(s) gênero(s) discursivo(s) também foi fundamental na composição desta escritura. Minha empatia com o ensaio se deu em função das muitas possibilidades de arranjos que este gênero me ofereceu. Em princípio, por ser um ensaio, algo iniciante, inaugural, que não pretende trazer algo novo, mas a possibilidade, sempre, de um movimento renovador, transformador dos sentidos que já circulam entre falantes e pensantes, como fazem as crianças na produção de suas culturas: movimentam-se aqui e acolá, conseguindo ultrapassar as fronteiras que as separam do mundo adulto, porque como pessoas dos atos inaugurais seus

horizontes são mais livres e mais alargados. Outra questão que envolveu a empatia por este gênero foi sua leveza e descontração, o ensaísta é um “filosofista” que sabe que o risco é revolucionário, porque é despojado, é expansivo; o risco, a leveza, o riso, a ironia, a brincadeira se encontram no avesso do sério, portanto somente eles têm a força para desnudá-lo. Considero, com Starobinski (2018), a pluralidade e multiplicidade como características marcantes neste gênero. É possível ensaiar muitas vezes nossos pensamentos sobre um mesmo tema, e assim caminho na direção do que Bakhtin defende sobre o mesmo e o diferente juntos serem potentes para alargar sentidos e nunca para apagá-los. Sobre esta questão, vivo esta experiência com as arquiteturas que o GRUPISD criou para pensar a infância. O ensaio desta escritura que coteja as produções do GRUPISD evidenciou um tecido como uma colcha de retalhos, daquelas que minha mãe e avó (talvez) faziam, cosida a mão, com cuidado para não repetir os retalhos na mesma composição. Era bonito de se ver a colcha estendida na cama, e foi essa sensação que tive ao cotejar as produções do grupo: retalhos de pensamentos que mostraram um grupo de pessoas políticas bem heterogêneo, que em essência trazem algo de único e inteiro, mas ao mesmo tempo inacabado; uma produção de forças díspares com a infância ou como Miotello nos fala: muitas leituras, muitas traduções, muitas compreensões agitam os sentidos permitindo que circulem mais e com maior alcance: isso é transformador (2013, p.221).

Figura 1 - As ideias circulam e se transformam



Para um ensaísta diferentes concepções podem coexistir, pois ele bem sabe como criar as formas de dizer neste jogo dialógico entre a palavra própria, a palavra alheia e a palavra outra.

O GRUPISD inicia seus trabalhos no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, em 2010, e até o tempo da produção desta escritura (2020-2021) foram 8 dissertações de mestrado, 4 teses de doutorado, 1 trabalho de pós-doutoramento e 3 trabalhos de conclusão de curso, já concluídos e publicados. Em andamento há 6 teses de doutorado, incluindo esta pesquisa, sendo uma tese no Programa DINTER – Doutorado Interinstitucional com a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e 2 dissertações de mestrado. Quando decidi pelas produções do GRUPISD como o campo de investigações pensei em fazer algumas escolhas, porque minha motivação era tomar esta produção como um aporte teórico na discussão que aqui proponho, que é a intensa relação entre militância, pesquisa e infância. Pensei no GRUPISD pela sua trajetória de dez anos dedicados à pesquisa com a infância; por ser um grupo de mulheres (em sua maioria) com uma história de trabalho e pesquisa com crianças pequenas e de permanência neste grupo, desde a sua origem na UERJ: algumas vieram desde a graduação e permaneceram

cursando mestrado e doutorado, e outras chegaram para cursar o mestrado e permaneceram no doutorado. E não menos importante, porque as leituras, discussões, traduções e compreensões as implicou em uma posição com relação à militância como experiência imanente da pesquisa acadêmica, ou melhor dizendo, um grupo de pessoas políticas não faz pesquisa, mas milita com a ciência, e é com essa militância que deve responder às questões da vida, da cultura e da própria ciência.

Bakhtin foi um grande pensador da existência humana, do valor da vida humana, e os caminhos pelos quais percorreu para aproximar-se dos humanos foi através de sua paixão pela palavra, pela língua, pela capacidade humana de enunciação. Para Bakhtin, o romance é um lugar alargado pelo qual olhamos a vida, e essa experiência é possível com e pela linguagem. De todos os gêneros da literatura em que Bakhtin (2014, 2015) debruçou seus estudos, o romance se destacou pela sua capacidade de habitar muitos gêneros em sua narrativa, daí porque considerar este gênero como plural. As obras dedicadas ao estudo dos romances de Dostoiévski e Rabelais foram fundamentais para a compreensão dessa busca de Bakhtin pela imagem de humano cronotopicamente valorada. Aliás, o cronotopo foi para este autor uma valiosa ferramenta que ele mesmo criou para pensar os romances e os romancistas, em diferentes tempos e espaços nos quais tiveram suas obras escritas. Essa imagem de humano que Bakhtin resgata dos romances é o “homem no seu limiar, em estado de crise” (2015, p. 347). Esse humano no limiar está na obra de Dostoiévski enfrentando o mundo, as relações de poder, as hierarquias sociais. Dostoiévski, para Bakhtin, foi brilhante em criar um discurso polifônico na relação personagem-autor em suas obras:

Essa consciência do outro não se insere na moldura da consciência do autor, revela-se de dentro como uma consciência situada fora e ao lado, com a qual o autor entra em relações dialógicas (idem, p. 338).

Essa outra consciência está em crise, totalmente sem garantias. Bakhtin nos fala que Dostoiévski cria uma concepção de espaço artístico totalmente original, que é a praça carnavalesca: o lugar dos escândalos, desatinos extravagantes, histerias, traições (idem), lugar que reúne pessoas que estão separadas pelas hierarquias da vida: o miserável e o milionário, a prostituta e a princesa, o cavaleiro e o vagabundo,

etc. Essa praça, segundo Bakhtin, não é a praça pública da Idade Média, mais um lugar comum em que essas hierarquias desaparecem, como o cemitério, a festa profana, a cena do crime etc. Já Rabelais ancora a base de sua obra na cultura popular e cria a imagem do homem grotesco, aberto e sem fronteiras, desprovido de autoconsciência, o homem da praça pública.

A tarefa de Rabelais é limpar o mundo espaço-temporal dos elementos que o corrompem, da visão do além, da interpretação simbólica e hierárquica desse mundo em vertical, do contágio da *antiphisis* que nela penetrou. Em Rabelais, este problema polêmico conjuga-se com outro positivo: a recriação de um mundo espaço-temporal adequado, um cronotopo novo para um homem novo, inteiro, e de novas formas para as relações humanas (2014, p. 283).

Em um tom bizarro, grotesco e sarcástico, Rabelais colocou em questão as mazelas do mundo medieval apontando, com sua obra, que mais adiante havia possibilidades e grandes transformações, ou melhor, Rabelais, para Bakhtin, mostrou em sua obra um prenúncio do final da Idade Média. Isto, para Bakhtin, foi inovador na obra de Rabelais. Por isso, trouxe essa discussão bem ligeira, porque falar de como Bakhtin compreendeu as obras desses autores e o quanto impactaram em sua filosofia, em seu projeto de vida e obra, daria outra tese. O que importa é que Bakhtin criou uma arquitetura para leitura e análise crítica (por hora vou dizer desta forma) de obras literárias, especialmente os romances, que me interessou tomá-la como metodologia nesta pesquisa: a leitura cronotópica. Bakhtin lia os romances questionando com a obra/autor quais formas de tempo, espaço, imagens de humano, quais valores humanos, ideais/motivações, enredos, enfim, como essas questões estavam colocadas na obra. Vivi, com o Grupo Atos, uma experiência com essa forma de leitura crítica, na ocasião em que estudávamos o cronotopo em Bakhtin⁴. Nessa experiência buscamos as formas cronotópicas no curta-metragem *O Mercador*⁵. Cada um assistiu em sua casa e produziu um material, que no grupo denominamos cartografia cronotópica. Mais adiante, em um outro ensaio vou falar com mais intensidade desta experiência. Cabe colocar aqui, que Bakhtin pensou o cronotopo relacionado à arte e à literatura, que ele mesmo afirma que “estão impregnadas de valores cronotópicos de diversos graus e dimensões” (2014, p.

⁴ Aqui faço referência à disciplina *O Cronotopo em Bakhtin*, ministrada pela Prof^a Marisol Barenco, na Creche UFF, no segundo semestre de 2018.

⁵ Curta-metragem dirigido por Tamta Gabrichidze. Estreou em 19/01/2018, e está disponível no Netflix, uma provedora global de filmes e séries de televisão.

349), mas fui provocada a compreender, inspirada nesta criação bakhtiniana, que a escritura de uma pesquisa como produção humana, também é carregada de valores cronotópicos, até porque o cronotopo bakhtiniano é fundamentalmente humano, já que os humanos possuem em sua essência as dimensões espaço-temporais valoradas, ou seja, não há como pensar o tempo e o espaço fora dos horizontes humanos, de suas experiências e de sua história. Nesse sentido, me senti provocada pela experiência que vivi com o Grupo Atos, e decidi produzir as formas cronotópicas como uma metodologia de olhar e compreender responsivamente a produção do GRUPISD, uma forma de capturar os atos deste grupo que traduzem a relação infância-militância-pesquisa impressas em sua produção.

A figura 1 mostra um dos movimentos produzidos pelo GRUPISD nas suas experiências com a infância, a pesquisa e a militância. Não vou aqui narrar a trajetória inicial deste grupo de pesquisa, já que isso é possível nas produções do grupo disponíveis na página do PROPED, mas dizer que sua origem se deu no interesse com a criança e a infância dentro da instituição de educação infantil, especialmente nas creches universitárias. As primeiras pesquisas a serem apresentadas em suas bancas traziam esta marca que diferenciava o GRUPISD dos demais grupos de pesquisa da linha, no PROPED. A infância se constitui no enredo pelo qual as tramas da pesquisa deste grupo se encontram e se entrelaçam, se interpelam. Assim, ao pensar a infância localizada no cronotopo da escola o GRUPISD produziu uma imagem valorada da criança como o herói/personagem deste enredo: a criança pública no mundo da escola. Nesse mundo institucionalizado já se colocam muitos ruídos que nos atrapalham em capturar às singularidades que nos aproximam da criança em seu universo privado, ou seja, pensá-la para além da escola em uma experiência singular. Não estou aqui dizendo que não seja possível capturar a criança privada neste cronotopo, mas colocando as dificuldades e os riscos por ser um espaçotempo coletivo e intencionalmente organizado.

Assim, esse cronotopo que o GRUPISD produziu com as creches universitárias encontrou a criança pública, totalmente exteriorizada, traduzida pelos seus direitos, pela sua cidadania, pelas suas representações sociais, mas desprovida de sua vida privada, já que a escola de educação infantil emoldurou, com

todas as suas formas de normatização, as formas cronotópicas pelas quais as crianças e a infância foram sendo traduzidas nos trabalhos do grupo, especialmente no período que se deu da sua criação no PROPED (2010) até o ano de 2017, em que uma outra forma de herói começa a aparecer em suas produções: a criança como pessoa política, como pessoa da experiência, atuando em outros espaços diferentes da escola, nas manifestações, nas ruas, nas praças, nos movimentos sociais, enfrentando mazelas e escapando de todas as tramas que enredam sua condição de sujeito de direitos, de cidadania, para viver uma experiência de participação infantil, uma experiência de produção de culturas infantis distinta, inclusive daquelas antes narradas nos trabalhos do GRUPISD: experiências na clandestinidade.

A escola de educação infantil como cronotopo para pensar a infância produz uma espécie de força centrípeta atraindo para si a infância e criando uma forma específica de acabamento nas escrituras do grupo. Fui, também, como pessoa implicada nesta produção, me incomodando com esta força a partir da experiência que o grupo vivia em encontrar a criança fora do espaçotempo da escola, experiência esta proposta pelas pessoas que foram se incorporando ao grupo. Entretanto, defendo que a educação infantil seja a questão pela qual o grupo milita, pois somos um grupo de pesquisa com a infância e com o saber docente. Ser um grupo que tem este vértice de força, nos deu a liberdade para avançar os limites da escola e encontrar as crianças e a infância em outras experiências, não menos formadoras, não menos interativas, não menos coletivas e com muita potência para pensar o espaçotempo da educação infantil, assim como o saber docente, e acima de tudo, perceber as artimanhas que as crianças fazem para penetrar em universos culturais que não são pensados e organizados para elas. Aliás, essa questão tem mobilizado demais o GRUPISD, uma vez que o espaço da cidade é inteiramente constituído de lugares e acontecimentos que não incluem as crianças, mas de uma forma clandestina, imprópria, não legal elas penetram e impõem a sua forma de participação, porque acompanham seus pais ou adultos por ela responsáveis, porque estes precisam estar ali e as crianças precisam acompanhá-los.

Certa noite quente de dezembro, daquelas que a gente não aguenta ficar em casa, presenciei crianças de diferentes idades, em uma praia na Ilha do Governador,

bem tarde da noite, brincando juntas de “receber santo”⁶, enquanto seus pais participavam de uma reunião umbandista. Elas ali, em roda, com várias dramatizações e encenações, rindo muito, se entendendo e se desentendendo em suas posições, enquanto os adultos, alheios às crianças, seguiam à risca e com seriedade os rituais da religião. Não havia, então, seriedade na brincadeira das crianças? Claro e muita!!!! Elas nessa brincadeira de “receber santo” iam mostrando, ainda que clandestinamente, suas traduções sobre os rituais que os adultos praticavam (e isso devia acontecer com certa frequência) criando traduções e interpretações (e não representações) daquilo que viam em sua experiência como acompanhantes dos adultos.

Minha compreensão sobre as culturas infantis alargou-se muito mais quando passamos a pensar a criança nos espaços da cidade, em acontecimentos diversos. E não foi somente em presença, mas pelas leituras do grupo em trabalhos que se debruçam nesta temática, assim como acontecimentos diversos divulgados na mídia e em redes sociais. Se as experiências que circulam no universo da escola, ainda que envolvidas na trama do direito e na trama da participação social revelaram para o grupo uma certa dose de colonização adulta em relação às experiências infantis, encontrar as crianças fora deste lugar deslocou nossas formas de tradução da infância e das crianças, para pensá-las como pessoas políticas e tomar a infância como experiência, como um acontecimento em que crianças e adultos são partícipes diferenciados no e pelo tempo. Nesse sentido, a força que mobiliza a infância torna-se centrífuga, refratada em uma infinidade de lugares, práticas culturais e experiências em que as crianças são heróis e heroínas desse enredo. Cabe colocar que não renuncio a uma forma pela outra, pois entendo que encontrar as crianças fora da escola possibilita uma imagem mais particular, mas própria ou diria até privada da vida das crianças, e isso ao retornar para o contexto da educação infantil é absolutamente transgrediente.

⁶ Esse era mesmo o nome da brincadeira. Eu sou umbandista e em dezembro é comum alguns grupos fazerem seus rituais na praia, assim como é comum que eu vá assisti-los. Nesse dia, especificamente, procurei me aproximar das crianças para observar mais de perto a brincadeira, com muito cuidado em não ser percebida, e ouvi quando uma delas chamou a outra que estava sentada brincando na areia, da seguinte forma: “Ei, vem brincar de santo com a gente!” E a outra lhe respondeu: “Não quero ser o Exu”. Cabe aqui ressaltar que eu não estava na condição de pesquisadora, mas isso nunca nos escapa!

Essa escritura não se pretende uma pesquisa sobre a trajetória de um grupo de pesquisa, muito menos sobre como um grupo de pesquisa se relaciona com a infância. A motivação está em compreender responsivamente militância e pesquisa como experiência capital no *espaçotempo* da universidade e, é claro, como ação afirmativa com as crianças e a infância.

Falar do enredo e suas tramas é o tema deste ensaio inaugural da escritura, que estou chamando de *O ensaio e seu tecido: o tema, a trama, o enredo. Ensaio de apresentação*. Uma vez que a escritura em si traz o ensaio como um acontecimento considero profícuo inaugurar esta conversa contando sobre o enredo e as tramas que vão preenchê-lo com sentidos, vão torná-lo um tecido com muita potência para esta escritura. Neste primeiro ensaio, então, minha intenção é compartilhar com os leitores os pensamentos que produzi em minhas experiências de pesquisadora, na busca por uma aproximação mais alteritária com a infância, com as crianças, com parceiros de pesquisa que também militam com a infância, com companheiros da educação nas instituições e, especialmente, nas escolas de educação infantil universitárias. Também intencionei defender o quanto pesquisa e militância são indissociáveis em atos e sentidos, principalmente em um tempo de estado de exceção como o que estamos vivendo nos últimos sete anos (2014-2021), em que precisamos fortalecer nossas arenas dialógicas, já que a maior arma do adversário está em propagar um discurso de ódio, esvaziado, segregador e altamente contagioso, pois suas potencialidades tóxicas estão disfarçadas com um certo sabor que, em primeira prova, parece palatável.

Seguindo o ensaio inaugural trato das formas arquitetônicas do ato e da construção composicional, temática e estilística na escritura. Esse é o momento de falar sobre o jogo dialógico bakhtiniano, que se dá em uma arena de lutas de sentidos, sim, mas é um jogo de amorosidade. Miotello traduziu este jogo fazendo uma paráfrase com Descartes que considerei fantástica e bastante providencial para expressar o que estou tratando neste ensaio: “O outro pensa em mim/eu penso nele, logo eu sou”⁷. A arquitetônica do ato vai abarcar uma boa parte deste jogo: os atos de leitura, interpretação e compreensão respondente em todas as experiências

⁷ Valdemir Miotello ministrando uma aula na disciplina *Linguagem, Cultura e Processos Formativos: estudos bakhtinianos*, coordenada pela professora Marisol Barenco, em 3/07/2017, na Creche UFF.

inerentes à pesquisa, tipo: com quem diálogo? Quais serão as fontes de captura? Como serão os arranjos com as vozes na tessitura do texto? Tudo isso é fundamental e aqui compreendo, com Bakhtin, a “arquitetônica do mundo real do ato”, em que “todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais”: o eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro (2017, p. 114). A assinatura tem sua origem, necessariamente, por essa arquitetônica, pois através dela é possível imprimir a minha participação no mundo, rejeitando a participação representada. Somente *EU* posso dizer aquilo que digo com a *minha* consciência, embora não diga sozinho e nem de forma inaugural. Assim se traduz o ato responsável e, não menos, a compreensão respondente, que se materializa na escritura da obra. Para Marisol Barenco, o ato responsável é aquilo que constitui o humano como ser-evento, pois cada vez que enunciamos possibilitamos que a existência humana se perpetue; o mundo cognitivo é o registro da passagem dos humanos no mundo, a posição de cada um de nós diante da vida e as verdades dos nossos atos responsáveis (conteúdo-sentido do ato)⁸. Daí o cuidado com a composição da escritura, com a forma pela qual vamos enunciar nossos sentidos e legitimar nossos atos.

Bakhtin nos diz que os enunciados trazem em si as “condições específicas e as finalidades” inerentes a cada campo da atividade humana no qual enunciamos, já que toda e qualquer atividade humana envolve o uso da linguagem (2015, p. 261). Com Bakhtin, compreendi que pensar sobre o conteúdo (tema), a estilística e a composição da escritura envolvem pensar nos gêneros discursivos, envolve pensar quais gêneros do discurso me ajudam melhor a enunciar meus atos e de que forma esses gêneros serão tratados na narrativa. O ensaio que segue aquele que tomo como inaugural na escritura denomino “O jogo dialógico: a *minha* palavra, a palavra *alheia* e a palavra *outra* por *mim* assinada. Ensaio de metodologia”, e vai tratar dessas questões: o ensaio como opção pelo gênero discursivo, o *cotejo*, a *leitura cronotópica* e a compreensão respondente como metodologias para a construção arquitetônica e composicional da escritura.

A partir destes dois primeiros ensaios, segui com o *Ensaio com a infância penetrante e clandestina*, abordando os pensamentos que produzi como forma de

⁸ Inspiração na fala de Marisol em ocasião da disciplina por ela ministrada *Linguagem, Cultura e Processos Formativos: estudos bakhtinianos*, na Creche UFF, 6/06/2017.

aproximação minha e desta pesquisa com as crianças e a infância, uma vez que esta última se constitui no enredo pelo qual esta pesquisa se descortina. Neste ensaio não estou tratando da colcha de retalhos que o GRUPISD produziu ao pensar com a infância ao longo dos dez anos de atuação na UERJ, mas da infância que sustenta esta escritura, da minha compreensão responsiva e assinada com a infância e com as crianças. E nesse sentido, a ideia de *experiência* e as analogias ao *penetra* e à *clandestinidade* foram ideias com as quais me abracei para criar possibilidades de aproximação e encontros, considerando a peculiar forma de captura de vozes e consciências proposta pelo GRUPISD em sua trajetória de pesquisa e produção de conhecimento, da qual tenho muita empatia. Portanto, cotejar os atos de pensamento com a arte literária foi o caminho pelo qual a produção desta *infância penetra clandestina* se deu, assim como cotejar Bakhtin, W. Benjamin e Jorge Larrosa Bondiá para pensar infância e experiência, duas ideias que circulam em mim no mesmo campo semântico.

Ao ensaio com a infância segue *O grupo Infância e Saber Docente visto pelas lentes cronotópicas da pesquisadora: Formas cronotópicas (e outras formas) para falar da produção de conhecimento de um grupo de pesquisa*, em que narro minha forma de compreensão respondente a partir da leitura cronotópica das obras produzidas pelo GRUPISD no período de 2013 a 2018. Nesse ensaio, as pesquisas de mestrado do grupo foram lidas e analisadas quanto às formas cronotópicas de *tempo, espaço, herói, ação e força*. Excluí dessa leitura as pesquisas de doutorado já concluídas; as pesquisas de mestrado e doutorado que não foram concluídas até o tempo em que este ensaio foi escrito, e os trabalhos de conclusão de curso, por questões que trato no próprio ensaio.

O GRUPISD também tem uma participação bem militante em outro espaço que não é presencial e nem literário: o *WhatsApp*. Trata-se de uma rede social de comunicação instantânea e, de certa forma, reservada. Considerei os dois grupos do *WhatsApp* dos quais fazemos parte. Um grupo foi criado pela Prof.^a Dra. Ligia Aquino para as comunicações do próprio GRUPISD, e constantemente ele é modificado pela condição dos seus participantes: uns saem, outros retornam. Este grupo é denominado *GP Infância*, foi criado em 3/04/2018 e, até o momento, tem vinte e dois participantes. O outro grupo é o *Unidades Universitárias*, de abrangência

nacional, criado em 25/08/2016, com a intenção de aproximar profissionais e pesquisadoras(es) com atuação, direta ou indiretamente, em unidades de educação infantil universitárias localizadas em diferentes regiões brasileiras.

Tratar da rede *WhatsApp* como espaço para pesquisa militante foi um tema que constou da proposta inicial, defendida no projeto de qualificação desta pesquisa. Nesta ocasião fui desafiada pela prof.^a Rita Ribes a pensar o *WhatsApp*, com Bakhtin, como uma “nova estética da criação verbal”. Desafio e tanto, pois Bakhtin fez muitas idas e vindas, muita circulação de palavras, muita conversa, muitos apontamentos para que pudéssemos ter acesso a sua valiosa obra *Estética da Criação Verbal* em 1979, quatro anos após sua morte, com publicação em Moscou pela Editora Iskustvo, e em 1992 aqui no Brasil, pela Livraria Martins Fontes. Acredito que esta rede social de ampla utilização aqui no Brasil chamaria a atenção de Bakhtin, pois certamente ele sentiria a necessidade de alargar suas ideias sobre a criação verbal a partir do *WhatsApp*, até porque Bakhtin era um amante da palavra, da linguagem verbal e da comunicação humana, nas mais variadas formas. Assim, por ser esta escritura uma composição de ensaios; por serem os ensaios escritas embrionárias, inaugurais, incompletas, inacabadas, resolvi ensaiar a minha compreensão do *WhatsApp* como uma “nova estética da criação verbal” e lançar adiante, como os gritos de galo nas tessituras da manhã, igual pensou o poeta⁹. Agora, não poderia fazer isso à revelia do autor, portanto, este ensaio será em correspondência com Bakhtin, e estou denominando de *Ensaio por correspondência. Bakhtin e eu, por uma outra estética da criação verbal*.

E quando chega o momento de falar a ensaísta, escrevi *Em um ensaio, palavras são brechas: conversas de acabamento*, porque escrever esta tese e escalar o Everest não deve ter muita diferença em termos de emoção e incertezas. Porém, como nunca escalei e não pretendo escalar o Monte Everest (respeito e admiro quem teve essa coragem), aventurei-me na escrita da tese, e a comparação que fiz com a escalada ao Monte Everest é por conta dos acontecimentos que fizeram parte do cronotopo que a constitui: golpe, prisão política, assassinato, greve, desgoverno, pandemia, cirurgia e outros tantos enfrentamentos.

⁹ Tecendo a Manhã, por João Cabral de melo Neto. Disponível em : <https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha>. Acesso em abril de 2020.

Essa parte da escritura tem sua origem nos acontecimentos que se deram do momento em que decidi me aventurar na experiência do doutoramento, mas também em uma *live* que assisti como evento para o lançamento do livro *Pesquisa, alteridade e experiência*, da Editora Ayvu, com Adrienne Ogeda Guedes e Tiago Ribeiro, que me acolheram em minhas ousadias ao tratarem das “metodologias minúsculas” para pensar, investigar e narrar pessoas, contextos e questões também considerados minúsculos em nosso universo social. É para dizer, também, que sobrevivi e que esta escritura representa a minha resposta a TODOS e TODAS que participaram, de uma forma ou de outra, do golpe que vem desmontando a democracia pela qual lutamos há décadas. Então, faço minhas as palavras do poeta...

“apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Inda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa”¹⁰

¹⁰ Apesar de Você - Chico Buarque. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=84PsKnaTlCg>. Acesso em 30/04/2020.

1 O JOGO DIALÓGICO: A MINHA PALAVRA, A PALAVRA ALHEIA E A PALAVRA OUTRA POR MIM ASSINADA. ENSAIOS DE METODOLOGIA

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.
M. Bakhtin (Volochinov), 1999

Qual o sentido de relacionar a infância com a militância? E com a pesquisa? Bem, vou agora me dedicar a pensar sobre essas questões. Pensar sobre elas, mas sem o propósito de responder por elas. Uma narrativa científica, para mim, não pode se constituir em respostas e soluções para problemas colocados. Minha preocupação está em produzir problematizações por compreender que assim me aproximo mais da vida, que é o palco das experiências, que são ingredientes da arte, da religião, da própria vida e da ciência. Campos da existência humana, mas que não são naturalmente humanos, ou seja, não nos são dados em função de nossa constituição biológica, mas pela nossa encarnação na, com e pela vida. Bakhtin diz que incorporamos a ciência, a arte, a cultura (e a religião) como essência, nos nossos atos de pensamento, em unicidade. Daí porque devemos ter responsabilidade por isso. Ele fala, em *Arte e Responsabilidade*:

O que garante o nexos interno entre os elementos do indivíduo? Só a unidade da responsabilidade. Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com a minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos. No entanto, a culpa também está vinculada à responsabilidade. A vida e a arte não devem só arcar com a responsabilidade mútua, mas também com a culpa mútua. O poeta deve compreender que a sua poesia tem culpa pela prosa trivial da vida, e é bom que o homem da vida saiba que a sua falta de exigência e a falta de seriedade das suas questões vitais respondem pela esterilidade da arte (BAKHTIN, 2015, p. XXXIII e XXXIV).

Bakhtin diz, então, não somente dos poetas, mas das pessoas comuns, dos homens e mulheres de outras artes, dos sacerdotes e sacerdotisas e, não menos, dos pesquisadores e pesquisadoras, aqueles que se debruçam em produzir suas obras no campo da ciência. É demasiadamente grande a responsabilidade e tão grande é, também, a culpa pela nossa fluidez, pelos nossos deslizes e pela nossa superficialidade porque devemos responder com a ciência por tudo o que vivenciamos na vida e com a vida por todas as experiências que vivenciamos na pesquisa.

E para começar este ensaio, Alice me veio como centelha:

Meu Deus, meu Deus! Como tudo é esquisito hoje! E ontem tudo era exatamente como de costume. Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: “Quem é que eu sou?”. Ah, essa é a grande charada! (CARROLL, 2002, p. 26).

Alice e seu criador não estão se entendendo, posso até ouvi-la dizer: *Eu estava lá quietinha, na minha caminha, dormindo confortavelmente e ele veio e me acordou! Me atirou nesse tal de País das Maravilhas e depois quer que eu volte a ser a mesma? Quem sou eu, afinal? “Receio não poder me expressar mais claramente”, (...) “pois, para começo de conversa, não entendo a mim mesma. Ter muitos tamanhos num mesmo dia é muito confuso”* (idem, 61).

Muitos tamanhos em um mesmo dia, muitas imagens refletidas nos espelhos. Somos uma charada? Somos, então, pouco inteligíveis? Alice, talvez, não tenha encontrado a palavra certa, mas o desconforto com a imagem que o autor a queria imprimir, talvez por não ter empatia com essa imagem, aliás o que o espelho fala sobre nós?

Figura 2 - O que o espelho nos mostra?¹¹



Fonte: Brasil de longe, 2013

¹¹ Disponível em <https://brasildelonge.com/tag/charge/> . Publicada em 2/10/2013.

Como se dá o dialogismo quando a palavra não está posta em alteridade? O espelho acaba por tornar-se nosso cúmplice, refletindo aquilo que queremos dar a conhecer e nunca quem somos, porque esse EU não é possível refletir-se em semelhança consigo e muito menos com o outro. Não somos a semelhança e não temos semelhante e, como nos diz Bakhtin, “de um ponto de vista ‘objetivo’ existe o homem, a personalidade, etc., mas a diferença entre o *eu* e o *outro* é relativa: todos e cada um sou *eu*; todos e cada um são *outro*” (2019, p. 55). Esse EU refletido em imagem de mim mesma se sobrepõe ao *outro*, principalmente se o tomo como semelhante. Essa imagem não tem veracidade sobre mim e é impossível responder pela a vida com aparências.

A grande causa da compreensão é a distância do indivíduo que o compreende – no tempo, no espaço e na cultura - em relação àquilo que ele pretende compreender de forma criativa. Isso porque o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente nem a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudarão; sua autêntica imagem externa pode ser vista e entendida apenas por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem outras (BAKHTIN, 2015, p. 366).

Alteridade e exotopia. Questões fundantes tomadas por Bakhtin para pensar a nossa presença e a presença do outro, os atos humanos e suas experiências no e com o mundo, que a vida e a ciência, por si só, não foram transgredientes para produzir sua filosofia. Bakhtin buscou na arte um caminho desviante para pensar o humano; arte como dimensão estética da vida humana, que permite olhar a vida e o outro refratados, alargados em seus horizontes. Venho percorrendo este caminho na academia, tomando a pesquisa como experiência e a escritura como obra, porque os atos de pensamento que envolvem a produção científica, para mim, são atos criadores. Bakhtin diz que o autor se encontra no todo da obra, “no momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem intimamente”, mas ressalta que é na forma “onde mais percebemos a sua presença” (Idem, p. 399). E neste sentido, tenho me deparado com dois grandes desafios, sendo a forma do texto (qual ou quais gêneros discursivos) e o da alteridade e exotopia (lugar ou lugares das vozes e posições éticas na arquitetura da pesquisa), que poderia tratá-los como desafio da estética nas minhas narrativas.

Ambos os desafios estão para mim como navalha na carne. Encontrar com Bakhtin foi uma experiência que não me permitiu mais ser as mesmas pessoas. Portanto, se o pensamento bakhtiniano me convoca para a desconstrução e para o

destronamento em meus atos, esses acontecimentos têm violado os cânones da academia. Reconheço que um texto dissertativo argumentativo, que é a estrutura que comumente enuncia os textos na academia, tem me conduzido muito mais aos deslizes do que os deslocamentos e ao destronamento nos meus atos de pensamento, como entendo que seja uma escritura militante, que me permita responder à pesquisa com a vida, lado a lado, responder pela vida com a pesquisa e tomar a escritura como um ato responsável de um grupo de pessoas políticas, que têm na academia o lugar de olhar a vida de modo não frontal e produzir ciência com ubiquidade. O que na verdade defendo é que há, no contexto do diálogo aqui proposto, duas posições que caminham em paralelo, sem pontos de encontro: o compromisso com a produção de uma ciência para a alteridade na relação infância e universidade e as condições, deveres e enformações que legitimam os discursos na academia; como na analogia do peixe e do aquário: “o pensamento que, como um peixe no aquário, choca-se com o fundo e as paredes, não pode ir além e mais fundo” (Bakhtin, 2015, p. 401), sem com isso extrapolar as fronteiras discursivas da academia. São os desencontros e as dissonâncias entre forma e conteúdo. O que quero admitir, aqui, é que esse modo frontal de olhar a vida e desta perspectiva produzir ciência ainda encontra um espaço considerável nas Ciências Humanas, daí porque digo que o desafio da escrita é como a navalha na carne, temos que navalhar e deixar escorrer, fazer a sangria, e isso além de doer é um risco.

Em Bakhtin (2015), compreendo que o ser-evento é encarnado em linguagem, já que ele nos diz que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, diversos e multiformes, tanto quanto são diversos e multiformes os usos da linguagem pelos humanos nos mais variados acontecimentos de sua existência (p. 261). Nesse caminho, Bakhtin chega aos gêneros discursivos, o que importa nesse momento, já que penso uma escritura militante e alteritária em Ciências Humanas.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (2015, p. 262).

Certamente, isso me implica atravessar os caminhos pelos quais trilham os discursos acadêmicos, com suas características estruturais, discursivas,

pragmáticas e retóricas. Encontro também com Starobinski (2018), que me diz dos discursos acadêmicos e suas marcas impostas pelos modelos positivistas tendo “fixado as regras e os cânones da pesquisa exaustiva séria”, que parece contribuir, muitas vezes, no apagamento do “brilho do estilo e das audácias do pensamento” para que se possa produzir um conhecimento “sério” e reconhecidamente comprovado (p. 15). Portanto, a academia enuncia os seus discursos produzindo gêneros distintos, mas de certa forma estáveis, como artigos, resenhas, resumos, ensaios, apontamentos, teses e dissertações, entre outros em linguagem escrita, mas também os textos acadêmicos orais, como aulas expositivas, palestras, colóquios, entre outros, mas é exatamente nesta estabilidade que se encontra o desafio que estou tomando como a navalha na carne, pois pretendo uma forma de escrever que permita em sua arquitetura reluzir o “brilho do estilo” e “as audácias do pensamento”, como me provocou Starobinski com suas palavras. Com este autor, também com György Lukács encontrei no ensaio uma possibilidade de gênero que conversa com a arte sem com isso esgarçar o discurso acadêmico.

Tomo a leitura da obra *Doze ensaios sobre o ensaio. Antologia Serrote*¹², indicada por uma colega do ATOS, mobilizada pela maior preocupação que surgiu na ocasião da qualificação desta tese: o esgarçamento do gênero acadêmico. Esta questão me colocou em uma encruzilhada, com a navalha na carne. Enunciar em qualquer ciência é enunciar com humanos e com a vida humana, principalmente nas ciências humanas que, como nos diz Bakhtin, tem seu objeto no “ser expressivo e falante, esse ser que nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (2015, p. 395). Assim, era preciso encontrar um gênero que me possibilitasse narrar com a dose certa de penetração e distância: *EU* e o outro e *nossos* lugares valorados no mundo. Um gênero que encontrasse empatia com os gêneros acadêmicos e amorosamente os abraçasse, para produzir um tecido com potência de compreensão respondente, sem deslizes e sem esgarçamentos. Li esta obra motivada pelas centelhas que deslocavam meus pensamentos para encontrar outros sentidos naquilo que procurava traduzir das

¹² Segundo a orelha desta obra, *Serrote* é o nome de um periódico publicado pelo Instituto Moreira Salles, que se constitui em coletâneas de ensaios. Esta obra, particularmente, reúne ensaios de autores que buscaram explicar este gênero, criado por Michel de Montaigne, no século XVI, a qual recomendo a leitura.

experiências com a pesquisa. Starobinski vai ao âmago do termo ensaio e obtém sentidos que muito me interessaram para a arquitetura que procurei produzir neste trabalho,

Essai [ensaio], conhecido em francês desde o século 12, provém do latim tardio *exagium*, “balança”; “ensaiar” deriva de *exagiare*, que significa “pesar”. Nas vizinhanças desse termo, encontramos “exame”: agulha, lingueta do fiel da balança e, conseqüentemente, pesagem, exame, controle. Mas outra acepção de “exame” aponta para o enxame de abelhas, a revoada de pássaros. A etimologia comum seria o verbo *exigo*, empurrar para fora, expulsar e depois exigir. Quantas tentações se o sentido nuclear das palavras de hoje resultasse do que elas significaram num passado longínquo! Dizer “ensaio” é o mesmo que dizer “pesagem exigente”, “exame atento”, mas também o “enxame verbal” cujo impulso liberamos (2018, p. 13).

Starobinski, como Miotello (2013, 2017), deixou engravidar a palavra e se nutriu com os sentidos que ela pariu em suas ideias, e a experiência com a escrita precisa permitir isso para que possamos provocar outras emoções, para além daquilo que é e deva ser sério em uma produção acadêmica, talvez rir, chorar, enraivecêr-se, interrogar-se, por que não? “Enxame verbal cujo impulso liberamos” soou para mim como uma centelha de sentidos que coloca o ensaio como um gênero possível para enunciar uma ciência da alteridade, também infantil.

Para Starobinski, Montaigne criou um gênero que pode deixá-lo falar sem correr riscos em um tempo sombrio (século XVI) e, como disse o autor, “em tempos de intolerância não era de bom alvitre atizar, com teses por demais afirmativas, a acusação de heresia ou impiedade” (idem, p. 16). Dotadas de doses de fantasia e *imaginação vacilante*, as palavras do ensaísta expressavam o que o autor considerou como um esboço da verdade, uma tentativa de olhar do lugar em que experimenta o mundo das coisas, das pessoas e dos acontecimentos: “meditar e manusear a vida” sem abstenções (idem, p. 17).

Escrever, para Montaigne, é ensaiar de novo, com forças sempre jovens, num impulso sempre primeiro e espontâneo, tocar o leitor na carne arrastá-lo a pensar e sentir mais intensamente. É às vezes também surpreendê-lo, escandalizá-lo e incitá-lo à réplica. Ao escrever, Montaigne queria reter algo da voz viva, e sabia que “a fala é metade o que fala e metade o que escuta” (Starobinski, 2018, p. 22).

Me senti por demais abraçada, diria, também, hospedada nas ideias de Starobinski. Não somente porque com ele pensei um jeito de tomar o ensaio na academia como um gênero legítimo para enunciar uma pesquisa militante e alteritária, mas, e com muita potência, pensar o ensaio como um gênero que pode

me aproximar das crianças e da infância produzindo uma pesquisa com tons infantis. Há muitos dizeres na escritura de Starobinski que me provocaram a pensar o ensaio como um gênero infantil: por ser uma tentativa; por permitir a fantasia e as imaginações vacilantes; pela sua característica plural e multifacetada, já que uma obra pode conter vários ensaios em diversos gêneros; por ser o ensaio a meditação e o manuseio da vida pelo ensaísta, pois, segundo o autor, Montaigne admitia que pensava com as mãos (idem, p. 19). Enfim, foram centelhas de pensamento que Starobinski, também Lukács, produziram e que me deslocaram para traduzir o ensaio como um gênero infantil e com força discursiva.

Até que ponto os escritos realmente grandes, incluídos nessa categoria (ensaio) possuem uma forma, e até que ponto essa forma é autônoma? Até que ponto o tipo de intuição e configuração próprio a essa forma (ensaio) desloca a obra do campo da ciência e a traz para junto da arte, mas sem apagar as fronteiras que a separam desta última? Até que ponto lhe confere a força para uma nova ordem conceitual da vida, mantendo-a ao mesmo tempo distante da fria e plena perfeição filosófica? (LUKÁCS, 2018, p. 87)¹³.

Lukács me colocou questões que não se dão a respostas e soluções. Lembrei de Rita Ribes, na ocasião da defesa da dissertação de mestrado (28/08/2015), que me provocou dizendo que eu estava assombrada com “contradições que não nos deixavam dormir”. E são muitas! Um(a) pesquisador(a) é sempre um(a) obsidiado(a) pelas contradições, pelas interrogações, pelas controvérsias, que funcionam como alertas de perigo em seus atos de pensamento, pois são essas assombrações que lhes permitem caminhar pelo chão escorregadio sem cometer deslizos. Assim, com Lukács pensei que talvez a riqueza do ensaio seja de fato não ter autonomia. Talvez isso o possibilite ser infantil: o que há de embrionário, principiante, primário guarda em sua essência o ato inaugural infantil. As crianças inauguram o ser-evento, já que todas as suas experiências em todos os campos da vida humana são inaugurais; inauguram a linguagem, primordialmente, como condição humana para a eventicidade, e é neste ato inaugural que, em pares, criam as culturas infantis, que considero como um convite para a festa de renovação nos sentidos da cultura. Mas e a questão da autonomia? Não estou, aqui, dizendo que as crianças não têm autonomia em seus atos inaugurais, mas sim da fundamental importância da interação das crianças com os sentidos da cultura

¹³ Grifos meus

adulta, desse vivenciamento para que possam inaugurar-se como ser-evento no mundo e com o mundo. Portanto, traduzi a inauguração como o próprio ato infantil diante da vida, de si e dos seus outros.

Os gêneros acadêmicos estão circunscritos nas culturas adultas. São gêneros férteis. Os adultos não inauguram a palavra. Seja qual for o ambiente acadêmico: uma sala de aula, um gabinete da direção, um grupo de pesquisa, uma plateia em uma palestra, um laboratório, um curso, seminário, um café regado à conversa científica, enfim, cronotopos alargados nos mais diversos campos da vida humana, são homens e mulheres, jovens e adultos, comunicando enunciados concretos em discursos criadores, inovadores, mas não inaugurais, já que hospedam os sentidos produzidos em tempos e espaços também diversos.

É nesse sentido que tomo o ensaio como um gênero infantil em relação aos demais gêneros acadêmicos. Um gênero com potência para hospedar o ato inaugural. Reconhece a seriedade e a complexidade que constituem uma escritura científica; reconhece que o contexto de produção da experiência científica se constitui “em um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (Bakhtin, 2015, p. 263), porém sua essência aventureira, intuitiva, embrionária são capitais por permitirem leveza, liberdade, “inventividade”, o risco e até mesmo uma certa dose de anarquia, é como diz Starobinski “pressupõe abundância de uma energia alegre que jamais se esgota em seu jogo” (2018, p. 17). Escapa da zona de segurança que a estabilidade dos gêneros acadêmicos produziu e por isso é um risco. Risco pela abertura; pelo inacabamento, mas é exatamente este risco que o coloca na condição de uma escritura inaugural, capaz de evadir fronteiras sem perder, com isso, sua essência científica, pois sua potência inaugural não reside no conteúdo temático da obra (até porque não desejo uma tese de doutorado insipiente e pueril), mas no estilo e na sua arquitetura, propondo que é possível falar de coisas “sérias” produzindo um enxame verbal cujo impulso é liberado na escritura, como me convida Starobinski.

Mas, não foi somente o desejo de um gênero infantil que me aproximou do ensaio. Tomar a pesquisa como um ato de militância também me mobilizou para pensar no gênero (ou gêneros) pelo qual poderia enunciar um trabalho acadêmico.

Figura 3 -. Pintura no muro¹⁴

Fonte: Pinterest, 2020

Talvez, a beleza esteja exatamente no fato de haver pedras no caminho.

No meio do caminho
 No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.¹⁵
 Carlos Drummond de Andrade

Pensava, como muitos, que pedras no caminho deveriam ser evitadas. Pessoas comuns que se aventuram a removê-las são obstinadas, porém somente o poeta viveu intensamente a experiência do encontro com a pedra. A experiência única do poeta com a pedra inspirou a desconstrução da pedra como obstáculo para a criação da pedra como caminho. O poeta contemplou a pedra em seu caminho e o não saber sobre a pedra foi inspirador, ganhou sentido de caminho. E nesse caminho me encontro com Larrosa (2002), que me convida a pensar a experiência

¹⁴ Disponível em <https://br.pinterest.com/melissapmarchioni/intertextualidade/>. Acesso em 4/03/2020.

¹⁵ <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond04.htm>

invertendo a lógica que a associa ao conhecimento: quanto mais sei mais experiente me torno? Para Larrosa, o saber muito e muitas coisas nos afasta da experiência, seria quase a *antiexperiência*. O autor nesta questão não faz referência à sabedoria, mas sim à apropriação de informações. Inspirado em W. Benjamin, Larrosa diz que a contemporaneidade nos tornou empobrecidos em experiência, ainda que sabidos.

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está *melhor* informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (LARROSA, 2002, p. 22).

Então, nada acontece porque a experiência não é o que passa por nós. Penso que Larrosa esteja dizendo sobre algo que possa ser controlado, previsto e organizado para acontecer na dose certa para a nossa vida e que isso é a antiexperiência. Penso, também, essa antiexperiência como um molde, uma referência. Larrosa fala do conhecimento, do ato de saber, estar informado como condição para a pessoa experiente, e considera que esta condição é na verdade a não condição. Assim, pressuponho que a experiência como qualidade, como virtude não é possível, uma vez que a condição a qual Larrosa se refere de fato não se encontra na experiência, mas sim na pessoa, de forma única e irrepetível.

Aprendo com abelhas
 Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.
 É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
 É um olhar para o ser menor, para o
 insignificante que eu me criei tendo.
 O ser que na sociedade é chutado como uma
 barata – cresce de importância para o meu olho.
 Ainda não aprendi por que herdei esse olhar
 para baixo.
 Sempre imagino que venha de ancestralidades
 machucadas.
 Fui criado no mato e aprendi a gostar das
 coisinhas do chão –
 Antes que das coisas celestiais.
 Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
 tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.¹⁶
 Manoel de Barros

¹⁶ Manoel de Barros em *Retrato do Artista Quando Coisa*, Ed. Record, 1998. Disponível em <https://centroloyola.org.br/revista/bagagem/um-poema/120-aprendo-com-abelhas>. Acesso em 5/03/2020.

A poesia aconteceria independente da contemplação ou do sofrimento, caso o poeta tivesse distraidamente chutado a pedra ou fosse picado pela abelha. Assim como considero que o poeta aprende tanto com o bailar da abelha, quanto com a dor de sua picada, porque para o poeta a grandeza das coisas não se sobrepõe nunca a essas pequenezas. Se W. Benjamin nos diz que a experiência é única e irrepetível para cada pessoa; se Larrosa nos diz sobre o sujeito da experiência inversamente à experiência do sujeito; se Bakhtin criou o ser-evento, o que posso dizer é que não há garantias se não provar da sabedoria dos poetas e filósofos, dessas narrativas carregadas de experiências que me inspiram como temperos de sabedoria, centelhas, formas peculiares de olhar e contar a vida das quais os humanos ficaram empobrecidos¹⁷. Portanto, não somos militantes por consciência, como comumente dizemos das pessoas que militam; minha questão com a militância se traduz na experiência das pessoas que é essencialmente coletiva, encarnada de cultura, de mundo, do outro. Da consciência, como nos diz Bakhtin, não há como sair para a vida; somente podemos dizer da vida quando estamos inteiros nela em vivência com os nossos e tantos outros.

As palavras de W. Benjamin são fundamentais em um tempo em que as relações humanas se pautam em influenciadores e seguidores, e seguimos cada vez mais empobrecidos de experiências, pois se outrora as narrativas ficavam cada vez mais raras, agora foram arrebatadas pela inundação de informações, imediatas, fluidas e borradas

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (BENJAMIN, 1987, p. 203).

Informação, explicação, opinião: para W. Benjamin o sujeito experiente suplantou o sujeito da experiência; converteu-se em um imperativo ou na máscara do adulto contemporâneo, uma outra forma de pobreza.

¹⁷BENJAMIN, W. Experiência e pobreza in BENJAMIN, W. O anjo da história. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 85-90.

Figura 4 - Terra de Cego. Blog do Marson. Quadrinhos de Custódio¹⁸



Fonte: Pastor Luciano, 2009

Larrosa me inspira em pensar o sujeito experiente, aquele que sabe, que julga, que opina, que faz, que quer, como um sujeito falso. Essa forma de pensar desconstrói a experiência, embora não a destrua. Ele convoca a pensar a experiência pelos sentidos que as línguas oferecem. Ele vai ao espanhol e encontra a experiência como algo que nos passa, como um território de passagem; vai ao francês e a traduz naquilo que acontece conosco, um lugar aonde se chega; no português, italiano e inglês a traduz como aquilo que nos sucede (2002, p. 24). Em cada língua hospedou a palavra e a engravidou, parindo uma experiência com sentido desconstruído, deslocado de lugar, pois, para ele a experiência não reside na atividade da pessoa, mas sim na sua passividade, receptividade, disponibilidade e abertura. A pessoa da experiência é aquela que inspira e expira, e não a que respira; a pessoa da experiência é uma pessoa “ex-posta”:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex- pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco (Idem, p. 25).

Esse jogo de palavras que Larrosa propõe é de fato fantástico, pois afirma o quanto os significados de uma palavra estão estabilizados se a tomamos, fundamentalmente, no pequeno tempo. Marisol disse que o dicionário é um livro de

¹⁸ Disponível em <https://pastorluciano.blogspot.com/2009/11/terra-de-cego-blog-do-marson.html>. Acesso em 6/03/2020.

significados vencedores e o glossário traz o signo vencedor¹⁹, pois tanto um quanto o outro têm a intenção de elucidar, de explicar e são imperativos, eles imperam o que devemos apreender da palavra, ou seja, o signo e seus significados estabelecidos, e, com isso, esses “manuais” nos separam da experiência com os sentidos da palavra, a experiência com a linguagem. Então, a pessoa “*ex-posta*” é aquela que está disposta à prova, ao perigo, ao risco, ao limiar, ao “para além”, condição sem a qual nada lhe passa, nada lhe acontece e, também, nada lhe sucede, ou como Larrosa coloca, não vivencia a experiência, mas sim a antiexperiência. A experiência é, nesse sentido, um território de passagem tênue e singular, pois cada pessoa é única no acontecimento.

O sujeito da experiência (...) é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera (LARROSA, 2002, p. 25).

O acontecimento em si não é único em relação à pessoa, mas a pessoa se torna *ex-posta* ao acontecimento de forma singular e irrepetível, como a pedra e as abelhas estão para os poetas. Esse sentido da experiência tem me aproximado de uma compreensão da infância como um território de passagem em que as crianças vivenciam seus atos inaugurais; a infância que se apodera das crianças, que as constitui pessoas “*ex-postas*” por essência. Essa infância que não sei se a coloco no singular ou no plural, porque é um território de passagem, um lugar aonde se chega, o que nos sucede, e que nos faz compreender que exista uma infância que é comum na vida humana, mas o ato inaugural que a constitui é uma experiência singular na vida de cada criança. As crianças são as pessoas da experiência por essência, dessa experiência com a qual me encontro e com a qual minhas traduções estão emaranhadas. Daí porque penso uma escrita de pesquisa infantil como forma de distanciamento e aproximação, como forma de alteridade. E por que a militância neste enredo?

Produzir uma escritura de pesquisa como um projeto de mundo com abordagem em Bakhtin e W. Benjamin, me implica a compreensão da vida, do trabalho e da obra formando, juntos, um todo responsável, sendo o meu projeto de

¹⁹ Conversas na Disciplina *O cronotopo em Bakhtin*, julho de 2018, Creche UFF.

mundo esse todo responsável com o qual imprimo a minha assinatura. Devo dizer, então, que o GRUPISD está presente em sua produção: um projeto de mundo de um grupo, que vem sendo enunciado nas diversas narrativas que produziu. Vida, trabalho e obra de todas e todos e de cada uma, porém, como convidam os filósofos, essa tarefa requer uma forma de pensamento que me possibilite capturar o outro a partir das questões espaçotemporais e de valor concretas nas quais o encontro: um corpo real defendendo uma palavra real; fora disso, só é possível uma escrita confessional em que o ponto de vista do autor torna-se o centro de valor da obra, sem potência para sustentar um projeto de mundo.

Algumas palavras que encontrei lendo Bakhtin, Benjamin e seus leitores têm me ajudado a enfrentar o problema da escrita confessional, funcionando como vértices de força no texto. Palavras cujo sentido criado alargam, deslocam, destronam, engravidam. São elas: a *experiência*, o *cronotopo*, o *cotejo* e a *militância*. Esta última, tornou-se uma ideia-chave no meu discurso, tornou-se a tradução da experiência. Responder pela vida com a pesquisa só é possível em militância. Se a redenção benjaminiana é tarefa indispensável das novas gerações, não menos será de uma pesquisadora e de um pesquisador, principalmente no contexto atual no qual estamos forjados. Assim, ousei em colocar lado a lado a redenção benjaminiana com a ideia de militância que milito aqui.²⁰

Talvez, responder à vida e à pesquisa com a militância esteja diretamente relacionado ao sentido de plenitude que tomo para mim e para cada um dos meus outros, e digo isso porque a palavra “plenitude” me veio como um lapso, provocando um certo desconforto, mas também a consciência de que não podemos desprezá-la, já que ela é muito presente nos textos de política pública aqui no Brasil. Então, cabe aqui um parênteses para colocar que esta plenitude é muito menos a completude do que o vivenciamento. A militância, assim, se traduz, para mim em essência em cada experiência vivenciada. Sou humana em um mundo humano compartilhado em que nada está sob o meu controle e poder. Embora considere que os meus atos assinados são únicos, irrepetíveis e irrevogáveis, devo admitir que eles não são essencialmente meus, pois se constituem em compartilhamento com outros, fazendo com que cada acontecimento se torne, para mim, uma causa pela qual e com a qual

²⁰ Peço licença para ser redundante.

devo militar. Militância que não se associa ao substantivo militar, ao militarismo, ditadura, opressão, imposição, imperativo e outros termos cujo sentido de militância aqui colocado se constitui em resistência a esses sentidos da palavra; resistir ao contexto escatológico que o estado de exceção cria com as suas estratégias e armadilhas. Resistir! Considero esse território de passagem singular, irrepetível e irrevogável como o grande vértice de força pelo qual pesquisadoras e pesquisadores podem (e devem) atuar e resistir, sem alibi; penetrar quase que clandestinamente pelas frestas, desconstruindo o estado de exceção, já que a exceção não é a diferença, mas sim o privilégio de alguns; o tecido hegemônico que se impõe e se opõe ao estado democrático de direito.

“Não precisa morrer pra ver Deus
Não precisa sofrer pra saber o que é melhor pra você
Encontro duas nuvens
Em cada escombro, em cada esquina
Me dê um gole de vida
Não precisa morrer pra ver Deus”²¹

Assim como as crianças que militam a vida plenamente no risco, porque no mundo não há nada de infantil; porque em militância vão penetrando na cultura adulta e forjando seus territórios, forjando suas culturas. A experiência infantil é uma experiência militante e é essa aproximação que estou buscando com as crianças e a infância pelos caminhos da pesquisa: uma ciência militante com potência para forjar as retóricas que empoderam a pesquisa e as(os) pesquisadoras (es), e que se apoderam das crianças e da infância com sua seriedade; é como o poeta que sabe que a morte nos separa da existência, mas não é preciso morrer para encontrar Deus, talvez porque encontrar Deus seja um risco de morte, e a experiência com a vida é sempre uma boa escolha.

Nenhuma corrente científica (nem charlatona) é total, e nenhuma corrente se manteve original e imutável. Não houve uma única época na ciência em que tenha existido apenas uma única corrente (embora quase sempre tenha existido uma corrente dominante). Não se pode nem falar do ecletismo: a fusão de todas as correntes em uma única seria mortal para a ciência (se a ciência fosse mortal). Quanto mais demarcação, melhor, só que demarcações benevolentes. Sem brigas na linha de demarcação. Cooperação. Existência de zonas fronteiriças (nestas costumam surgir novas correntes e disciplinas) (BAKHTIN, 2015, p. 372).

²¹ *Não existe amor em SP*. Crioulo. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/crioulo/1857556/>. Acesso em 10/03/2020.

Demarcações benevolentes que não apagam, não excluem, não colocam em segundo plano outras tantas formas de narrar, as tantas vozes que estão implicadas, sempre, porque uma ciência militante se produz na coletividade, com o coletivo em participação. É o que estou pretendendo, uma pesquisa militante, uma ciência pluridiscursiva, que convoque para a luta e para o abraço, que converse com o riso, com a ironia e com a brincadeira sem com isso renunciar a sua constituição científica.

Ouvi de muitos leitores de Bakhtin que este não viveu sua vida e obra no mundo oficial, pois escolheu outras formas de pensá-las pelo riso, pela ironia, pela arte, pelas experiências cotidianas, pela praça pública, enfim, é muito difícil compreender o mundo contemporâneo se o tomarmos pelo seu tecido oficial. Isso nos remete a pensar o olhar frontal, que na verdade é o olhar oficial, a compreensão pelo que ali está dito, pelo que ali está dado a conhecer. As formas bakhtinianas de se apropriar da ciência como um campo da vida humana encontram-se na possibilidade de compreendê-la com outras vozes, com outros discursos “diversos e contraditórios” (MELLO & MIOTELLO, 2013, p. 221). O cotejo se traduz nessa possibilidade, no encontro de duas ou mais consciências, vozes, textos e contextos, que acolhidos no abraço alargam-se, sem com isso cingir a essência de cada um: cada voz, cada consciência, cada texto, cada contexto. Por sua potência escolhi o *cotejo* como instrumento para a compreensão respondente. Se proponho relacionar infância, militância e pesquisa, minha intenção já pressupõe o cotejamento entre essas três esferas necessárias à produção de uma ciência humana alteritária e pluridiscursiva, que não se curva à exatidão, nem à coincidência ou à precisão, muito menos aos resultados práticos, como Bakhtin vem me provocando em seus textos (idem, p. 219). O cotejo é amoroso o bastante para compreender quando o abraço não for possível ou até mesmo apertar ou ceder ao abraço para não causar desconforto.

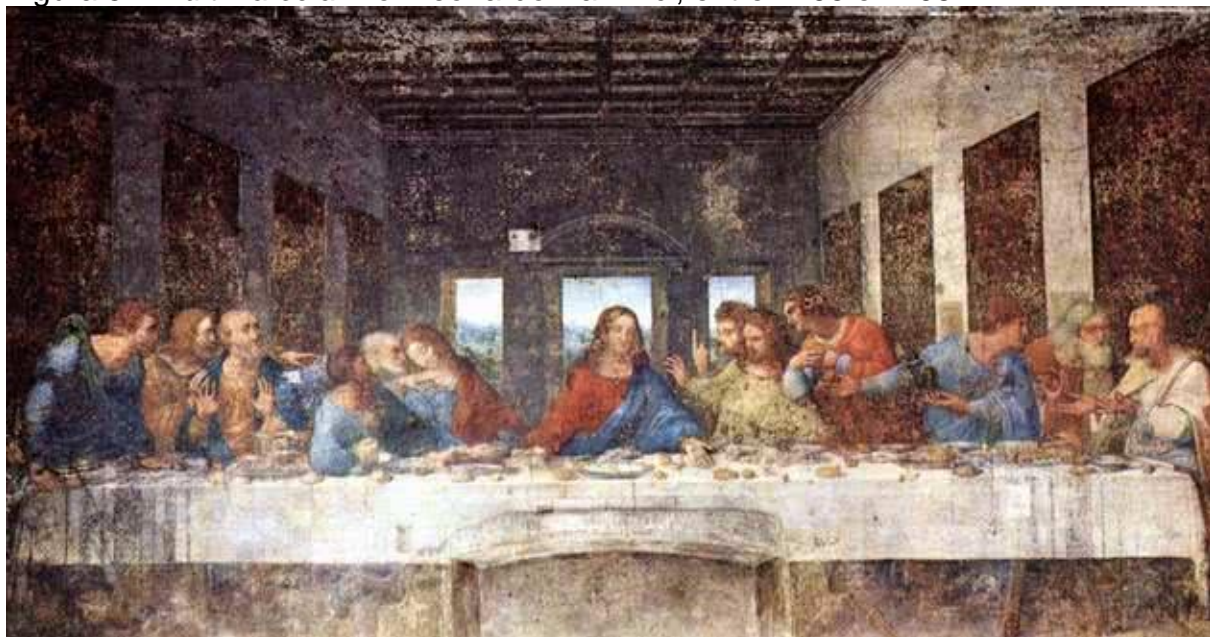
(...) só o outro como tal pode ser o centro axiológico da visão artística e, conseqüentemente, também o herói de uma obra, que só ele pode ser essencialmente enformado e concluído, pois todos os elementos do acabamento axiológico – do espaço, do tempo, do sentido – são axiologicamente transgredientes à autoconsciência ativa, estão fora da linha de uma relação axiológica consigo mesmos: continuando eu mesmo para mim, não posso ser ativo em um espaço e um tempo esteticamente significativos e condensados, neles não existo axiologicamente para mim, neles não me crio, não me enfermo e não me determino; no mundo da minha autoconsciência axiológica não existe o valor esteticamente significativo do meu corpo e da minha alma e sua unidade artística orgânica em um homem integral, estes não são construídos em meu horizonte pelo meu próprio ativismo; logo, meu horizonte não pode fechar-se tranquilamente e abarcar-me como meu ambiente axiológico: eu ainda não existo no mundo axiológico como dado positivo tranquilizado igual a mim mesmo (BAKHTIN, 2015, p. 174)

Se não há garantias, no cotejo há possibilidades, há potência para uma consciência estética e alteritária, alargada em seus horizontes, amorosa no sentido de possibilitar que outras consciências se coloquem ativas, que outros textos

renovem os sentidos, que os contextos não sejam apenas descrições, reflexos e ilustrações, mas que expressem as condições concretas espaçotemporais que envolvem e alargam os acontecimentos, as pessoas, os atos de pensamento, e os desloquem. Quando interrogamos, contestamos, discordamos, argumentamos os textos, nesse exato momento provocamos a fagulha que acende a infinitude dos sentidos, e para isso é preciso cotejá-los, colocá-los lado a lado, sem exatidões, sem verdades absolutas. O cotejo, então, destrona os sentidos e os coloca em possibilidade de diálogo.

Pensei em trazer algumas ideias em relação ao cotejo para enriquecer a conversa. Leonardo Da Vinci cotejou o texto bíblico, enunciando para toda a humanidade o que poderia ter sido o momento em que Jesus afirma para seus 12 Apóstolos que um deles o iria trair. Ainda que Da Vinci produzisse suas obras por encomenda, na minha perspectiva isso é apenas um detalhe, pois reconheço que falo de um homem cuja produção é reconhecidamente para além de seu tempo. Não pretendi produzir uma análise sobre a obra de Da Vinci, mas colocar aqui algumas criações em paródias, paráfrases e outras formas literárias para traduzir outras tantas histórias, manifestações críticas e outros atos de militância cujo enredo se produz em cotejo com a obra de Da Vinci, uma criação sua (ainda que encomendada) sobre o que aconteceu naquela noite em que Jesus compartilhou com seus Apóstolos sua última ceia.

Figura 5 - *A última ceia*. Por Leonardo Da Vinci, entre 1495 e 1498.²²



Fonte:G1, 2019

Encontrei disponível na internet diversas recriações da Última Ceia, tantas que não caberiam aqui como degustações do ato de cotejar. Portanto, destaquei algumas que considero profícuas para o diálogo. Posso tomar como emblemática, por exemplo, a criação da última ceia do “Jesus da Gente” pela comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira, no Carnaval de 2020 (Fig. 13), no Rio de Janeiro. Um Jesus preto, com seus Apóstolos todos pretos, usando jeans, tênis, gorros e bonés na cabeça, rindo, dançando e tirando *selfies*, uma espécie de sátira para contar como Jesus trataria, nos dias de hoje, questões como respeito, diferença, raça e de gênero. O carnavalesco da agremiação, Leandro Vieira, autor do enredo “A verdade vos fará livre” contou, em uma entrevista²³, que sua intenção era enfrentar a imagem eurocêntrica da figura de Jesus, que segundo o próprio foi “inventada”, uma vez que não seria possível pelas “condições geográficas, climáticas e pelo biotipo do povo da região” que Jesus fosse um homem branco, de

²² Presume-se que Leonardo Da Vinci iniciou esta obra por volta de 1495-96 tendo concluído entre 1497-98. Obra de grande importância para o patrimônio histórico da humanidade, localizada no refeitório do convento da Igreja de Santa Maria Delle Grazie em Milão, na Itália. Leonardo Da Vinci cria o momento bíblico em que Jesus ceia com os 12 Apóstolos, antes de ser crucificado. Disponível em <https://www.culturagenial.com/a-ultima-ceia/>. Acesso em 15/03/2020.

²³ Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/07/com-jesus-como-enredo-leandro-vieira-promete-uma-mangueira-muito-superior-a-de-2019.ghtml>. Acesso em 15/03/2020.

cabelos lisos e claros e olhos azuis. Na tradução do carnavalesco, Jesus foi um homem preto, que nasceu entre os oprimidos e desassistidos tornando-se uma espécie de liderança política pelas suas ideias libertárias. O “Jesus da gente” interpretado pela Mangueira sofre todas as formas de desigualdade, preconceito e intolerância das quais as pessoas da favela estão submetidas, mas encontra na sátira, no riso e na bufonaria uma forma de resistência e libertação. Bakhtin iria se deliciar com esta comissão de frente!

O perigo faz o sério, o riso autoriza evitar o perigo. A necessidade é séria, a liberdade ri. O pedido é sério, o riso nunca pede, mas o ato de dar é acompanhado de riso. A seriedade é prática e é interesseira no sentido amplo da palavra. A seriedade retém, estabiliza, está voltada para o pronto, para o concluído em sua obstinação e autopreservação. (...) o porvindouro faz o sério. O riso suprime o peso do futuro (do porvindouro), livra das preocupações do futuro; o futuro deixa de ser uma ameaça (BAKHTIN, 2015, p. 397).

Figura 6 - Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira, “O Jesus da gente”. Carnaval 2020²⁴



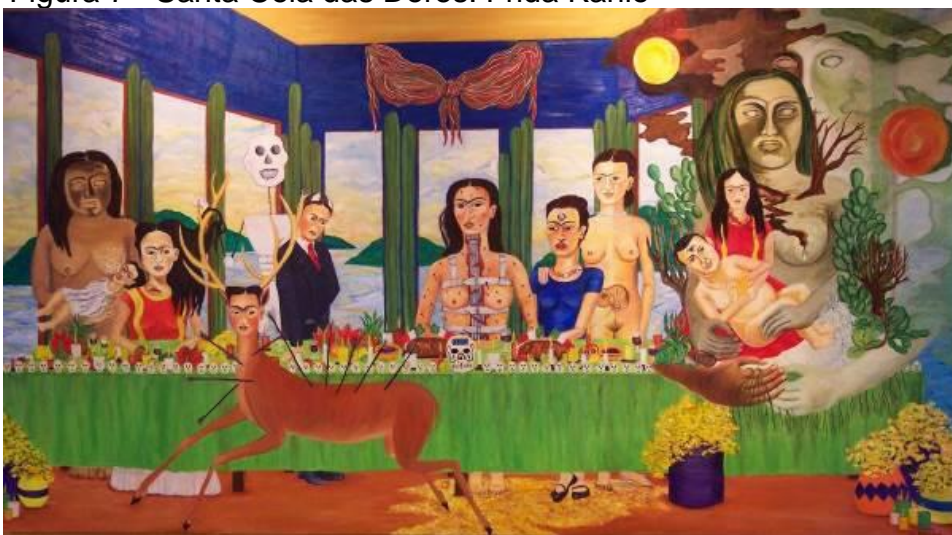
Fonte: O Globo, 2020

²⁴ Retrato da irreverente comissão de frente da Mangueira no Carnaval de 2020, que propôs encenar a possível ceia de Jesus e seus Apóstolos, caso tivesse acontecido atualmente. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/jesus-cristo-da-comissao-de-frente-da-mangueira-fez-selfies-reais-na-avenida-veja-fotos-24281538>. Acesso em, 15/03/2020.

Frida Kahlo protagoniza *A Santa Ceia das Dores* (Fig. 14), parafraseando o texto sagrado. Uma mulher que traz Magdalena em seu nome escolheu esta imagem para criar suas dores pela arte, e mostrar que as mulheres carregam suas dores e seus sofrimentos como redentoras, visto que as tragédias que acometeram a vida da artista não a impediram de ser uma mulher política e culturalmente engajada (SIQUEIRA-BATISTA et al., 2014, p. 140).

Todas as formas corporais são o autorretrato de Frida. Uma ceia de dores, como talvez ela própria compreendesse sua vida: tragédias, doenças, traições, perdas, tudo condensado ali naquela ceia, e por isso mais de uma Frida está à mesa para que todas as dores, que não seriam possíveis em uma única mulher, pudessem ser pintadas. Sem querer fazer qualquer tipo de interpretação à obra, pois minha questão está no cotejo como possibilidade de alargamento dos horizontes semióticos entre os textos, Frida Kahlo parece enunciar que o sofrimento não é o calvário, que aliás não faz parte de sua ceia; é a sua vida ali colocada, com todos os tormentos que a afirmaram como ser-evento em unicidade. A arte como resposta à vida, e isso é uma redenção libertária.

Figura 7 - Santa Ceia das Dores. Frida Kahlo²⁵



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_jUT_Hxh5yaE/SgBy3iuSHQI/AAAAAAAAAv0/5y2Z9NHWdcM/s1600-h/last_supper.jpg

²⁵ Disponível em http://3.bp.blogspot.com/_jUT_Hxh5yaE/SgBy3iuSHQI/AAAAAAAAAv0/5y2Z9NHWdcM/s1600-h/last_supper.jpg. Acesso em 15/03/2020.

A produtora Porta dos Fundos criou uma tradução da *Última Ceia* que, na minha leitura, foi a mais *destronadora* entre todas que encontrei disponíveis na *internet*, assim como as que selecionei para este debate. *Se beber, não ceie* é uma paródia satírica do texto bíblico, em intertexto com o filme norte-americano *Se beber, não case!* dirigido por Todd Phillips, que estreou nos cinemas em 2009. Uma paródia satírica da passagem bíblica em que após beberem demasiadamente na última ceia, os 12 Apóstolos acordam com ressaca e descobrem que Jesus Cristo sumiu. Posso supor que as narrativas e as situações colocadas no enredo do filme intencionaram provocar o fundamentalismo e o conservadorismo extremos que marcam fortemente o cenário social e político brasileiros, questionando os tais “valores cristãos e da família” defendidos por esses grupos fundamentalistas. Uma narrativa mundana, regada de ironia e críticas às questões como intolerância religiosa, discriminação, preconceito, racismo, homofobia e outras, em que as personagens são caricaturas criadas de homens e mulheres comuns, com questões da vida cotidiana. Nessa obra, particularmente, o mundano convoca o sagrado para a arena discursiva em uma luta em favor da laicidade e da liberdade de expressão. Se a sociedade brasileira está submetida às exigências e determinações de uma bancada evangélica e governadores cristãos, a heresia, a eloquência e a loucura se colocam como aliadas, como o lugar profícuo de olhar a vida para a multidão mundana, na qual se incluem as religiões não cristãs, os ateus, os agnósticos e outros culturalmente alijados. Posso dizer que a produção Porta dos Fundos “jogou bosta” nos reis e com isso se *ex-pôs* ao prêmio e aos ataques. Vida longa à produtora!

Figura 8 - “Se beber, não ceie”, Especial de Natal da produtora Porta dos Fundos, dez. 2018.



Fonte: Porta dos Fundos

A arte cênica, a pintura e o cinema, três esferas da arte cotejando o texto bíblico a partir da arquitetura semiótica que cada um dos gêneros dispõe ao autor(a) criador(a). Uma arquitetura semiótica criada para que os enunciados discursivos pudessem estar em cotejo, em um abraço agradável ou não, confortável ou não, mas potente e com desdobramentos deslocantes. O cotejo é uma experiência com a linguagem em forma de *ex-posição*, que me permite dizer do cotejo como militar com os sentidos, coisa que, devo reconhecer, a arte e a vida nos possibilitam muito mais do que a ciência.

Compreendo em Bakhtin (2014), que cotejar implica um olhar cronotópico sobre os textos que se encontram em cotejo, ou seja, pensar a relação autor/personagem/enredo/obra e suas formas cronotópicas de tempo e espaço que envolvem os heróis e heroínas, os encontros, os acontecimentos e as motivações. Para o autor, esses elementos são impregnados de valores, sendo o cronotopo uma ferramenta para a leitura e compreensão críticas desses valores. Todos os elementos aqui colocados são elementos humanos, próprios da existência humana, e é nesse sentido que Bakhtin pensa o cronotopo (p. 349-355). Ele nos diz que os humanos já possuem em essência as dimensões de espaço e tempo valoradas a partir do ponto de vista humano, das questões sociais da cultura, da política, do

trabalho, das relações e experiências humanas, e que para mim, pesquisadora em Ciências Humanas, minhas escrituras precisam se constituir na tentativa de revelar, desvelar e desnudar tais questões, nos *cronotopos* em que me coloco e coloco o outro em presença²⁶.

Foi possível, para mim, perceber como os heróis/personagens foram colocados pelo autor/autora criador(a) em cada uma das obras que trouxe para pensar o cotejo, assim como posso dizer desses deslocamentos tomando-as em cotejo com a obra de Leonardo Da Vinci e o texto bíblico (já que sua obra já é um cotejo com este texto). Cada autor/autora criador(a) buscou produzir sua obra a partir de uma ação (motivação), de um herói (imagem de humano) e de uma força (ideal) condensados no espaço e no tempo, ou seja, cronotopicamente colocados. Minhas leituras se deram nessa perspectiva. A partir de um olhar cronotópico capturei os sentidos temáticos, ou como diz Bakhtin, “o significado principal gerador do enredo” em cada uma das obras que trouxe para pensar o cotejo (2014, p. 355). Jesus e seus Apóstolos, no grande tempo, puderam ser deslocados cronotopicamente vivenciando outros acontecimentos recheados de questões atuais, enunciando a crítica, a resistência, outras e novas formas de pensar as questões humanas e a religião, outros olhares mais alargados, mais inclusivos; outras vezes que até a existência de cada uma das obras não tiveram a oportunidade de enunciar; ou também outros heróis em cena, enunciando suas dores, como Frida Khalo com a força de mártir, afirmando a presença no mundo, não somente dela, mas de todas as mulheres, para todos os tempos.

Tomar o cronotopo como ferramenta crítica de leitura e compreensão respondente é possível no grande tempo e pelos gêneros discursivos, para Bakhtin (2014). No grande tempo porque as questões humanas são profundas e não são passageiras, elas se dão em acontecimentos que não se constituem no imediato, têm um enredo histórico. Cada uma das obras que trouxe em cotejo responde ao seu tempo, porém com elementos de outros tempos, cronotopicamente criados.

²⁶ Escrita inspirada nos apontamentos das conversas com o Grupo ATOS sobre o cronotopo em Bakhtin, sob a coordenação de Marisol Barenco, precisamente em 13/03/2018, na Creche UFF, Niterói, RJ.

O próprio cronotopo fornece um terreno substancial à imagem-demonstração dos acontecimentos. Isso graças justamente à condensação e concretização espaciais dos índices de tempo – tempo da vida humana, tempo histórico – em regiões definidas do espaço. Isso também cria a possibilidade de construir a imagem dos acontecimentos no cronotopo (em volta do cronotopo) (BAKHTIN, 2014, p. 355).

Bakhtin pensou o cronotopo a partir dos gêneros romancescos, mas o próprio nos diz que “toda imagem de arte literária é cronotópica. A linguagem é essencialmente cronotópica, como tesouro de imagens” (Idem, p. 356). Nesse caso, Bakhtin refere-se à linguagem escrita e aos gêneros da literatura criados nessa linguagem, entretanto o cronotopo pode, com Bakhtin, ser alargado para outros gêneros da arte e da cultura e, como penso aqui, por que não nas Ciências Humanas? Se a palavra é um tesouro de imagens são esses tesouros a força nos atos de pensamento do(a) autor-criador(a); são eles a potência transgrediente e alargadora de horizontes. Por isso cotejar a arte como metodologia de olhar a teoria e enformá-la com outros elementos, outras formas de acabamento distintas daquelas comumente produzidas em um discurso teórico-científico, ainda que seja uma escritura em Ciências Humanas. Nesse sentido, o cotejo torna-se uma possibilidade de produzir uma ciência alargada e muito potente, uma heterociência.

O *cotejo* e o *cronotopo* tomados como metodologia para uma arquitetura do olhar, para pensar a relação infância, pesquisa e militância. Esta última com dupla dimensão: como um dispositivo discursivo fundamental na arquitetura do olhar, mas também como um tema, um valor humano que sustenta a produção acadêmica como produção política em um contexto apocalíptico. Sim, essa é a minha grande motivação e posso dizer que com todas as implicações e ameaças ao estado democrático de direitos, apesar de todas as opressões pelas quais temos sido submetidas(os), pensar este cenário apocalíptico na forma como o carnavalesco e os humoristas pensaram, por exemplo, torna-se compreensão respondente, torna-se militância, é fértil, é transformador. Miotello e Marisol Barenco (2013), em suas escritas de correspondência, dizem dos gêneros como a manifestação criadora e viva da linguagem, como a contrapalavra aos atos de escatologia social, cultural e política praticados pelos grupos fundamentalistas e conservadores que neste tempo ocupam um lugar privilegiado na esfera social: empresários, líderes religiosos, governantes etc. Marisol Barenco e Miotello relatam em sua conversa que deixam os

gêneros se emaranharem com a teoria para que as ideias fluam, assim como faziam Bakhtin e seus companheiros no Círculo, e dessa forma emanam muitas escrituras que vão sendo compartilhadas com outros leitores e leitoras, pesquisadores e pesquisadoras nos mais diversos espaços onde a academia está presente (2013, p. 219). A experiência vivenciada, a leitura e o estudo em cotejo com captura das formas cronotópicas, a criação de atos de pensamento em militância, em compreensão respondente constituíram este ensaio de metodologia, que não é um ensaio para tratar da estrutura da tese, mas um ensaio de metodologia que fala de sua arquitetura.

Assim, minha motivação é a infância pensada no sentido da experiência; uma infância *ex-posta* às crianças que estão *ex-postas* à infância. Produzir a pesquisa como um lugar de luta, uma arena discursiva que convoca o outro em militância para a militância; que o interroga, conflita, desconserta; o convoca para o destronamento, lado a lado em diálogo, para fortalecer a universidade e colocá-la como lugar de produção de um tecido científico mais humano, mais alteritário; eis a minha força! As crianças e as pesquisadoras do GRUPISD são as heroínas nesta obra; pessoas políticas que se constituem na penetração, na clandestinidade, na experiência infantil e somente nessa condição se aproximam, se encontram *ex-postas* em um *tempoespaço* encharcado de demarcações, determinações, frivolidades, ameaças, por isso penetras clandestinas; por isso pessoas políticas militantes, porque sabem bem que esses cenários são férteis. Aprendi com Bakhtin que o “perigo faz o sério, o riso autoriza evitar o perigo. A necessidade é séria, a liberdade ri”. Essas condições adversas na verdade criam terrenos férteis onde homens e mulheres que se aventuram, no risco, vivem a plenitude do estado original das coisas, o ato inaugural; a criação de algo novo, renovado. Uma(m) pesquisadora(r) precisa ser aventureira(o)!

2 ENSAIO COM A INFÂNCIA PENETRANTE E CLANDESTINA

*Porque tu me escutas eu existo.
Miotello (2017)*

Encontrei em Bakhtin uma forma potente de pensar a escritura nas Ciências Humanas. Bakhtin (2015) produziu um legado enorme de estudos e apontamentos que coloca em questão esse sujeito humano generalizado na teoria, que para o autor produziu, ao longo da história, um modelo de humano que parece borrar os humanos reais, concretos e prenhes de vida. Nesse sentido de teoria que Bakhtin coloca em questão, a vida humana parece não preencher a escrita científica; parece ficar fora dela. Digo isso, porque caminho na direção de uma escrita militante que permita que o outro esteja vivo e enuncie comigo. Uma escrita que não objetifique o outro, porque sua palavra é uma palavra viva. Portanto, um desafio: como produzir um texto amoroso, doce, dinâmico, ético que possibilite que os sujeitos estejam em alteridade? Que não sejam enformados pelos modelos completos e acabados de homem e mulher?

A escritura da pesquisa nem sempre consegue incluir toda a vida que poderia preencher as palavras, que poderia fertilizá-las, e se o fecundo está fora ou às margens da coerência, nossa palavra torna-se violenta, porque encontra-se localizada no centro dos discursos instituídos. Aqui, dou um sentido para a ideia de coerência, uma espécie de nexos, de ligação, que sugere harmonia entre as ideias, que vai de encontro ao que estou propondo neste trabalho. Quero as contradições todas colocadas em disputa, porque a palavra em sua essência é uma arena de disputas. Os sentidos estão em disputa porque se constituem em muitas frentes da vida humana. Nesse sentido coloco a compreensão, tomada como a ação de tornar coerente as ideias, como um problema: o problema da compreensão. O problema do controle da ideia; do sentido fechado, mortificado pela necessidade científica de conceituá-lo.

Bakhtin me ajuda a enfrentar o problema da compreensão. Aliás, foi com ele que me deparei com a compreensão como um problema. Para Bakhtin, é humanamente impossível apenas compreender, no sentido literal do termo: conter para si o sentido, entendê-lo, ou como ele traduziu, dublar o seu pensamento em

voz alheia (2015, p. 272). Essa forma de compreensão passiva não é possível entre nós humanos, que estamos imersos em atos complexos de comunicação cultural, e em maior ou menor grau somos ativamente respondentes: executamos tarefas, obedecemos, desobedecemos, objetamos questões, concordamos, discordamos, sugerimos, enfim, sempre respondemos ativamente, para além de apenas tornar inteligível a nossa fala e as nossas escutas. Mas não é somente a questão da passividade o problema que se coloca para a compreensão. Bakhtin atenta para o fato de que não inauguramos a palavra, não somos os primeiros a proferi-la, e reconheço essa premissa como um problema para a tese: não sou a primeira a “violiar o eterno silêncio do universo” (Idem). Como falante reconheço que enuncio em uma língua que já existe, que já vibra em muitos outros enunciados, nos meus e nos alheios. Meus dizeres são unicamente meus, mas quando encontro os sentidos que os habitam, estes já estão habitados de sentidos outros; sentidos que não são vazios, nem fixados, muito menos verdades; eles são convocativos, são provocativos, intimidadores:

(...) é justamente a compreensão no sentido próprio, a compreensão da evolução (e não do imobilismo), que se acha na base da resposta, isto é, da interação verbal. É impossível delimitar-se de modo estrito o ato da compreensão e a resposta. **Todo o ato de compreensão é uma resposta, na medida em que ele introduz o objeto da compreensão num novo contexto – o contexto potencial da resposta** (BAKHTIN, 1999, p. 94)²⁷.

Esse imobilismo que Bakhtin faz referência me remete às palavras fixadas em significados, é o que digo sobre compreender literalmente o que o outro está dizendo. Pelo que Bakhtin colocou acima, isto caminha na contramão da compreensão respondente, pois o fato de compreender já implica uma resposta: é a minha posição diante da palavra alheia. Com Bakhtin estou compreendendo que uma ideia fixada expressa uma palavra parada, quase sem vida, e aí minhas escrituras nunca tecerão a manhã como João convidou. João narrou as tessituras da manhã e tem muita verdade em suas linhas: *Um galo sozinho não tece a manhã/ele precisará sempre de outros galos*²⁸. Os gritos que se lançam e se cruzam tecem a manhã para João nas verdades da vida e da arte, que, como Bakhtin nos disse, não são a mesma coisa, mas devem responder mutuamente pelas nossas

²⁷ Grifos meus.

²⁸ João Cabral de Melo Neto. Disponível em <https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha>. Acesso em 8/11/2019

responsabilidades e culpas (Bakhtin, 2015, p. XXXIV). Aliás, Bakhtin trouxe a ciência que, junto com a arte e a vida, constituem os três campos da cultura humana. João não pareceu negar a rotação da Terra ao tecer sua manhã, mas encontrou nos gritos dos galos uma forma de dizê-la: os gritos se lançam e se cruzam, e rasgando a madrugada acordam o sol, fazendo com que os fios da manhã se tornem uma mistura de gritos, galos, luz, calor. Uma forma desviante de narrar a manhã, que desvia da descrição científica mas não desvia da vida. E Bakhtin fala que

Compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração. Somente do interior de minha participação posso compreender o existir como evento (BAKHTIN, 2017, p. 66).

Os atos de compreensão não são apenas abstrações do mundo psíquico, mas atos concretos e valorados, prenes das experiências reais, dos encontros com o outro, das suas vozes nas nossas vozes e vice-versa. Nunca digo sozinho, mesmo que somente eu possa dizer o que digo e penso, meu juízo de valor quando emerge já vem fertilizado de juízos outros. Bakhtin tem um apontamento que permite pensar melhor sobre isso:

A falsidade e a mentira que inevitavelmente transparecem na inter-relação consigo mesmo. Imagem externa do pensamento, do sentimento, imagem externa da alma. Não sou eu que olho o mundo *de dentro* com os meus próprios olhos, mas sou eu que olho a mim mesmo com os olhos do mundo, com os olhos alheio; eu sou possuído por um outro (2019, p. 51).

A total incapacidade de a nossa consciência nos dizer de nós mesmos, da imagem que temos para o mundo. Alteridade.

Tenho tentado encontrar com essas formas desviantes de narrar em minhas escrituras de pesquisa, mas tenho encontrado barreiras neste caminho. Produzir uma heterociência parece um desafio que não se restringe somente ao desejo de tê-la como uma forma potente de resistência à escatologia, em todos os sentidos da vida. Há outras emoções envolvidas e uma delas, me parece, é a emoção da escrita; narrar os atos de pensamento; torná-los atos assinados; permitir que os outros envolvidos na experiência também possam narrá-la comigo. A escrita do texto torna-se, nesta perspectiva, outro grande desafio para a experiência da pesquisa.

Na maioria dos casos, a estilística apresenta-se como uma 'arte caseira' que ignora a vida social do discurso fora do 'atelier do artista', nas vastidões das praças, ruas, cidades e aldeias, grupos sociais, gerações e épocas. A

estilística ocupa-se não com a palavra viva, mas com o seu corte histológico, com a palavra linguística e abstrata a serviço da mestria do artista. Ora, as harmônicas individuais do estilo, isoladas dos caminhos sociais e fundamentais da vida do discurso, passam a receber inevitavelmente um tratamento acanhado e abstrato, deixando de ser estudadas num todo orgânico com as esferas semânticas da obra (Bakhtin, 2014, p. 71).

Muita coisa para pensar! Então, como na produção da obra literária, a escritura da pesquisa também se dá no “ateliê do artista”, em um momento posterior à experiência do encontro com os sujeitos. A escritura se dá distante dos cenários sociais em que os discursos se deram: as conversas, as escutas, as vozes, os acontecimentos, tudo é recortado da vida e vira palavra do artista (a/o pesquisadora/o). Palavra essa que é retirada do tecido vivo, mas, como Bakhtin disse, na maioria das vezes predomina o “tratamento acanhado e abstrato”, do autor, virando conceito. Assim, são duas questões nesse enredo cruzado entre o problema da tessitura da manhã de João e do ateliê do artista no pensamento de Bakhtin, escrituras com as quais proponho um cotejo neste momento da escrita da pesquisa: a minha voz sozinha não enuncia nada; as verdades universais separadas das verdades da vida se tornam ideias mortas, e aí, a compreensão não se permite ser respondente, não estarei respondendo com os textos de pesquisa pelos reais problemas daqueles que convoco em minhas escrituras: as crianças e a infância, o e o GRUPISD.

É preciso enfrentar com força os limites que se colocam para a heterociência se quero de fato uma pesquisa militante, que responda pela vida dos sujeitos envolvidos e de tantos outros que se cruzaram comigo desde que me lancei nesta aventura. A arte me pareceu a possibilidade de um caminho desviante das verdades frontais. A arte tem essa potência, e Bakhtin diz que “o fato e a singularidade puramente fatuais não têm o direito à voz; para consegui-lo eles precisam transformar-se em sentido (2014, p. 16). É na relação com a cultura que o fenômeno ganha sentido e deixa de ser um fato, “transforma-se numa mônada que reflete tudo em si e que está refletida em tudo” (idem, p. 29).

Solange Jobim, em seu discurso no V Encontro de Estudos Bakhtinianos – V EEBA (2017), contribuiu de forma preciosa com o meu pensamento, quando disse que, nas tarefas com suas pesquisas, sentava-se para escrever e olhava para os livros que lia na infância e na adolescência, organizados em uma estante.

Imediatamente pensava que aqueles livros lhe diziam muito mais do que as teorias. A academia, para mim, é muito menos o lugar de dizer verdades “de uma vez por todas”, muito mais o lugar da alteridade, de cotejar as ideias onde elas estejam ditas: na arte, na vida, na ciência. A pesquisa em Ciências Humanas sendo a pesquisa em Ciências Humanas, ou seja, fazer pesquisa entrando na vida e enfrentando-a de forma militante, já que as ciências humanas são essencialmente humanas.

Cotejar os atos de pensamento foi o caminho que criei para encontrar as crianças e a infância mais próximas da vida real e tê-las comigo nas tramas da pesquisa, como *mônadas*²⁹ refletindo tudo em si, refletidas em tudo, fertilizando as palavras, as ideias, os sentidos. Esse sentido potente que posso compreender em Bakhtin e Benjamin, pois ambos me permitiram atravessar a infância com a ideia da mônada. Pensar as crianças não como uma perspectiva de futuro, mas como pessoas prenhes de futuro, que refratam sentidos de futuro em todos os seus atos, por isso mônadas: pequenos fragmentos de memórias de futuro. Juntos podem contar a sua história, apesar de também carregarem sozinhos rastros que nos possibilitam narrá-la.

Em *Vidas Secas*, Graciliano e Fabiano não tiveram a mesma percepção sobre as crianças, como seriam, como personificariam a saga da família. Mas, Graciliano tomou a frente e decidiu sobre a presença das crianças, ainda que Fabiano não permitisse que falassem.

Agora queria entender-se com Sinhá Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.

²⁹ Mônada é um conceito-chave desenvolvido pelo matemático e filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), para tratar a tensão entre o universal e o particular nas substâncias. As substâncias simples ou mônadas possuem um “*pormenor do que muda, que produza, por assim dizer, a especificação e variedade*” (LEIBNIZ, 1974 *apud* PETRUCCI ROSA et alli, 2011, p. 204). Tanto W. Benjamin quanto Bakhtin tomaram a mônada como um feixe de sentido, uma centelha que carrega devires; unidades da cultura que não se constituem em partes de um todo, mas partes-todo, sínteses de sentido. Essa leitura nos aproxima das crianças como centelhas de sentidos dos humanos e não miniaturas de adultos (W. BENJAMIN, 1987; M. BAKHTIN 2014, 2015).

- Está aí.
Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito³⁰.

A sua dureza de gente não deu essa permissão ao autor, seriam apenas meninos, diferenciados por serem mais velho ou mais novo um do outro. Mas os meninos estavam lá e puderam fertilizar a dura e seca vida de Fabiano e Sinhá Vitória traduzidas por Graciliano. Do menino mais novo, Graciliano me disse apenas que ele era novo o suficiente para caber “escanchado nos quartos” de Sinhá Vitória, mas seu tempo de menino mais novo, sem nome, sem palavra, apirralhado, quase invisível, se agigantou, para mim, sem diálogos. O menino mais novo tem um capítulo só seu, e neste lugar se faz presente.

Trepado na ribanceira, o coração aos baques, o menino mais novo esperava que o bode chegasse ao bebedouro. Certamente aquilo era arriscado, mas parecia-lhe que ali em cima tinha crescido e podia virar Fabiano. Sentou-se indeciso. O bode ia saltar e derrubá-lo. Ergueu-se, afastou-se, quase livre da tentação, viu um bando de periquitos que voava sobre as catingueiras. Desejou possuir um deles, amarrá-lo com uma embira, dar-lhe comida. Sumiram-se todos chiando, e o pequeno ficou triste, espiando o céu cheio de nuvens brancas. Algumas eram carneirinhos, mas desmanchavam-se e tornavam-se bichos diferentes. Duas grandes se juntaram - e uma tinha a figura da égua alazã, a outra representava Fabiano. Baixou os olhos encandeados, esfregou-os, aproximou-se novamente da ribanceira, distinguiu a massa confusa do rebanho, ouviu as pancadas dos chifres. Se o bode já tivesse bebido, ele experimentaria decepção. Examinou as pernas finas, a camisinha encardida e rasgada. Enxergara viventes no céu, considerava-se protegido, convencida-se de que forças misteriosas iam ampará-lo. Boiaria no ar, como um periquito. Pôs-se a berrar, imitando as cabras, chamando o irmão e a cachorra. Não obtendo resultado, indignou-se. Ia mostrar aos dois uma proeza, voltariam para casa espantados³¹.

O menino queria ser Fabiano. Um Fabiano tosco pra Graciliano, mas potente para o menino: crescido, bonito, forte, gente, com nome, com faca de ponta na cintura, com cigarro de palha na boca, com sapatos de couro cru e esporas tilintantes; com estrelas nos olhos e carneirinhos de nuvem na cabeça; ávido como a égua alazã e leve como os periquitos que o menino sonhava em ter. Uma forma de penetração insuportável para Fabiano. O menino mais novo mostrou para Graciliano que não estava satisfeito mesmo, e em seu silêncio fez a festa da renovação nos sentidos do autor. Graciliano tentou dizer o que pensavam das crianças nos anos de

³⁰ Vidas Secas. Graciliano Ramos. 45ª Ed. PDF. Disponível em: <https://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Vidas-secas-de-Graciliano-Ramos.pdf>. Acesso em 8/11/2019

³¹ Idem.

1930; afinal, pirralho é pirralho, aquilo que ainda não é gente, não tem vontades, não tem querer. Mas o pequeno insistiu e com muito esforço convenceu Graciliano a deixá-lo falar. Mesmo que mudo em palavras, o menino mais novo desviou-se dos limites de sua idade de menino mais novo e se arvorou como intérprete da cultura adulta, penetrando nela. E penetrando a traduziu: homens grandes são fortes, montam éguas alazões, usam botas de couro, deitam-se em camas de varas para esticar os ossos, tilintam esporas como estrelas, usam chapéu de vaqueiro, provém a família com honra; são bonitos, bravos, imponentes! O menino olhou a si mesmo com os olhos do pai. O menino mais novo inquietou Graciliano. Fabiano passou a ser gente grande, forte, imponente, provedor, pelos olhos do menino mais novo. Ainda que somente o autor falasse (não que esteja dizendo que essa obra é monológica, ao contrário), o menino mais novo mostrou que tinha muita palavra no silêncio de seu pai, que a vida não era tosca, que era simplesmente a vida. Na sua forma de narrar o menino mais novo, Graciliano narrou a criança com alteridade, revelando uma infância cujas experiências se dão na e pela penetração das crianças no mundo das pessoas grandes. Mostrou que criança têm expectativas de futuro, que eram os rastros de futuro que Fabiano deixava nas experiências de menino do menino mais novo. Que periquitos eram livres, e o menino sabia o que era liberdade! Que não devemos temer as nuvens no céu porque elas são Fabiano flutuando sua imponência.

Jader Lopes também cotejou Graciliano ao investigar a infância migrante no período entre os anos de 1995 até 2000. Se não queremos, se não sabemos, se não tomamos essas crianças e sua infância como legítimas, porque Jader Lopes sinalizou a ausência delas na literatura sobre o tema, nos cabe reconhecer a narrativa alteritária que produziu com essas crianças, em forma de compreensão respondente em sua escritura. Uma captura de infância que revela as crianças presentes nas andanças migratórias entre e com os adultos, produzindo experiências de infância muito peculiares. Jader Lopes nos diz que as crianças que encontrou em sua pesquisa

(...) ocupavam um local social determinado na comunidade, havia traços e feixes culturalmente elaborados que materializavam a infância como uma instância válida, construindo uma subjetividade infantil possível de ser aceita e vivida na subjetividade coletiva do grupo, inclusive como categoria psicológica. O “ser criança” estava imerso na rede simbólica elaborada pelo grupo (LOPES, 2003, s/p).

Nesses contextos, Jader Lopes nos mostra que as crianças vão vivenciando as mesmas condições adversas que os adultos que as acompanham vivenciam. Portanto, as crianças estão em presença nos movimentos migratórios, mas também nas manifestações populares por casa, por melhores salários, pela diminuição da passagem no transporte coletivo; no comício do candidato à presidência da república; dividindo o único ovo na refeição; ajudando os adultos a pensarem como fazer para passar o mês e pagar as contas; cozinhando com lenha porque não há como comprar o gás de cozinha; e também escondendo-se das balas perdidas para que não sejam achadas; assistindo os amassos nas novelas; dançando nos bailes de rua; circulando entre as *fake news* nas redes sociais, enfim presentes em universos que, na lógica adulta, não foram criados para elas, e nesta mesma lógica as experiências não são legitimadas como experiências de infância. Por isso, digo: as crianças se tornam penetras nos cenários adultos e desta forma, como penetras, produzem uma infância penetrante, que pode até ser capturada nas imagens, mas não são contempladas nos dados numéricos, nos depoimentos e nas outras formas de captura representadas na literatura, como nos colocou Jader em seus estudos.

Linhares, como Jader Lopes, também foi fertilizada pela penetração das crianças partilhando com os adultos as adversidades dos acontecimentos dessa vida recusada e negada, que grande parte das famílias brasileiras vivencia.

E as crianças merecem um destaque em meio a essas multidões de invisíveis e de resistentes. Se elas representam um outro asfixiado, recusado, discriminado em seu exercício de autonomia, não há como negar que embora consideradas herdeiras de um passado, com o qual as gerações adultas buscam comprometê-las, elas confluem com devires e se adereçam, como nenhuma outra idade, para um tempo por vir que lhes pertencem (LINHARES *apud* QUELUZ e LINHARES, 2008, p. 14).

Mas, como alunas, estudantes, educandas, as crianças são entendidas e traduzidas no ordenamento legal para a educação brasileira³² como sujeitos históricos e de direitos, mas que não pressupõe participar nas frentes de luta, andanças migratórias em busca de melhores condições de vida, dividir o ovo nas refeições, cuidar da casa, pensar em como vai passar o mês e pagar as contas, cuidar dos irmãos e irmãs menores, entre outras experiências que parecem

³² Destaco, aqui, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB nº 9394/96; as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica - DCNEB, de julho de 2010 e a Base Nacional Comum Curricular BNCC de 2018.

invisíveis nas literaturas, mas estão pulsantes na vida das crianças. Como artesãos retocam ali ou aqui, meio que customizando a vida preparada para elas criando, assim, outros acabamentos ou como nos ensina Larrosa, “(...) a infância é o outro: o que, sempre além, desafia qualquer tentativa de captura, perturba a segurança do nosso conhecimento, questiona o poder de nossas práticas e abre um vácuo em que o edifício bem construído está abismado das nossas instituições de acolhimento” (2000, p. 5).

Já nos contava Machado de Assis, lá em 1840, sobre as dissonâncias entre as crianças da escola e as escolas das crianças. Quanta potência nesse conto! Posso sentir nas palavras de Machado a força de uma educação colonial em um país imperialista; parecia que esse peso o obrigava a sentir-se culpado por ser o mais aplicado da turma. Como podia um menino “mestiço” e pobre ter aplicação para alguma coisa?

Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênu³³.

Em *Contos de Escola*, Machado se ressentia de como a escola pouco sabia de si e das suas virtudes (ainda que ele mesmo considerasse que tinha poucas); sentia, também, o tamanho do abismo que separava as pessoas pela cor, pelas condições socioeconômicas. Sabia que seu lugar era entre os meninos vadios, porque eles sabiam muito bem narrar as aventuras no morro e no campo, os papagaios *bojando* sua leveza no ar, porque estavam no seu lugar, do lado de lá das vidraças da escola.

“(...) Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola,

³³ Contos de Escola. ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. PDF. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000268.pdf>. Acesso em 8/11/2019.

sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.
(...)»³⁴

O menino Machado precisava ceder às obrigações da razão, coisa com a qual os meninos vadios não precisavam se preocupar. Ir para a escola parecia o esforço em recompensar seu pai que sonhava para o menino uma grande posição comercial. Por isso deveria aprender a ler, escrever e contar, se meter de caixeiro, pois esse era o princípio dos grandes capitalistas: começar atrás de um balcão³⁵. E esse sonho, que não era seu, obrigava o menino Machado a se desviar da infância e seguir para a escola, o caminho da razão, porque sabia que não havia nada de razão na infância; que infância e vadiagem tinham o mesmo sentido para os *gentlemen* da cidade. Mas, contrariando a razão, foi na escola, com Raimundo e Curvelo, que não eram meninos vadios, que o menino Machado aprendeu sobre *corrupção* e *delação*, um aprendizado que a dor nas mãos pelos doze bolos que tomara do professor Policarpo jamais o permitiria esquecer.

Vadiagem soou com potência nas narrativas do menino Machado. Parece ser o lugar onde os sentidos da vida eclodem com força, possibilitando que ele se sinta livre ainda que preso atrás das vidraças da escola; que alivie a dor da palmatória; que suporte o excesso de seriedade que existe naquele espaço. A vadiagem soou para mim com sentido de infância, de fazer coisas escondidas, como subir para o morro ou descer para o Campo de Santana ao invés de ir para a escola, de soltar papagaios coloridos e de entender o que é corrupção e o que é delação, porque só a vadiagem lhe permitiu ter essa compreensão sobre o que aconteceu naquela manhã na escola.

Nas minhas andanças como pesquisadora da infância, tenho conversado muito sobre as trajetórias das crianças nos espaços escolares. Tenho pensado, também, no tecido político e social que enreda essas trajetórias, ora como potência, ora engendrando as práticas educativas com as crianças com ideias conservadoras e colonizadoras, com base na imagem da criança como pessoa em desenvolvimento, cuja vida precisa ser cercada de cuidados, porém cuidar no sentido da lapidação, da enformação.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

A decorrência de não tomarmos em conta a criança como participante dialógica nos enunciados sobre si é que historicamente seus fazeres, dizeres, modos de ser e estar no mundo são tomados como mimos e curiosidades, e não como a palavra autêntica de um ser humano único e singular, que enuncia na cultura. Ou não são tomados como verdade ou são percebidos como pontos relativos em uma linha contínua de desenvolvimento que vai dar em um modelo adulto determinado, como ponto de chegada, incompletos de uma maneira colonizada, ou seja, se completarão no futuro (MELLO, 2017, p. 419).

Meninos, meninas e infâncias estranhos; uma espécie de estranheza que não pode ser narrada porque nos faltam tradução, ou como nos disse Larrosa, “aqueles estranhos seres de quem nada é conhecido, aqueles seres selvagens que não entendem o nosso idioma” (2000, p. 5).

(...) Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. (...) ³⁶.

A menina Clarisse soube ser ousada em revelar suas invejas, suas raivas, suas vaidades, suas pequenas vinganças, tudo na clandestinidade. A clandestinidade me parece uma ideia que dialoga perfeitamente com a infância. Vejo mais potência na clandestinidade do que na invisibilidade, porque as crianças são vistas, mas não são traduzidas na concretude de suas experiências, logo tornam-se clandestinas. Mas estão lá, no mundo adulto, penetrando em tudo, intérpretes ávidas e criadoras! A clandestinidade confere à infância uma potência de militância. Na clandestinidade, as crianças não estão oficialmente na cena, mas estão lá imprimindo sentidos outros e nos deslocando. Devo isso à menina Clarisse, que mostrou que vingança é um prato que se come frio. Que valeu a pena percorrer diariamente o mesmo caminho para provar do fel amargo que escorria pelo “corpo grosso” da menina, dona do *Reinações de Narizinho*; que valeu a pena deixar as olheiras cavarem seus olhos espantados pela negativa diária: *pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina*³⁷. Naquele pequeno instante em que pode ter o livro pelo tempo que

³⁶ Felicidade Clandestina: Contos, Clarice Lispector. Editora Rocco Ltda. PDF. Disponível em <https://rl.art.br/arquivos/4545694.pdf?1488823890>. Acesso em 8/11/2019.

³⁷ Idem.

quisesse, toda raiva virou prazer de poder fazer a menina esperar o tempo que ela quisesse para ter o livro de volta.

Seres selvagens, mas penetrantes. As crianças, como já disse, são penetras singulares, clandestinas, vadias. Daquele tipo de penetra que faz a festa na cultura adulta, a festa da renovação, como Bakhtin (2015) pensou. Como penetras clandestinas, as crianças não são consideradas na relação de convidados. Dizemos que as mães nascem com as crianças, os pais também, assim como as avós, tias, etc; chamamos a escola de infantil; as políticas públicas de políticas infantis, mas na verdade, oficialmente, são os adultos que comandam os acontecimentos, pois são pensados, elaborados, vividos e controlados pelos adultos, e assim sendo não há outra forma de participação da criança que não seja como penetra, na clandestinidade. Portanto, como penetras as crianças e a infância são penetrantes. Chegam sem serem convidadas e rapidamente arrumam um jeito de aproveitarem a festa como crianças, porque não dançam conforme a música, não se trajam no rigor, e na sua inquietude vão criando uma festa pequena inserida na festa grande, parafraseando Walter Benjamin (2011).

A infância penetrante é uma festa da renovação na cultura adulta, bakhtinianamente falando. Pensando etimologicamente a palavra *renovação* é possível um atravessamento em algumas ideias pelo sentido da palavra em sua origem, mas em diálogo com a infância penetrante a festa da renovação infantil pode se traduzir na potência em tornar algo no seu estado inicial, tornar inaugural pensando a infância como o *espaçotempo* da inauguração das coisas; como um acontecimento inaugural e atemporal que envolve todos nós. Assim, como uma festa da renovação, a infância penetra na cultura adulta e a inquieta, a perturba, a questiona, escarafunchando os sentidos do passado, aqueles esquecidos que, nesse deslocamento vêm à tona, são memorados, só que reviverão “em forma renovada (em novo contexto)”. Eis o que Bakhtin nos presenteia com a festa da renovação (Bakhtin, 2015, p. 410).

Agamben (2017) foi mais enfático ao colocar que

Devemos parar de fingir que sabemos o que é uma criança. A cultura, ou seja, a educação funda-se sobre essa ficção. Tudo o que sabemos da criança é que ela torna inútil tudo aquilo que acreditamos saber sobre o homem. Diante de seu sorriso, todo o saber é ridicularizado. Toda a moral torna-se caduca. Todo o direito é anulado. Isto significa que, só quando deixarmos pra trás o saber,

o direito e a moral, poderemos começar a decifrar o enigma do rosto infantil (p. 15).

Dizer que “a educação se funda sobre essa ficção”, de que não sabemos “o que é uma criança”, é um convite a um deslocamento; um convite em tomar a infância penetra e clandestina como aquela que permite aproximação das crianças em sua concretude. É uma possibilidade de exotopia com a infância e as crianças. Agamben foi mais além ao afirmar que as crianças são “o paradigma do humano”, e não os adultos. Que não há destino, nem “vocação biológica” que possa traduzir as crianças e nos colocar em compreensão respondente diante delas. Aliás, posso pensar em uma provocação e tomar essas crenças como destino, vocação biológica, (in)capacidade, (in)competência, maturidade ou imaturidade, ou tantas outras com as quais a “história das ideias pedagógicas” (parafrazeando Moacir Gadotti, 2002) se valeu para dizer das crianças; ou como Agamben me sugere, dizer que são ficções ou, também, com Bakhtin dizer que são álibis, que são aqueles argumentos ou desculpas com os quais nos valemos cada vez que pretendemos nos esquivar do ato responsável, porque com essas ficções e álibis os adultos atravessaram os tempos justificando sua incapacidade de estabelecer relações mais alteritárias com as crianças.

A criança é o paradigma do humano. Assim, Agamben faz a festa da renovação em nossos sentidos. Ele não nos implica a criar verdades sobre as crianças, já que, na sua visão, nossas verdades são ficções. Ele nos implica a inverter as lógicas que nos fazem produzir as verdades; que colocam as crianças como pessoas em desenvolvimento, um vir a ser adulto. A infância, nessa inversão, deixa de ser o lugar do passado para ser o “futuro anterior do homem”; o tempo do “já não” e “ainda não” que, para Agamben definem o tempo humano, a sua história; de *projectu* para *regressio*:

A criança é a incessante revogação do não humano diante do humano e do humano diante do não humano. Por isso “já não” e “ainda não” definem o tempo humano, a história. Se a infância é o paradigma do humano, então a regressão é o movimento mais próprio do homem, que não conduz ao passado nem ao futuro, mas a um passado no futuro, um futuro anterior (AGAMBEN, 2017, p. 15).

Proponho, então, um jogo de sentidos para pensar essa inversão que Agamben me provocou. Pensando a palavra “caixa”, por exemplo, encontrei em um dicionário online de Língua Portuguesa uma variedade de significados, como um

recipiente retangular que pode ser de madeira, papelão, metal, matéria plástica, vidro, outros; uma seção de um banco ou outro estabelecimento comercial ou público onde se fazem pagamentos; uma arca, um estojo, um cofre; uma caixa de música, um instrumento musical, enfim, uma série de significados que foram produzidos para este signo³⁸. Bakhtin diz que ao falarmos sempre levamos em conta “o fundo aperceptível da percepção” do nosso discurso pelo outro, ou melhor: seus conhecimentos sobre o assunto, sobre os acontecimentos, sua pertinência ao “campo cultural da comunicação”, “concepções, convicções e preconceitos; antipatias e simpatias”, enfim, há uma série de questões que vão implicar uma compreensão ativa e respondente por parte do outro (outros) com quem enunciemos (2015, p. 302). Esse “fundo aperceptível” ao qual Bakhtin faz referência permite considerar que se eu digo apenas a palavra “caixa” posso causar confusão no(a) outro(a) com quem me comunico, mas em um acontecimento em que ambos estamos entrelaçados de alguma forma, em relação ao “fundo aperceptível da percepção” do nosso discurso, a probabilidade de haver confusão entre nós é menor: *pegue esta caixa, por favor, e leve-a para a mala do carro*. Assim como se eu pegar uma caixa de papelão, por exemplo, imediatamente um dos significados contidos nos dicionários para o signo “caixa” salta sobrepondo-se aos demais, pois ninguém fará referência a outra ideia que não seja: *recipiente retangular que pode ser de madeira, papelão, metal, matéria plástica, vidro, outros*. E por que estou entrando nesta seara do debate? Apesar de considerar que é possível uma variedade de significados para um mesmo signo, considero que há uma dinâmica social e histórica que envolve a produção dos significados, que não é uma invenção de alguém e nem decorrência de abstrações com a língua, por isso nos perpetuamos como humanos, perpetuamos nossas culturas; a linguagem nos coloca em *eventicidade* no mundo e com o mundo; “viver significa participar de um diálogo” (BAKHTIN, 2015, p. 337-357). Portanto todas as possibilidades de significação da palavra “caixa” são frutos dessa participação ativa e dialógica dos humanos entre si, no e com o mundo; entretanto, ainda que produzidas na dinâmica social, na relação

³⁸ Disponível em <https://www.dicio.com.br/caixa/>. Acesso em 23/06/2020.

dialógica, num processo histórico, os significados que encontramos nos dicionários são a parte estável da palavra enquanto signo de uma determinada língua:

Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: a palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém (como a que encontramos nos dicionários) como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão (BAKHTIN, 2015, p. 294)³⁹.

Continuando o jogo, posso pensar a caixa identificada na figura 9, abaixo, como a “palavra neutra” que não é de ninguém, mas como poderia pensar a figura 10⁴⁰?

³⁹ Coloquei um comentário meu entre parênteses.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/penseforadacaixa.com.br/>. Acesso em 23/06/2020.

Figura 9 – A caixa



Fonte: Facebook, 2020

Figura 10 – Qual caixa?



Fonte: Pense fora da caixa, 2020

Encontrei esta imagem (Fig. 10) como fotografia de capa de uma página do Facebook intitulada #PENSEFORADACAIXA⁴¹. Não vou me ater à página ou ao conteúdo dela, mas tentar pensar com a imagem e a frase que sugerem “pensar fora da caixa” ou inverter a lógica, como nos convoca Agamben. Considero que as crianças têm uma dose de liberdade para inverter as lógicas ou até subvertê-las muito maior que a maioria dos adultos (até porque as lógicas não são infantis), dizem isso dos/das artistas, dos/das poetas, dos/das ilusionistas, enfim, de uma variedade de pessoas que aprenderam a olhar a vida com obliquidade, de forma desviada, pelo avesso, customizada, como muitos pensadores da infância se referem em seus estudos ao olhar das crianças, como Larrosa (2002), Jader Lopes (2003), Linhares (2007), W. Benjamin (2011,2009), Agamben (2017) e outros com os quais dialoguei nesta pesquisa. Também considero a ideia de que os adultos têm maior dificuldade em ultrapassar os limites do signo, e transitam mais na sinalidade da palavra, que diz respeito ao seu significado já estabilizado, aquele que encontramos nos dicionários (como sugerido na figura 10). Entretanto, me senti um tanto inquietada com os sentidos interpretados para a palavra *caixa* atribuídos às crianças na figura 10. Digo “sentidos interpretados” pois faço referência à transgrediência de sentidos que os humanos em eventicidade são capazes de produzir com e pelas experiências que vivenciam na cultura, ou seja, nossos horizontes nos permitem ir além do que está estabilizado nos dicionários para pensar a palavra de forma alargada. E assim, na figura 10, segundo a autoria da imagem, que aqui vou atribuir à página #PENSEFORADACAIXA (já que não foi possível identificar a autoria), o universo das experiências infantis se associa às representações de criança incorporadas ao imaginário social adulto, ao ordenamento legal para educação das crianças brasileiras, em que as experiências infantis são semelhantes àquelas pertinentes às rotinas das crianças da classe média urbana, que moram em casas de cômodos, andam de carro, vão ao cinema, ao teatro, têm acesso aos livros de literatura, têm adultos que lhes contam histórias, têm brinquedos, entre outras questões que vão ao encontro do que coloquei anteriormente sobre *verdades-ficções-inversão das lógicas-projectu-regressio*. Portanto, para possibilitar que a caixa de papelão também se transforme em

⁴¹ Idem

armário, berço, cama, parede da casa, ferramenta de trabalho, “ganha-pão da família” é necessário considerar as andanças pelas quais se enredam uma grande parte das crianças brasileiras, acompanhando seus pais e responsáveis em suas rotinas. Não estou desta forma excluindo as brincadeiras, os brinquedos, as histórias, andar de carro, ir ao cinema, teatro, frequentar bibliotecas como pertinentes ao universo de experiências infantis, mas considerando que a “representação” das traduções das crianças como seres que “pensam fora da caixa”, expressas na figura 10, desconsiderou outras experiências não menos concretas, não menos legítimas, não menos reais entre as crianças, como catar papelão nas ruas, guardar roupas, utensílios domésticos e gêneros alimentícios em caixas de papelão, tomar o papelão como moeda, algo que para a família de muitas crianças vale dinheiro, porque compra alimentos e paga as contas da casa, e se não nos propomos a isso comprometemos a possibilidade de estabelecer relações alteritárias com todas as crianças nas nossas traduções/interpretações.

O Catador

Manuel de Barros

Um homem catava pregos no chão.

Sempre os encontrava deitados de comprido,
ou de lado, ou de joelhos no chão.

Nunca de ponta.

Assim eles não furam mais – o homem pensava.

Eles não exercem mais a função de pregar.

São patrimônios inúteis da humanidade.

Ganharam o privilégio do abandono.

O homem passava o dia inteiro nessa função de catar
pregos enferrujados.

Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.

Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.

Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.

Garante a soberania de Ser mais do que Ter⁴².

Essa volta que dei na escrita possibilitou encontrar Manuel de Barros e cotejá-lo com Marisol Barenco de Mello, no texto que escreveu sobre os saberes das crianças catadoras de lixo.

“Difícil descrever a beleza na penúria. Num campo de quase dez metros de altura, elevado pelo acúmulo de lixo vazado diariamente, coberto com poucos centímetros de terra, seres humanos descubrem o fogo. Cavando

⁴² Tratado geral das grandezas do ínfimo, Editora Record – 2001, pág. 43. Disponível em <https://poemia.wordpress.com/2008/04/05/o-catador-manoel-de-barros/>. Acesso em 8/11/2019.

uns poucos centímetros dessa terra, colocando um cano e acendendo a sua extremidade superior, têm-se uma lamparina para iluminar a catação do lixo, na noite estrelada do vazadouro às margens da Serra do Matão. De longe, parece um cenário indígena: tochas azuladas pelo gás metano produzido pelo aterro, que queima ininterruptamente, iluminam um trabalho que desconhecemos. Olhos apurados pela prática seletiva descobrem o segredo nos excessos de nossa cultura, fabricante modo *continuum* de objetos com tempo contado. Valores mutáveis que, crendo ser seu fim, “jogamos fora”. *Fora* agora é redefinido em outros *dentro*: o valor é ressignificado por outros sujeitos” (BARENCO de MELLO, 2017, p. 35)⁴³.

Esse texto me remeteu às imagens que trouxe para dialogar com Agamben e Bakhtin: a palavra neutra ou a sinalidade, o sentido *projectu* e o sentido *regressio*, ou seja: a compreensão passiva às verdades/ficções e a compreensão respondente (o futuro anterior ou a inversão da lógica). Afinal, mais que depósitos de restos ou excessos, como Marisol pensou, os lixões são verdadeiros “sítios arqueológicos” que testemunham uma história atual, de muita gente, de muita criança. Nesses espaços, cada objeto, cada resto traz o rastro de um mundo que essas crianças só sabem que existem, mas não lhe fazem parte, não lhe pertencem, constroem imagens pelos rastros que encontram nos excessos que catam diariamente no lixão. “Excessos de cultura”, como Marisol Barenco bem definiu aquilo que descartamos. Objetos por nós descartados que essas pessoas prolongam a validade, imprimem valores e sentidos outros (BARENCO de MELLO, 2017, p. 50).

Essas crianças foram encontradas por Marisol Barenco em dois universos: o lixão, suas casas, seus lugares de infância, e na escola, cujos valores de dignidade humana, de direitos de cidadania e de civilidade não conseguiram traduzir a vida no lixão como um contexto de cultura. Não quero e nem devo aqui colocar a escola e seus saberes em questão, apenas estar em cotejo com Marisol, Bakhtin, Benjamin e Agamben, especialmente este último, que nos diz com muita propriedade que “só quando deixarmos pra trás o saber, o direito e a moral, poderemos começar a decifrar o enigma do rosto infantil (AGAMBEN, 2017, p. 15). Marisol Barenco também nos ajuda neste diálogo quando afirma em seus estudos exploratórios que “talvez nossa formação (...), que nos faz preferir que tudo isso não exista: miséria, fome, pessoas revirando e reaproveitando o que jogamos ‘fora’, crianças comendo o que nossos supermercados consideram impróprio, na perspectiva dos padrões sanitários” (BARENCO de MELLO, 2017, p. 49), não nos permita olhar a vida dessas crianças e tomá-las como contextos culturais nas práticas educativas na escola.

⁴³ Grifos da autora.

Esse olhar frontal que a escola tem sob a vida das crianças é carregado de ficção e foi esse o sentido de Agamben (ficção) ao propor que devemos deixar para trás essas verdades, já que elas contaminam o nosso olhar, elas nos colocam em posição de poder sobre as crianças, um poder que não educa, que não liberta.

Falar da infância é falar de tempo. A infância costuma ser pensada como início de algo. Ponto de partida de uma vida que vai se transformando à medida que avança na conquista de seu futuro, que acumula experiência, que incrementa seu passado. Enquanto isso acontece, quem transita por esse caminho vai se afastando paulatinamente do início, vai abandonando a infância. Assim, a infância é o lugar de onde os adultos provieram e, por isso mesmo, a promessa de renovação do nosso futuro como espécie. A infância é o nosso passado e o nosso futuro ao mesmo tempo (OLARIETA, 2015, p. 30).

Passado no futuro. Futuro no passado. Futuro anterior. Memória de futuro!

O lixo, para a escola, é um objeto de perigo, que contamina, que deve ser evitado, pois causa mal à saúde, portanto, o lixo para a escola é a parte negativa da vida. Entretanto, a escola também ensina às crianças o reaproveitamento do lixo. Nas andanças de Marisol Barenco naquele lugar, capturou muitos trabalhos na escola que traziam projetos e ideias para reaproveitar e reciclar o lixo (*projectu*), só que nenhum desses trabalhos procurava investigar quais relações as crianças do lixão tinham com aqueles materiais perigosos que contaminam e, por esse motivo, deviam ser evitados. Marisol Barenco levantou algumas categorias que lhe permitiram capturar os saberes que aquelas crianças e suas famílias tinham e que não eram considerados pela escola: sobre o escambo como uma forma de economia; o trabalho de catadores; a seleção do lixo para organizar o que seria aproveitado pela comunidade e o que seria revertido em renda, a partir da venda para terceiros fora da comunidade, mas a grande potência estava nas histórias, na forma como o lixão se torna um “sítio arqueológico” da vida urbana; o quanto estas histórias conservam rastros dessa vida, dessa dinâmica, e mais ainda das relações de poder e das relações de consumo, isso sim era um saber que aquelas crianças tinham e mostravam com muita criatividade o valor que aqueles objetos ganhavam para elas; mostravam, mais ainda, que reconhecer esse valor, na escola, era reconhecer seus contextos de cultura, as culturas de infância daquelas crianças (*regressio*) (BARENCO de MELLO, 2017, p. 40-43).

A escola e a vida das suas pessoas carregam um universo inenarrável de enredos quando tomamos os manuais escolares e nossas convicções (ou ficções, como Agamben nos provocou) como roteiro em nossos discursos e práticas. Chamo

de manuais os textos do ordenamento legal para a educação no Brasil, os projetos pedagógicos, os regimentos escolares, os planejamentos dos professores e professoras, as teorias, as tendências educacionais, entre muitos outros textos que, de uma forma ou de outra, forjam as práticas educativas e circunscrevem seus sujeitos, criando uma tessitura peculiar pela qual a cultura da escola vai sendo harmonizada (*projectu*), impedindo a tradução de tudo o que destona nesta tessitura (*regressio*).

Essas crianças (o menino mais novo, o menino Machado, a menina Clarisse, as crianças do lixão), vão mostrando que a infância não pode ser uma conceituação adulta, porque assim deixamos escapar as traduções e interpretações mais potentes das crianças. Como intérprete da cultura adulta, as crianças penetram clandestinamente pelo avesso deste tecido e é pelo avesso dele, aquilo que desprezamos, que não tomamos como tecido cultural, que produzem suas culturas. O menino mais novo, o Menino Machado, a menina Clarisse e as crianças do lixão mostram suas verdades com força. Experiências com contextos produzidos no avesso da vida social, o lixo, a seca e a pobreza, uma parte de nós que negamos, que rejeitamos pelas nossas convicções e crenças, mas as encontramos na arte literária e na vida como conteúdo fértil para nossos pensamentos, como foi possível perceber nas crônicas de Marisol Barenco e Agamben, como no romance de Graciliano e no conto de Machado de Assis, Clarisse Lispector, que produziram retratos falados de infância fertilizando nossas ideias e nos ajudando a desviar das verdades, suas armadilhas e ilusões. Um cotejo!

Walter Benjamin nos presenteia com a alegoria do canteiro de obras, com a qual dialoga com a infância, e trago aqui como forma alteritária de compreensão respondente para com as crianças, ressaltando o quanto esta passagem da obra de W. Benjamin pode, também, estar em cotejo com a passagem das crianças do lixão e o poema de Manoel de Barros, *O Catador*:

Elucubrar pedantemente sobre a fabricação de objetos – material educativo, brinquedos ou livros – que fossem apropriados para a criança é tolice. Desde o iluminismo essa é uma das mais bolorentas especulações dos pedagogos. Seu enrabichamento pela psicologia impede-os de reconhecer que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos de atenção e exercícios infantis. E dos mais apropriados. Ou seja, as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e

para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferente, através daquilo que com eles aprontam brinquedo, em uma nova, brusca relação entre si. Com isso as crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas. Seria preciso ter em mira as normas desse pequeno mundo de coisas, se se quer criar deliberadamente para as crianças e não se prefere deixar a atividade própria, com tudo aquilo que é nela requisito e instrumento, encontrar por si só o caminho que conduz a elas (W.BENJAMIN, 2011, p. 16).

Vasto canteiro de sobras, de descartes, de excessos, como no lixão. Marisol soube dizer a forma como as crianças traduziam o rosto que o mundo das coisas descartadas no lixão se mostrava para elas; Graciliano soube dizer do rosto do mundo das coisas secas e criou o menino mais novo com alteridade de menino; Machado de Assis e Clarisse Lispector souberam penetrar no rosto das coisas da escola, as tramoias infantis que nos escapam, que se dão na vadiagem e na clandestinidade. Enfim, o nosso mundo residual emoldura as culturas infantis. Só as crianças sabem como produzir esta moldura, mas com W. Benjamin fui provocada para compreender responsivamente “as normas desse pequeno mundo de coisas” com as quais e de maneira peculiar as crianças elaboram suas culturas e demarcam os territórios de infância por elas habitados, ou pelos menos é isso que estou pretendendo fazer neste momento da escritura, uma forma de encontrar as crianças; de fugir de “especulações bolorentas”, de ficções. Encontrá-las sem a pretensão de descrevê-las e conceituá-las, mas apenas tê-las comigo, mais próxima, mais junto ainda que em pensamento.

Tenho pensando sobre o problema da presença das crianças nas pesquisas, já que o GRUPISD é um grupo pesquisadoras que pensa crianças e infância em territórios de educação infantil. Porém, grande parte das produções do grupo se deu por uma experiência com a pesquisa cuja forma de aproximação com as crianças considero peculiar. O GRUPISD tem investigado os achados das academias; os escritos acadêmicos produzidos pelo encontro da criança e da infância com a pesquisa. Encontros que se deram no confronto direto entre os sujeitos partícipes. O interesse deste grupo e de suas pesquisadoras se localiza na potência desses encontros como nutrientes para o pensamento, e por isso buscou encontros que se deram em territórios de educação infantil. Rita Ribes me fortalece quando afirma que “toda pesquisa dedicada aos estudos da infância, de forma mais ou menos imediata, em última instância, estabelece um diálogo com crianças concretas” (Ribes Pereira,

2012, p. 3), entretanto, meus atos de compreensão respondente não podem se render às armadilhas das verdades. Com Fabiana Olarieta, tenho pensado a pesquisa infantil como uma forma alteritária de aproximação das crianças e da infância.

Crianças e pesquisador colocados em uma determinada situação que favoreça a observação das primeiras, o registro das suas ações, dos seus pensamentos, das suas produções em relação àquilo que o pesquisador está interessado em conhecer. (...) qual é a tarefa daquele que pesquisa dentro desse complexo campo no qual se cruzam ideias, pesquisadores e crianças? Qual a relação a estabelecer entre pesquisa e infância? Mais especificamente, qual a relação desse pesquisador com a infância? (OLARIETA, 2015, p. 27).

Preciso saber, agora, como trabalhar os fios para produzir um tecido que seja infantil, porque tenho pensado muito sobre esta palavra, não como uma palavra relacionada ao que seja específico das crianças e da infância, mas como uma palavra preche de crianças, das suas culturas, de infância, para assim encontrar uma forma de aproximação amorosa e legítima com as crianças. Uma proposta para pensar os lugares que as crianças habitam como lugares alargados pelas suas experiências concretas, pelas suas selvagerias.

“as crianças em seus movimentos no cotidiano das relações dialogam conosco e nos apontam para mais além do mapa, a vida. Suspeitamos que muito temos que aprender com esse olhar, sobre as crianças e sobre nós, sobre nós que compomos essas crianças e essas infâncias” (LOPES e BARENCO de MELLO, 2017, p. 33).

Ah, essa infância! A sempre infância que não sabemos se a dizemos no singular ou no plural! Essa infância que se traduz no mesmo e no diferente ao mesmo tempo e, por isso, é penetrante, é clandestina. Essa infância que não se contenta em ser infância, e nos coloca em hesitação, me implicando parar e olhar de lado e para trás. De lado, nas minhas andanças pensantes e para trás no espelho retrovisor da minha vidas, para enxergar melhor a memória; para reconhecer os tempos cruzados em uma infância que já vai velha nos pensamentos, quase esquecida, porém ainda viva para se deixar afetar pela festa da renovação.

3 O GRUPO INFÂNCIA E SABER DOCENTE VISTO PELAS LENTES CRONOTÓPICAS DA PESQUISADORA: FORMAS CRONOTÓPICAS (E OUTRAS FORMAS) PARA FALAR DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DE UM GRUPO DE PESQUISA

*Não há nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação.
Questão do grande tempo.
M. Bakhtin, 2015*

Nesse momento da escritura vou contornar as ideias no contexto em que o território de pesquisa do GRUPISD está situado: o contexto acadêmico, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED), sob a coordenação da professora doutora Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino. Para mim é sempre uma força um tecido constituído no contexto legítimo em que sua trama se enredou. Este Grupo vem produzindo um tecido muito potente, desde o ano de 2010 no PROPED/UERJ com e para a infância, nas tramas que constituem os enredos das instituições de educação infantil.

O GRUPISD surge com o propósito de investigar a produção de conhecimento, fruto da relação universidade e infância. Nos primeiros cinco anos de sua existência no PROPED, o GRUPISD debruçou suas investigações nas escolas de educação infantil universitárias, tomando esses lugares como territórios de infância potentes, não só no fortalecimento da infância brasileira, uma vez que há instituições como esta por todo o território nacional, mas também na produção de saberes docentes, e no reconhecimento do papel social que as universidades brasileiras conferem aos estudos com a infância e a educação infantil. Entendo o espaço da academia como um território de pessoas políticas cujas produções precisam ser socialmente potentes. Pertencço a um grupo em que a maioria é de mulheres, pessoas políticas pensando as crianças e a infância em territórios de educação infantil. É nesse contorno que vou tentar desenhar de que forma penso a militância infantil e as crianças e a infância nesse contexto.

Reconheço o quão grande é o desafio que é uma aproximação alteritária com as crianças. A academia não é um lugar infantil, mas como um grupo de mulheres e professoras que decidiu dedicar suas atividades laborais e de pesquisa às crianças e à infância, percebo um esforço para enfrentar a presença das crianças neste

espaço e de fato legitimá-la, para que estejam mais próximas em todos os sentidos, fisicamente e falando em suas escrituras. As crianças circulam clandestinas por entre os corredores da academia, filhas de servidoras ou estudantes, estão nas salas de aula, nos seminários, congressos e outros eventos acadêmicos, nas pesquisas, nas defesas, nos protestos e outras formas de manifestação. Essa presença clandestina tem provocado o olhar do grupo com as crianças, para pensá-las para além dos espaços de cuidado e educação, pois estão em toda parte e é esta condição que me permite tomá-las como penetras clandestinas, pois desta forma vão ocupando cada vez mais os acontecimentos da vida adulta, se expondo, pirateando, como nos diz Larrosa (2000), aqui e acolá, os saldos negativos e positivos desses acontecimentos. Assim, penso que seja tarefa indispensável para um grupo de mulheres pesquisadoras responder a essas manifestações, tomá-las como fecundas na produção das narrativas que envolvem as crianças e a infância no tecido político brasileiro.

Mais que interessar-se pelas crianças para narrá-las de fora e de cima, nos interessamos pelas crianças porque com elas nos relacionamos nos espaços formais e informais, no mundo. Compreendendo essas crianças reais, suas histórias, suas geografias e seus processos, com elas temos dialogado por muitos anos. Jorge Larrosa escreveu em um texto que é bastante lido no campo pedagógico, 'as crianças, esses seres selvagens que não entendem a nossa língua'. Ao se referir a nossa incapacidade histórica de olharmos nos olhos das crianças e, nesse olhar abrir um espaço para ouvi-las, Larrosa vem ao encontro de nossas questões. Narrada e dissecada por diferentes teorias da Psicologia, da Sociologia, da Medicina e outras áreas das ciências, a criança permanece como aquela parte do humano que nos atrai e nos incomoda, que nos fascina e nos faz temer como a parte em que muitas vezes depositamos o que nos sobra: nossos temores, nossos sonhos e nossas opções negligenciadas, nossas outras vidas não vividas" (LOPES e BARENCO de MELLO, 2017, p.32)⁴⁴.

Esta "nossa incapacidade histórica" de olharmos as crianças com os seus olhos e os desvios que o GRUPISD vem produzindo para buscar uma maior aproximação com as crianças em suas narrativas é a trama do enredo deste momento da tese, e que a coloco como um problema que me implica uma resposta ou compreensão respondente às crianças, como propõe Bakhtin (2015). Jader Lopes e Marisol Barenco disseram que se interessam pelas crianças porque elas tornam potentes suas relações com os espaços formais e informais, suas relações como o mundo adulto. Sobre isso estou inteiramente em acordo. Reconheço,

⁴⁴ O texto de Jorge Larrosa Bondiá ao qual eles se referem Lopes e Mello é o *Pedagogia Profana*, de 1999.

também, que as crianças são encontradas nas experiências de pesquisa, falam de suas vidas, histórias, suas geografias, mas na escritura muitas das vezes caímos na armadilha de falar por elas e sobre elas, com nossas vozes e pensamentos. E esse é o problema-desafio que tenho tentado enfrentar: como trazer as crianças em presença nas minhas escrituras? Como narrar com elas as experiências partilhadas, as escutas? Portanto, temos uma questão da palavra e com a palavra: a minha palavra, aquela que expressa as minhas traduções, se não vem com a palavra alheia dita em potência no texto, torna-se apenas a minha palavra, dita sobre o outro e sem a sua presença. Mas, esta coisa do “outro em presença” tem me provocado cada dia mais. O que é o “outro em presença”? O que é a presença do outro em minhas palavras?

O mais paradoxal é que não faltam agências, instituições educativas, campos de conhecimentos e arte, reivindicando-as como seu “objeto”. Portanto, na própria linguagem pedagógica *vigem* as amostras das cisões que inferiorizam as crianças. Quem seriam os sujeitos se a criança é tomada como objeto? (LINHARES in: LINHARES; QUELUZ e LINHARES, 2008, p. 16).

Célia Linhares tocou de forma muito contundente nessa questão: crianças como objeto nos atos que são produzidos para ela e sobre ela, e não como pessoas, com participação ativa e respondente nos acontecimentos que dizem respeito as suas próprias vidas.

É importante reconhecer que as crianças e a infância estão convocadas de uma forma muito peculiar nas pesquisas do GRUPISD, uma vez que já foram encontradas nas pesquisas que o grupo investiga. Então, o GRUPISD reencontra as crianças em suas investigações, com outros olhares, com outras palavras. Esses encontros são instigantes, se dão totalmente fora da cena. Uma forma de captura com a qual o GRUPISD vem produzindo modos diversos de narrar esses encontros já encontrados; modos diversos de pensar as crianças e a infância com a palavra alheia, aquela que já foi dita. Portanto, crianças e infância narradas pela palavra recriada, memorada, relida, repensada, remexida, revirada, enfim, a *palavraoutranossa*, do GRUPISD. Pensar esse movimento foi possível a partir dos meus encontros com Bakhtin (1999, 2014, 2015, 2017). Uma forma singular de captura em que tomei o *cotejo*, a *leitura cronotópica* e a *compreensão respondente* como metodologia para investigação e escrita na atividade de pesquisa. Como já disse Bakhtin, o encontro precisa se constituir como um ponto excêntrico para a

escritura. Uma forma de deslocamento, também de desvio. Na experiência com a pesquisa, o encontro antecede a narrativa, que por sua vez vem por ele encharcada.

A escrita da pesquisa tornou-se em mim um campo de lutas, de resistência aos atos fascistas do atual governo⁴⁵, que elegeu a educação pública, as universidades, seus(as) professores(as) e pesquisadores(as) como inimigos do Estado; antipatriotas. Não fomos convocados para uma batalha contra nós, mas dormimos e acordamos diariamente atropelados por atos de desmonte, de fragilidade, de imobilização. Enfrentar em corpo presente nas ruas, nas praças e nos espaços virtuais os atos fascistas do atual governo têm parecido, neste estado de exceção em que vivemos, entrar na guerra com as mesmas táticas do oponente, e é nesse enredo de pensamentos que estou tomando a escritura da pesquisa como um campo de luta e resistência; uma escritura fértil e potente, que convoque, provoque, desloque e seja intimidatória, implicando em resposta. Considero o entrelaçamento da militância com a pesquisa uma ousadia fundamental para existência desta última neste contexto sombrio, e o valor desta ousadia me mobilizou para decidir pela produção do GRUPISD, pelas vozes destas pesquisadoras, pelas suas ideias, como um tema na tese. Concordo com Marisol Barenco quando me disse que a militância no contexto da academia se traduz em “uma forma de fazer da pesquisa um lugar em que o outro esteja vivo e enuncie, produzindo uma ciência da alteridade”⁴⁶.

Ao tratar do cotejo em Bakhtin, Miotello nos convida a pensar o quanto a palavra vai ganhando potência na medida em que a deixamos circular. Esse era o sentido do círculo bakhtiniano. A palavra circula e “engravidar”, como nos disse Miotello, como um ventre fecundo de ideias, alargando-se⁴⁷. Alargar, diferente de tornar coerente, pois tornar coerente é andar na contramão do alargamento. A coerência é o centro, nela tudo se relaciona e se harmoniza. O alargamento desestabiliza, inquieta, provoca, desconstrói, e aí descentra. A palavra circula em cotejo, como fazia Bakhtin cotejando suas ideias com as obras literárias, não somente para criticá-las, entendê-las ou interpretá-las, mas para pensar a arte como

⁴⁵ Cabe aqui ressaltar, uma vez que pretendo uma escritura atemporal, que o governo ao qual faço referência se enreda pelos golpes a partir do impeachment da presidenta Dilma (2015-2016), passando pelo governo ilegítimo do Michel Temer (2016-2018) e ganhando muito força no governo do fascista Jair Bolsonaro (2019).

⁴⁶ Discurso de Marisol Barenco de Mello na disciplina Tópicos Especiais em Linguagem, Cultura e Processos Formativos: estudos bakhtinianos, em 3/07/2017, na Creche UFF.

⁴⁷ Discurso de Miotello na disciplina Tópicos Especiais em Linguagem, Cultura e Processos Formativos: estudos bakhtinianos, em 3/07/2017, na Creche UFF.

um campo da cultura humana, que coteja a vida e é cotejada por ela. Com isso, produziu uma filosofia da literatura potente: as suas palavras, as palavras outras, as palavras outras bakhtinianas.

O cotejo é uma forma de abraço em que todos os sentidos são possíveis, são renováveis. Então, em cotejo as palavras tornam-se hóspedes de sentidos permitindo escrituras mais alteritárias. Se a minha intenção ao produzir uma ideia com infância é buscar a coerência, devo me preocupar naquilo que é estável dentro de um determinado discurso teórico, já que a coerência persegue a identidade entre os sentidos. Assim, as ideias são fixadas em alguma base teórica cuja dimensão se estende nos limites da coerência que esta base teórica proporciona; já o cotejo nos implica outra forma de relação com as ideias, pois no cotejo vamos transitar nos “não ditos”, nas possibilidades dos “ditos”, nos alargamentos provocados pelos “ditos”, nos ecos, nos cantos de galo, como fez o poeta para criar a manhã. Cotejar implica ter empatia, que como já dizia Bakhtin,

Não é o objeto que se apodera de mim, enquanto ser passivo: sou eu que ativamente o vivo empaticamente; a empatia é um ato meu, e somente nisso consiste a produtividade e a novidade do ato (...). Mediante a empatia se realiza algo que não existia nem no objeto da empatia, nem em mim antes do ato da empatia, e o existir-evento se enriquece deste algo que é realizado, não permanecendo igual a si mesmo (BAKHTIN, 2017, p. 62).

Assim, a ideia de infância em cotejo permite que entrem em cena diferentes arranjos, olhares e percepções, possibilitando aparecerem perguntas diferentes daquelas que casualmente as bases teóricas com as quais temos afinidades ideológicas nos colocam questões. Como nos disse Solange Jobim, as perguntas diferentes, aquelas que nos intimidam, nos deslocam, implicam, também, metodologias diferentes nos atos de compreensão respondente⁴⁸. Portanto, em sua trajetória no PROPED, o GRUPISD produziu muitas ideias, e estas circularam entre o grupo possibilitando muitas formas de pensar as crianças e a infância: crianças e infância pelo sentido do desenvolvimento, pelo sentido da experiência, como sujeitos de direitos, como atores sociais, como pessoas políticas, como penetas clandestinas. Cada um desses sentidos produziu uma forma específica de olhar e de narrar as crianças; de olhar e narrar a infância e tecer saberes, sem que fosse estabelecida uma visão única da criança e da infância, entendida como a “visão do grupo”, mas lentes de diferentes graus, que juntas enxergam com muita potência a

⁴⁸ Solange Jobim e Souza em conferência no V EEBA – Encontro de Estudos Bakhtinianos. Novembro de 2019. Universidade Federal de Lavras. Lavras/MG.

criança e a infância que o GRUPISD vem narrando desde sua inauguração no PROPED, em 2010.

O que pretendo neste momento é cotejar os pensamentos do Grupo e alargar esse tecido que ele criou em seus 10 anos de existência.

Encontro, abraço. Cotejo? Procurei a etimologia e o mais próximo que consegui foi a palavra *côté*, que no francês tem o sentido de *lado*. Será que é daí que Bakhtin pensa? Lado a lado, tocando-se as fronteiras, pode ser? (BARENCO de MELLO e BORDE, 2013, s/p).

Lado a lado, tocando-se as fronteiras. Lado a lado permitindo que os sentidos se toquem como corpos humanos, se abracem e não se misturem.

Fronteiras permeáveis que se alargam, mas não se confundem; território eu-outro, em que o acontecimento da existência nasce como sentido, como elo da cadeia discursiva ininterrupta da humanidade, encarnado nos homens que se tocam, que se cotejam, que se acariciam – palavra tocando em palavra (Idem).

As fronteiras são permeáveis, mas nenhum sentido se perde no acolhimento e no calor do toque. No abraço pode haver inquietação, pode haver desconforto quando os corpos se tocam, entretanto, essa é a questão, lado a lado os sentidos se deslocam do centro, tornam-se excêntricos e, por isso potentes, porque estão desviados axiologicamente.

Bakhtin tem me ajudado nesse abraço de potência nos meus atos de pensamento. Tenho vivenciado o cotejo nas obras de Bakhtin e, também, com os seus leitores. Miotello diz que há muitos “bakhtins” circulando nas ideias de seus leitores; ele anda pelo Brasil circulando nas mais diversas experiências que seus leitores vivenciam na academia; “esses “bakhtins” escapam, carnalizam, destronam, deslocam, desconstroem”⁴⁹, produzem ideias e ideias das ideias. Com os leitores tenho observado diversas formas de cotejo, com Barthes, Deleuze, Derridá, Benjamin, Vigotski, e também com a literatura, como Machado de Assis, Clarisse Lispector, Manoel de Barros, Saramago, assim como a música, as artes visuais e cênicas, enfim, esse alargamento me provocou escrever uma tese em cotejo, em que cada acontecimento dessa experiência se traduz em um texto, que aqui chamo de ensaio.

⁴⁹ Discurso de Valdemir Miotello na Disciplina Tópicos Especiais em Linguagem, Cultura e Processos Formativos: estudos bakhtinianos, em 3/07/2017, na Creche UFF.

Nesses dez anos de existência, muitas mulheres, professoras e pesquisadoras, passaram pelo GRUPISD. Muitas estão passando e muitas passarão. Para uma leitura cronotópica pensei nos tempos de transformação e alargamentos que este grupo passou, desde a sua criação na UERJ até o ano de 2018, contemplando o processo de criação da minha tese de doutorado. Além disso, optei pelas dissertações de mestrado pela intensidade de sua experiência, e decidi deixar de fora deste trabalho de produção das formas cronotópicas do GRUPISD, as pesquisas de mestrado não concluídas até o ano de 2018, ainda que já tivessem qualificadas pela universidade. Propor essas narrativas em cotejo é uma experiência que o grupo ainda não tinha vivenciado, e só em cotejo foi possível contemplar o tecido infantil que criou com seus atos de pensamento.

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). Um sentido atual não pertence a um (só) sentido, mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e se contactaram. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele (BAKHTIN, 2015, p. 382).

Se não faço a escrita desta tese em cotejo com as demais produções do Grupo, estou entendendo que cada sentido proposto por cada uma dessas pesquisadoras em suas escrituras é único e se basta, e nesse movimento deixo para trás outros acontecimentos que foram fundamentais para a minha existência no grupo e a existência desta pesquisa: as conversas, os debates, os embates, as concordâncias e as discordâncias, vozes que na maioria das vezes não são contempladas, ou pelos menos não aparecem em presença assinando junto com as autoras. O cotejo acolhe e permite que todas estejam em pertença no texto como um acontecimento dialógico, pois nenhum sentido, nenhuma ideia, nenhum pensamento rouba a cena para si, falando por si e sobre o outro.

O texto só tem vida em contato com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectivamente e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo (BAKHTIN, 2015, p. 401).

A partir deste momento, o GRUPISD nasce como um sujeito político cotejado e lido cronotopicamente, e agradeço a valiosa contribuição de cada uma das dissertações de mestrado que motivaram a criação, nesta pesquisa, deste grupo como sujeito político.

Pensei em um ensaio diferente dos demais, pois esse se propõe em avivar a memória do GRUPISD. A palavra é o lugar da memória, pois já traz consigo a memória dos lugares por onde caminhou; a morada dos acontecimentos. Assim, a palavra inscrita em cada uma das pesquisas que li para este ensaio traz em si a memória deste grupo, de sua jornada, de todos os acontecimentos que o constituíram. Se a palavra prima pela sua ubiquidade, assim deve ser a escritura da pesquisa: existir ao mesmo tempo em todos os lugares, pessoas e coisas por onde caminhou. Um texto de pesquisa com essa potência se torna um alargamento para pensar a obliquidade com a qual Bakhtin nos orienta a olhar a vida. Minha questão está em pensar o tecido infantil que o grupo criou a partir de suas pesquisas, esse tecido que revela a silhueta deste grupo; esse tecido que vem, ao longo da existência deste grupo de pesquisa na UERJ, marcando a sua presença não somente na universidade, mas nos espaços em que se faz presente com seus estudos e contribuições: fóruns, seminários, congressos, publicações em periódicos, entre outros, e também nas trajetórias de cada uma de suas pesquisadoras. Nessa perspectiva pensei uma cronotopia que me possibilite contemplar o tecido infantil que o GRUPISD criou.

Retrato do artista quando coisa
 A maior riqueza
 do homem
 é sua incompletude.
 Nesse ponto
 sou abastado.
 Palavras que me aceitam
 como sou
 — eu não aceito.
 Não aguento ser apenas
 um sujeito que abre
 portas, que puxa
 válvulas, que olha o
 relógio, que compra pão
 às 6 da tarde, que vai
 lá fora, que aponta lápis,
 que vê a uva etc. etc.
 Perdoai. Mas eu
 preciso ser Outros.
 Eu penso
 renovar o homem
 usando borboletas
*Manoel de Barros*⁵⁰

⁵⁰ Biografia do Orvalho. Disponível em <https://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>. Acesso em 26/11/2019.

Bem assim como Manoel de Barros poetizou, pensei que as pesquisas que são publicadas para conferir títulos não configuram presença: viram coisa, objetos da ciência e dos cientistas, das academias. A palavra deve circular para engravidar. Então, a metáfora da borboleta, como me convida Manoel de Barros, é bastante profícua no sentido que pretendo neste momento. A metamorfose que cria o outro em mim e eu no outro; um eu e um outro renovados, transformados em um outro do outro, mas vivos em essência nesse novo outro. Cada uma de nós e o grupo em si é sempre a possibilidade de borboleta.

Com base na metamorfose é criado o tipo de representação de toda a vida humana em seus *momentos* essenciais de ruptura e de *crise: como um homem se transforma em outro*. São dadas imagens radicalmente diferentes de um único homem, nele reunidas conforme as diferentes épocas, as diferentes etapas de sua existência. Não há aqui um “devir” em sentido estrito, mas sim crise e transformação (BAKHTIN, 2014, p. 237-238).⁵¹

No trecho acima Bakhtin diz sobre as formas cronotópicas do romance antigo de aventuras e de costumes, em seus trabalhos de pesquisa sobre teoria e crítica literária com a obra *Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio (sec. II d.C). Marisol Barenco diz que o romance vem a ser o grande lugar de olhar a vida para Bakhtin, “o lugar plural onde os gêneros se configuram”⁵², e seus estudos mostraram o quanto a literatura, em especial a literatura romancesca, atuou como uma força centrífuga no enfrentamento de grandes crises humanitárias, relações de poder, hierarquias sociais, diferenças de gênero, raça, entre outras questões, como podemos encontrar nos escritos de Bakhtin sobre as obras de Rabelais (1999) e Dostoiévski (2015), por exemplo. O interesse de Bakhtin estava em estudar as formas como a literatura assimila as relações tempo/espaço/valores humanos, o homem histórico e real interpelado pelo *espaçotempo* e revelado nessas relações (BAKHTIN, 2014, p. 211). A esses estudos Bakhtin entendeu como *formas cronotópicas* situadas na literatura. Em Bakhtin, o cronotopo é um instrumento fundamental para a leitura da literatura e de outras formas de arte.

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é

⁵¹ Grifos do autor.

⁵² Dizeres de Marisol Barenco na disciplina *O Cronotopo na obra de Bakhtin*, em 3/04/2017, na Creche UFF.

medido com o tempo. Esse cruzamento e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (Idem).

Seu estudo é amplo, porém a questão da metamorfose colocada pelo autor nos estudos realizados no romance antigo me interessou para pensar os processos de produção de saberes e fazeres com e pela pesquisa ao longo dos dez primeiros anos de existência do GRUPISD na UERJ. Tomar a ciência em Bakhtin como um campo da cultura humana, uma forma de olhar a vida e não de explicá-la, de justificá-la e/ou descrevê-la. A ideia da metamorfose, assim, me ajudou a pensar os processos de transformação do grupo, interpelados com e pelas experiências da pesquisa, e assim perceber como a pesquisa foi também interpelada pelo grupo como um ente político vivo, tudo indissolivelmente interligado nas relações *espaçotemporais* esteticamente assimiladas na escritura dos textos, que aqui tomo como obras e, portanto, arte. A arte é sempre a possibilidade de olhar a vida de forma desviante; um ângulo do qual não conseguimos nos manter isentos; um ângulo que nos implica mais a resposta do que a pura contemplação.

A experiência de produzir as formas cronotópicas nas obras do GRUPISD teve sua origem nos encontros com o ATOS⁵³. Cotejamos os estudos bakhtinianos com as obras que ele cotejou, como *Dafne e Cloe* (Longo, século II ou II d.C.), *Satiricom* (Petrônio, aproximadamente ano 60 d.C.), *O asno de ouro* (Lucio Apuleio, século II d.C.), assim como outras obras como o curta *O Mercador*. Marisol Barenco sugeriu que cada um de nós organizasse uma espécie de cartografia cronotópica, procurando em uma das obras cotejadas as formas de tempo, espaço, imagem de humano e valores humanos, capturando a presença desses elementos nessas obras e como foram pensados por Bakhtin em seu livro *Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance* (2015). Optei pelo curta “O Mercador”, cujos registros compartilho com os leitores:

Então, na cartografia que fiz para compartilhar com o grupo ATOS, que intitulei “Formas cronotópicas no cinema”, eu trabalhei com TEMPO, ESPAÇO, IMAGENS DE HUMANO, ENREDO/SÉRIES, como referenciais na captura desses elementos presentes nas obras e nos estudos de Bakhtin. Eu pensei em “ENREDO/SÉRIES”, elementos que são próprios dos romances, como uma forma de pensar os acontecimentos no espaçotempo das obras cotejadas. Vou falar da experiência com o curta-metragem “O

⁵³ Grupo de estudos e pesquisas em Bakhtin, coordenado pela professora Marisol Barenco, vinculado à Universidade Federal Fluminense, funcionando no auditório da Creche UFF.

Mercador”, dirigido por Tamta Gabrichidze, que estreou em 19/01/2018, mas já está disponível no Netflix⁵⁴, que foi por onde assisti. Esse curta foi produzido em um vilarejo no interior da República da Geórgia. Fui buscar críticas sobre este documentário na Internet, para a nossa conversa hoje, pude observar que ele foi muito bem criticado. Li em uma das críticas uma coisa que achei interessante compartilhar aqui; o crítico diz que o povoado retratado no curta “parece flertar com a Idade Média”⁵⁵. Toda a vida do vilarejo circula em torno da batata, do seu cultivo, do trabalho de homens, mulheres e crianças nesta atividade; a batata valoriza o tempo, o espaço e o humano neste lugar, além disso, é a moeda de troca para tudo que eles precisam e desejam. São pessoas muito pobres, que olham a vida como se a tivessem perdido. A forma como Tamta vai descrevendo o lugar pelas lentes, pelas experiências capturadas, as imagens, o som, o close, os afastamentos, parece não querer se envolver com as pessoas, com aquilo que fazem, com as formas de persuasão do mercador sobre elas; a câmera vai testemunhando a vida, simplesmente, e o exercício para ler esse testemunho nos implica uma resposta com ele, com essas imagens de homem, com o valor de humano ali colocado em batatas. O homem e a mulher objetificados na batata, no valor por possuir ou ser despossuído de possibilidades (batatas) para conquistar; ser persuadido a trocar suas batatas por desejo de um par de botas, um espelho bonito, um lenço, e muitas outras bugigangas que o mercador traz em seu carro para o vilarejo, desfrute que só o possuidor de batatas pode obter.⁵⁶

Portanto, com Bakhtin, vivenciei a experiência de olhar a vida como um lugar plural, através da arte, e o que Bakhtin propõe com esta experiência é uma forma de compreensão do mundo. Bakhtin vem a ser “um marxista com questões alargadas para fora da ideologia marxista. A literatura, no pensamento bakhtiniano, é uma possibilidade de encontrar o outro e colocá-lo em presença nas questões da sociedade: as hierarquias, as relações de poder, as relações desiguais”⁵⁷, o que para mim é bastante providencial, visto o cenário político atual que desfigura o Brasil e o povo brasileiro, desfigura a nossa cidadania.

Produzir a cartografia com as formas cronotópicas do filme *O Mercador* foi um exercício de leitura da arte que nunca tinha vivenciado. Fascinante! Pensei, então, em como olhar os textos acadêmicos desta forma, porque isso é desafiador, potente e, para mim, uma possibilidade para descolonizar as pesquisas. Apesar dos elementos que escolhi para produzir as formas cronotópicas do filme terem me ajudado bastante, optei pelos elementos que Marisol Barenco criou e vem utilizando em seus estudos na literatura romanesca: tempo (enredo), ação (motivo), espaço

⁵⁴ Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão via transmissão contínua.

⁵⁵ Disponível em <https://www.metafictions.com/conteudo/cinepigmeu-sovdagari-o-mercador-netflix.html>. Acesso em 28/08/2018.

⁵⁶ *Formas Cronotópicas na arte: O Mercador*. Trabalho realizado por mim na disciplina *O Cronotopo nas obras de Bakhtin*, coordenada por Marisol Barenco, em 2018, na Creche UFF).

⁵⁷ Marisol Barenco na Disciplina O cronotopo na obra de Bakhtin, em 13/03/2017, Creche UFF

(mundo), herói (imagem do humano), autor (obra), força (ideal), porque achei que melhor compreendiam as formas de dizer das escrituras acadêmicas. Portanto, com esses elementos procedi com a leitura e análise dos textos de pesquisa das pesquisadoras do GRUPISD.

Toda experiência tem um enredo, tem uma trama, se dá em um tempo; tem, também, uma ação motivada; está circunscrita em um lugar, em um mundo preñado de humanos com suas vozes, suas tantas experiências; traz uma imagem de humano, sim, uma perspectiva de humano ainda que não encontre a obliquidade que Bakhtin nos convida a olhar a vida desse outro humano. Todos os textos são autorais e, uma vez publicados e disponibilizados estão autorizados para este trabalho. A força/ideal, então nem se fala! Tomo a militância como um ato que funda esta força. Ressalto que me debrucei em pensar a interrelação entre infância, militância e pesquisa e, com isso, fortalecer o direito à presença das crianças no mundo como pessoas políticas; capturar os rastros dessa presença, ainda que como penetras clandestinas, renovando os sentidos de criança e infância que o GRUPISD produziu em sua trajetória. Assim, militar com as crianças nas pesquisas e pelas pesquisas; marcar a presença do GRUPISD na luta com as universidades públicas, seus (as) professores(as), estudantes e pesquisadores (as) contra os golpes deste governo!!!!

Para criar a cronotopia das pesquisas produzidas no e pelo GRUPISD fui destacando, ao longo da leitura dos textos, palavras, frases, imagens em que fosse possível pensar os elementos que valoram as ideias, os pensamentos, as posições ou não posições criadas em suas experiências com e na pesquisa. Com esses elementos produzi um quadro que intitulei *O GRUPISD como sujeito político em suas formas cronotópicas* (Quadro 1), e a partir deste quadro escrevi algumas ideias minhas, frutos da minha participação de quase 10 anos neste grupo, uma vez que o frequento desde julho de 2011, nele cursei o mestrado e, agora, o doutorado. Dez anos da minha vida, que contam fundamentalmente na constituição do meu EU/pesquisadora.

Para essa produção, o ato de contemplar as escrituras pela leitura em compreensão respondente me exigiu um deslocamento para fora dos textos, já que sou parte integrante deste grupo de pesquisa, ou melhor dizendo, pensar e falar com o GRUPISD não só pelo que é narrado em suas escrituras, mas e principalmente

por tudo o que vivenciamos juntas em nossa tarefa de pesquisadora, na trajetória deste grupo na UERJ, orientadas pela professora Doutora Ligia Aquino.

Quadro 1 O GRUPISD como sujeito político em suas formas cronotópicas

2013	O GRUPISD COMO SUJEITO POLÍTICO EM SUAS FORMAS CRONOTÓPICAS
TEMPO	Tempo do trabalho; da trajetória de formação; tempo da pesquisa; tempo da memória; todos os olhares colocados no pequeno tempo da pesquisa; o tempo se divide em uma série de eventos; tempo de observação; tempo da experiência;
AÇÃO	Aproximação com a infância e as culturas infantis; dar visibilidade as Escolas de Educação Infantil Universitárias; o sentido do cotidiano; da institucionalidade; as escritas do cotidiano; o previsto e o não previsto; o sentido da experiência; o sentido da memória
ESPAÇO	Espaço híbrido; vários espaços se colocam na cena: o espaço da observação, o espaço da leitura, o espaço da pesquisa; ausência de movimento, portanto espaço estático; espaço institucionalizado; espaço escolar; espaço representado por registros e relatos de experiências vividas no trabalho escolar.
HERÓI	Herói objetificado; descrito pelos critérios da ciência; a criança pública no mundo da escola; imagem de humano expressada na sua atividade, na sua (re)produção; o humano como produto; a criança pública no mundo da escola
FORÇA	A força da transformação da pesquisadora presente na narrativa de sua trajetória acadêmica e profissional; revelar hierarquias; os registros como uma forma de presença das crianças e das professoras
2014	
TEMPO	Tempo biográfico; tempo do humano que percorreu a vida e alcança um lugar no mundo social; tempo da busca do conhecimento; tempo irreversível
AÇÃO	Resgate da memória; a práxis individual e as questões da sociedade
ESPAÇO	Espaço real da vida pública, cívica e política, retratado pelos caminhos da vida
HERÓI	O homem público, totalmente exteriorizado; o homem pelos seus feitos
FORÇA	Memória
2016	
TEMPO	Tempo linear e contínuo tensionado pelo tempo do encontro entre o pesquisador e a história, a leitura e a escola.
AÇÃO	Afirmar a biblioteca no espaço escolar como territórios de infância; a leitura literária instituinte de experiências de infância
ESPAÇO	Espaço abstrato que não interfere no tempo e nem na dinâmica do herói
HERÓI	O herói objetificado pela teoria
FORÇA	A leitura como direito; a leitura como libertadora das crianças e da infância

Quadro 1 O GRUPISD como sujeito político em suas formas cronotópicas

2017	O GRUPISD COMO SUJEITO POLÍTICO EM SUAS FORMAS CRONOTÓPICAS
TEMPO	Tempo dos encontros: consigo, com o tema, com a história, com as memórias e com o campo
AÇÃO	Enfrentamento dos álibis que se colocam na tensão docente X pesquisador
ESPAÇO	<i>Espaçotempo</i> do encontro; espaço da negação X espaço do pertencimento
HEROI	O homem da culpa, do álibi; o herói e sua autoconfissão
FORÇA	Relação raça e infância na escola; africanidade brasileira
2018	
TEMPO	Tempo condensado na história de vida e ao mesmo tempo alargado na e pela pesquisa infantil militante; tensão entre abstração e redenção revolucionária pela militância da pesquisadora
AÇÃO	Traduzir a educação em dança, em corporeidade; em mostrar a força de sua presença no mundo da pesquisa; promover a festa de renovação nos sentidos de criança e infância
ESPAÇO	espaço abstrato interpelado pela força da presença da pesquisadora no mundo; espaço infantil traduzido com e pela intensa aproximação com as crianças e seus contextos de infância em condição de desigualdades.
HEROI	herói objetificado na teoria enfrentando o herói travestido na criança como pessoa política em contextos de desigualdade social; uma aproximação com a criança em seu mundo privado
FORÇA	O corpo da criança como bandeira de luta e presença no mundo; culturas infantis produzidas no calor da militância

3.1 O GRUPISD como sujeito político em suas formas cronotópicas

É possível uma leitura do conjunto da obra, mas optei pelo tempo; “tempo, tempo, tempo, tempo...”⁵⁸ O tempo é um *ente*, com força e potência e, talvez, a grande questão do cronotopo em Bakhtin. Assim, *O GRUPISD como sujeito político em suas formas cronotópicas* foi escrito pelas suas marcas temporais, com início em 2013, ano em que ocorreu a primeira defesa de mestrado do grupo no tecido carioca da UERJ. E como vivemos uma pandemia e a defesa do doutorado no qual esta pesquisa se qualifica aconteceu neste contexto sombrio, quis considerar apenas os mestrados defendidos no tempo de 2013 a 2018. Foi uma opção que não desconsidera as produções que foram criadas após este tempo, já que na pandemia a ação traduzida na força da presença do grupo pela e com a sua militância se evidenciou e se intensificou. Espero que outras e outros pesquisadores peguem este *canto de galo* e continuem esta leitura.

3.1.1 Tempo

“Tempo, tempo, tempo, tempo.....” 🎵 🎵⁵⁹

Como já disse anteriormente, o GRUPISD pelas pesquisas de mestrado se constituiu no tempo. De dentro do grupo é possível sentir a sua pulsação de grupo: suas conversas, suas discordâncias, seus gritos, seus silêncios, suas idas e vindas; os aconchegos dos que chegam e as despedidas daqueles que se vão, mas de fora o que se vê são narrativas em potência, todas colocadas como bandeira da Universidade, do seu programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED), que além de ocupar um andar da UERJ, encontra-se virtualmente à disposição de todos e todas que o procuram. E quem procura pelo GRUPISD, acha cada uma das

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ A outra banda da Terra. Caetano Veloso, do Álbum Transcendental, 1979. Disponível em [https://www.youtube.com > watch](https://www.youtube.com/watch). Acesso em 27/05/2021.

escrituras de mestrado que foram lidas, compreendidas e traduzidas neste ensaio da tese. Portanto, essa leitura do conjunto da obra no tempo de sua trajetória constituiu o sujeito político que se entende por GRUPISD nesta escritura, ou seja, aqui, com as minhas palavras procurei pensar nas formas de pensar do GRUPISD, naquilo que ele se assenhorou nesse tempo de produção, que compreendeu o período de 2013 a 2018.

“No princípio, tudo era verbo”, era palavra escrita a partir da palavra lida. O verbo era tudo. O grupo reuniu cuidadosamente palavras e palavras que produziram um sentido próprio de um território muito peculiar de educação infantil. Desse verbo, se criou uma leitura do brincar e de pedagogias infantis para traduzir a criança nesse território peculiar, que são as escolas de educação infantil universitárias, especialmente a Creche UFF e a EEIU da UFRJ. Como a motivação eram as escrituras produzidas no ceio da relação ensino/pesquisa/extensão e educação infantil, a leitura cronotópica do tempo se deu pelo trabalho com e na pesquisa de suas pesquisadoras; a trajetória de formação acadêmica, as memórias que trouxeram e reuniram essas pessoas no grupo, o tempo da pesquisa, da observação e de viver todas essas experiências. E como memória leva a memória, pois quem “conta um conto aumenta um ponto”, o trabalho de produzir rastros de pesquisa que identificassem esses territórios peculiares de educação infantil encontrou parte da história da própria educação infantil, da formação dos educadores infantis, produzindo uma forma de tempo biográfico na cronotopia do grupo. Uma forma irreversível de tempo, mas que contribuiu no alargamento das ideias de infância e saber docente que o GRUPISD produziu a partir desta leitura biográfica de tempo. Assim, o trabalho de levantar estudos, pesquisas e produção de conhecimento, que revelou as primeiras faces do GRUPISD, produziu uma leitura cronotópica de tempo contínuo, tensionado pelo tempo do encontro entre a pesquisadora e a escola de educação infantil universitária, com sua pulsação e com suas histórias. Entretanto, esse tempo não se dava no vivido, mas pelas narrativas de pesquisas, de trabalhos, de TCCs, de artigos, de diversos materiais que o GRUPISD produziu para assim pensar a infância e o saber docente, seja nesses materiais, seja nas pedagogias das(os) professoras(es) e educadoras(es), seja na biblioteca das creches

universitárias, seja na produção de conhecimento dos espaços de ensino, pesquisa e extensão com os quais o GRUPISD se encontrou.

Como toda trajetória é um devir mudança, pessoas chegam e pessoas se vão; ideias se encontram, se alargam e se renovam, o GRUPISD resolveu enfrentar os tensionamentos em lidar com a diferença e a diversidade na infância e no saber docente: negritude, raça, corpo, gênero, tudo colocado no contexto da relação infância e universidade. Nesse caminhar, o grupo viveu um tempo de encontros. De encontrar-se consigo mesmo, com seus álibis, com seus medos, com suas verdades, suas contradições (e foram muitas!) com suas histórias e memórias, e precisou deslocar-se para fora de si, para encontrar o campo, ainda que mantivesse na leitura das pesquisas, da produção do conhecimento sua maior fonte geradora de ideias com a infância e a docência. Nesse tempo, a infância tornou-se plural, ou seja, as infâncias, pois ganhou sentidos na diversidade e na diferença. E com isso, o tempo cronotópico continuou a sua dança no tempo das muitas infâncias e o grupo alargou seus horizontes, para novamente encontrar suas contradições: pois as muitas faces podem esconder a face real.

Nesse sentido, o GRUPISD se lançou no mundo, encontrando outras formas de pensar a infância e o saber docente deslocados dos territórios de educação infantil universitários. A relação infância e universidade ganhou um ingrediente bem acentuado, que foi a militância. Nesse movimento, o grupo assumiu sua identidade de sujeito político, e como sujeito político seu tempo se tornou condensado e alargado concomitantemente, visto que se coloca na tensão entre a infância e a criança narradas nos textos de pesquisa e aquelas concretas encontradas nos palcos da cidade, nas ruas, nas lutas, no ir e vir de sua vida cotidiana; no ir e vir da vida da pesquisadora e da professora de educação infantil.

3.1.2 Ação

“E se quiser saber pra onde eu vou

Pra onde tenha sol, é pra lá que eu vou” 🎵🎵⁶⁰

⁶⁰ O Sol. Jota Quest. Disponível em <https://www.youtube.com/watch>. Acesso em 28/05/2021

E como no princípio tudo era verbo, a ação que engendrou as primeiras narrativas defendidas nos mestrados do GRUPISD revelou um desejo de aproximação com a infância e as culturas infantis, na tentativa de produzir uma ideia de criança e de infância próprias do grupo; contornar sua face; se mostrar para o mundo acadêmico, e nesse movimento contribuir na visibilidade desses territórios peculiares de educação infantil, que são as escolas de educação infantil universitárias. Assim, o GRUPISD caminhou, cantou e ouviu a canção⁶¹, mas subverteu-a para encontrar seus sentidos de cotidiano, rotina, institucionalidade, o previsível e o não previsível, a experiência e a memória de quem está na lida com a criança pequena, condensados nas escrituras de outros e outras pesquisadoras, assim como em suas idas e vindas, no afã de encontrar pesquisas que contribuíssem com as aproximações que o grupo desejava fazer para ter presentes em suas escrituras as crianças e a infância.

Embora o GRUPISD mantivesse o propósito do trabalho de investigação em produção de conhecimento, o movimento de busca foi altamente profícuo para o encontro com outros universos ainda que pertencentes ao universo das escolas universitárias de educação infantil. O cotidiano nessas instituições é intenso e com muitas dinâmicas. Visitar, pela pesquisa, pelo encontro, pela memória, pelo texto, pela imagem, a biblioteca de crianças pequenas foi um convite a encontrar a literatura e a leitura literária como espaço de emancipação das crianças e da infância. Assim como deslocar-se das palavras nas escrituras para ocupar os lugares concretos, ainda que não fosse possível trazer essas experiências na forma como de fato ocorreram para a narrativa da pesquisa, foi um movimento emancipador para o GRUPISD, porque o colocou “cara a cara” com os acontecimentos. O grupo se tornou mais potente em suas produções, mas também se arriscou mais, pois a culpa, os álibis, as adversidades, as controvérsias e contradições ficam mais latentes quando vistas com os próprios olhos. Nesse encontro cara a cara e não frontal, o grupo colocou em evidência a diversidade e a diferença, pois ao entrar ao vivo nos espaços das instituições pode ver de perto as cores, os sabores, as texturas e outras marcas identitárias (assim entendido pelo grupo) que traduzem as crianças e as culturas infantis. Portanto, reconhecer que as

⁶¹ Paráfrase de Para não dizer que não falei das flores, Geraldo Vandré. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>. Acesso em 01/06/2021.

crianças têm corpo, têm raça e “têm gana sempre”, parafraseando o poeta⁶², projetou a ação do grupo no encontro com a militância, que fez a festa da renovação nos sentidos da pesquisa produzida pelo GRUPISD.

3.1.3 Espaço

“[O Tamanho Do Espaço]
 A medida do espaço como nós, homens,
 Baterias de cozinha e jazz-band,
 Estrelas, pássaros, satélites perdidos,
 Aquele cabide no recinto do meu quarto,
 Com toda a minha preguiça dependurada nele...
 O espaço, que seria dele sem nós?
 Mas o que enche, mesmo, toda a sua infinitude
 É o poema!
 - por mais leve, mais breve, por mínimo que seja...”
*Mário Quintana*⁶³

O espaço com o tempo é a tradução do cronotopo em Bakhtin. É por esse encontro que se dá a possibilidade de pensar o humano em sua concretude. Nós somos seres que ocupamos, temos presença. Compreender isso sem a leitura cronotópica não é possível. Compreender essa relação espaço temporal criativa dos humanos é compreender a sua existência. O tempo é o contorno histórico que não permite que o espaço se torne estático, abstrato na narrativa, e o espaço dá ao tempo sua devida concretude. De fato, o poeta alinha-se com o pensamento bakhtiniano quando diz que “a medida do espaço somos nós”.

O GRUPISD, que é um grupo vivo, um sujeito político no enredo da academia, nas tramas da pesquisa e da produção científica com as crianças, a infância e o saber docente, teve sua origem em um espaço híbrido, composto de vários espaços criados a partir dos contextos peculiares de pesquisa: espaço da observação, da leitura e da investigação. Cada ato compunha um espaço, com

⁶² Maria, Maria. Fernando Brant e Milton Nascimento. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/47431/>. Acesso em 01/06/2021.

⁶³ Disponível em <https://www.pensador.com/espaco/> Acesso em 28/05/2021.

forma híbrida e ausência de movimento. No tempo em que o foco era a instituição e seus saberes, a infância e o saber docente estavam emoldurados pelo pensamento outro, pelos outros relatos e as experiências de campo vividas por outros, embora nunca deixassem de ser seus (do GRUPISD): suas experiências, seus pensamentos, suas escrituras, todas devidamente assinadas e devidamente defendidas.

De abstrato, híbrido, o espaço na leitura cronotópica do GRUPISD ganhou com a interferência do encontro real, em tempo real. No deslocamento, nas tensões e emoções com a vida concreta do outro dentro dos territórios de educação infantil, o espaço ganhou contornos de pertencimento: de raça, de corpo, de gênero, de leitura, de dança, e com isso ganhou cor, forma, sentido e movimento. Essas duas formas de criar pesquisa conferiram ao GRUPISD o espaço da diversidade e da diferença.

Nesse caminhar, o grupo ganhou força quando avançou da narrativa para a realidade concreta. Subverteu seu espaço de criação, produção e intervenção para alcançar outras formas de estar com a criança, a infância e a docência. Assim, o GRUPISD produziu o espaço da militância: espaço de pertencimento, de emancipação, de aproximação, de enfrentamento.

3.1.4 Herói

Que imagem de humano, que perspectiva de humano define o GRUPISD? Ainda que as leituras de tempo, ação e espaço tenham expressado a metamorfose pela qual o GRUPISD passou, de 2013 a 2018, seu herói foi sempre a criança. A criança como a pessoa que dá sentido à infância e ao saber docente. A criança que dá sentido à pesquisa e à própria existência do grupo. Mas essa criança que se constituiu no herói do grupo também sofreu metamorfose. Surge de forma pública condensada no mundo da escola. A criança que brincou e produziu portfólio, a criança que leu e descortinou o mundo com a literatura teve sua essência emoldurada pela escola de educação infantil universitária. Era a criança da escola e na escola. Era a criança nesse cenário de atuação. Era a cultura da criança no

contorno da educação infantil. Não há como expandir os horizontes, pois as marcas da educação infantil são tão presentes quanto a infância que brota delas.

Talvez, o que tenha mudado não foi necessariamente a condição de pública, ou seja, toda a forma de tradução da criança nas pesquisas do GRUPISD se aproxima mais da criança pública no mundo da escola, porém se descola, com o tempo, da criança abstrata para aproximar-se mais da criança real, concreta, ainda que inserida no território de educação infantil. Então, a riqueza está no tensionamento que as escrituras do GRUPISD vão revelando na medida em que suas investigações implicam maiores deslocamentos no campo da pesquisa, colocando, lado a lado, as leituras com a experiência do encontro em pessoa com os sujeitos.

As crianças, assim, estão nas narrativas da produção de conhecimento e da teoria investigadas, mas também circulam pelos espaços frequentados pelas pesquisadoras, em suas empirias. Esses encontros foram efetivamente nutritivos para os horizontes do GRUPISD. Ainda que não tenha encontrado as crianças como sujeitos nas pesquisas do grupo, continuo concordando que toda forma de aproximação com as crianças e a infância nos permite um deslocamento que possibilita uma narrativa mais concreta, menos objetificada. Portanto, nesta questão o grupo tem sido incansável: emancipar as crianças; permitir que assumam as pesquisas como sujeitos delas; heroínas de fato, ainda que sejam encontradas nos territórios de infância. É um movimento desafiador: emancipar as crianças e os territórios de educação infantil, e tê-los mais presentes em suas pesquisas.

4.1.5 Força

A força se traduz na leitura cronotópica como o sentido da existência humana, pois não estamos em existência como seres biológicos que nascem respiram, produzem ecossistemas, se reproduzem etc., etc. Não nego que isto possa ser entendido como existência. Falo aqui de existir como ser evento, com força no corpo

em presença, com força no espírito, e essa força se funda no ideal. Portanto, entendo a força como o ideal em ato. Essa força nos dá sentido, nos expressa.

Falar de ideal e ideologia no espaço da academia tornou-se necessário, atualmente, no contexto em que estamos mergulhados, que se constitui na pandemia, no isolamento social, na morte, na dor da perda, na doença, na negação, e uma série de questões sombrias. O sentido da força é emancipador, até porque ela se funda no ideal humano. O ideal, portanto, compõem a leitura cronotópica neste trabalho com as produções do GRUPISD como uma possibilidade para expressar este sujeito político em sua existência, pois um grupo de pesquisa é um ente vivo e não são as pessoas simplesmente que conferem esta vida ao grupo, mas a dinâmica do ato humano que está nas veias pulsantes do pensamento, expresso nas escrituras produzidas por estas pessoas. Isto compreende um grupo de pesquisa na minha forma de entendê-lo com Bakhtin, ou seja, cronotopicamente.

Assim sendo, no desenho feito pelo tempo de 2013 a 2018 o GRUPISD imprimiu força pela transformação de suas pesquisadoras; pelo fato de a trajetória acadêmica deslocar outras trajetórias que se atravessam com a experiência da pesquisa; revelou hierarquias, memórias, ideias, conceitos e pré-conceitos, mas também, trouxe a leitura e a literatura como criadoras de territórios de infância; a raça, a africanidade brasileira, o corpo e o gênero, a luta e a resistência como marcadores fundamentais nas pedagogias infantis, e tudo isso se traduz na sua militância, que é a força /ideal maior deste grupo: militar com e pela pesquisa, pela presença das crianças e de suas culturas nos espaços a elas destinados, que compreendem o foco dos interesses do GRUPISD, seja nos territórios de educação infantil, nos saberes e fazeres docentes, nas políticas públicas ou qualquer outra instância da sociedade em que a militância do grupo possibilite essa presença.

4.2 Palavras de gratidão: da pesquisadora para seu grupo de pertença....

A moça chegou mais moça, há dez anos e um pouco mais, e juntou-se a outras moças. Naquele tempo eram só mulheres, cada uma com sua história; cada

qual com seus trejeitos de pessoa, de docência, de infância. Deveria ser um grupo. Mas, o que é um grupo? E esse grupo não é um grupo como aquele, daquela outra cidade. Isso porque ele veio da serra, e desceu a serra para se instalar no caldo grosso da cidade. Não sabemos muito da sua história anterior e, também, não perguntamos a moça, mas sabemos que quando chegou na cidade e se deparou com o caldo grosso soube, naquele momento, que seu grupo não seria mais o mesmo. Não seriam as moças que entrariam no grupo ou o grupo que entraria nelas, mas uma infância e um saber docente com outros temperos, menos petropolitanos e mais cariocas.

O primeiro dilema que este grupo enfrentou foi a tensão entre o público e o particular. E enfrentou muito bem este dilema, reconhecendo as lutas como legítimas em suas escrituras, mas defendendo, acima de tudo, que lutar pelo direito é uma causa que jamais esgarçaria o tecido do que é público. Posso dizer que a Linha de Pesquisa Infância e Juventude, no PROPED, conheceu de fato esse pequeno-grande território de infância e de educação infantil, que são as creches universitárias, tão pequeno em função de tantos outros, mas grande em potência para alargar a infância e o saber docente que desceu da serra e se instalou aqui, onde tudo se mistura: intelectualidade, glória, choro, pobreza, trabalho, tortura, resistência, luta.

E lá se vão dez anos (e agora mais um), e muitas coisas aconteceram, como acontecem com a vida de toda gente. Um grupo de pesquisa é uma coisa viva; é um ser; um ente instituído e instituinte. Este, denominado Infância e Saber Docente, que de inocente não tem nada e de infância tem tudo, vem chegando à adolescência sem nunca ter pretendido deixar a infância, até porque não se trata da idade, mas da robustez da experiência. Saiu da creche para conhecer outros lugares de infância: o campo, a luta, a favela, a universidade, e é claro que alargou os horizontes pelos quais os olhos para a infância estavam voltados, como uma ida que se vai sabendo que se volta, sabendo, também, que se volta diferente, cheio de histórias que vieram de histórias, e quem conta um conto aumenta um ponto. Assim, um conto contado em lugares diferentes ganha cores a mais nas suas imagens, e foi isso que aconteceu com a infância contada pelo Grupo Infância e Saber Docente, pois todas essas outras tantas formas de ver a infância se voltam sempre para a origem: os

territórios de educação infantil, só que mais fortalecidos, com muitos horizontes, potentes em si.

4 BAKHTIN E EU, POR UMA OUTRA ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL

Caro amigo Bakhtin,

Ao longo de quatro anos participei de círculos bakhtinianos para conversar sobre as valiosas palavras que você escreveu registradas em suas obras, com especial relevância para o livro *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do Romance*, cuja edição que tenho foi publicada pela editora Hucitec, em 2014, e *Estética da Criação Verbal*, da editora Martins Fontes, edição de 2015. Aliás, compreendi, nesse tempo, que aquilo que pensamos e registramos, seja de forma oral ou escrita, ou até em outra forma de linguagem, torna-se o registro da nossa passagem no mundo. Isso para mim é emblemático: saber que a humanidade perdurou e enfrentou os grandes dilemas, conflitos, problemas, catástrofes, pandemias, enfim, perdurou como humanidade porque enunciou, produziu discursos e pode comunicá-los, perpetuando a sua existência. Encontrar com você tem sido uma experiência transformadora, não somente no sentido profissional ou nos estudos, mas na vida em geral, uma outra forma de olhar a vida.

Muitos pensadores escreveram cartas como uma proposta de diálogo com outros pensadores; Lukács, por exemplo, fez isso e sua carta se tornou uma obra valiosa⁶⁴ (não sei se você chegou a conhecê-lo, pois é um homem do seu tempo). Não tenho a arrogância de achar que isso vai acontecer com esta carta, a propósito, devo lhe dizer que nossa correspondência é parte de uma tese de doutorado que coloca em questão o problema da infância, da pesquisa e da militância quando traduzidas em experiência, ou seja, três dimensões da experiência humana, que quando aliadas se tornam muito potentes, e é isso que estou defendendo nesta pesquisa. Meu pensamento em torno dos sentidos de experiência encontra-se com suas ideias sobre eventicidade e acontecimento. Quando você fala do “ser-evento em

⁶⁴ PS: Georg Lukács foi um filósofo húngaro que se dedicou a pensar a literatura em uma perspectiva histórica e crítica. Seus estudos são do início do século XX, e foram muito influentes no meio acadêmico e social. A carta que lhe falo está publicada no periódico *Doze ensaios sobre o ensaio* (p. 86-109), de uma antologia chamada *Serrote*, publicada pelo Instituto Moreira Salles, em São Paulo, em 2018. Lukács, nesta carta que escreve ao Leo Popper, faz uma defesa ao ensaio como um gênero que se propõe potente para uma escrita crítica com a literatura. Você iria gostar de ler.

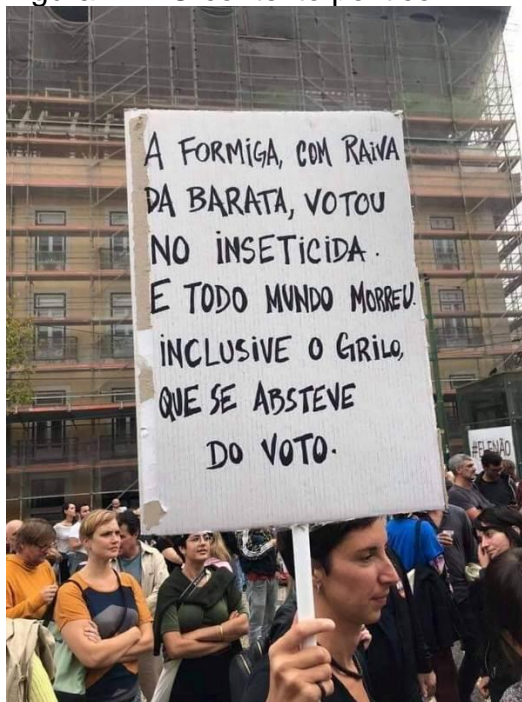
eventicidade”, quando fala do “acontecimento” tomando-os no sentido da participação dos humanos no mundo, é nesse sentido que estou compreendendo a experiência e relacionando-a à infância, à militância e à pesquisa: são dimensões da vida humana valoradas na e com a experiência.

Suas escrituras, meu caro, produziram uma diversidade de sentidos, principalmente aqui no Brasil. Escutei isso de um leitor seu, o professor Valdemir Miotello⁶⁵, que diz que os brasileiros carnavalizam suas ideias e que há muitos bakhtins “perambulando” pelo Brasil⁶⁶. Ele disse também que você ficaria muito feliz com isso e eu acredito, pois você foi um amante das palavras e das linguagens, com especial paixão pela linguagem verbal. Seus estudos sobre os gêneros do cotidiano, das multidões, a fala mundana, como tudo isso se desdobrava nos romances é, sem dúvida para mim, a melhor parte de você.

Antes de conversarmos sobre a motivação para a escrita desta carta, vale aqui uma ressalva: você seria fundamental no Brasil neste momento em que nos encontramos atolados no estado de exceção, em plena democracia! Mas, já fico satisfeita de tê-lo em meus atos. Não seria possível, nesta tese, tratar de tudo o que vem acontecendo nos últimos sete anos, principalmente no meu país, mas colocar que é preciso elevar a sua contribuição na difícil tarefa de encarar o desafio de um doutorado, quando aquilo que nunca deveria ser nem exceção vira regra! Vou compartilhar uma imagem com você, que traduz em síntese o que eu e muitos brasileiros estamos passando.

⁶⁵ PS: Bakhtin, Miotello é um camarada! Um filósofo muito bacana que se dedicou em pensar a Língua Portuguesa na sua perspectiva. Ele orienta um círculo de estudos bakhtinianos na Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo (Disponível em <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/91001/valdemir-miotello/>. Acesso em 30/06/2020), e sua produção é uma referência para todos que desejam estudar suas obras aqui no Brasil, principalmente porque o grupo de estudos e pesquisa do Prof^o Miotello se dedica em pensar a bufonaria e a ironia.

⁶⁶ O professor Miotello disse isso na ocasião da disciplina *Linguagem, Cultura e processos Formativos: Estudos Bakhtinianos*, que aconteceu na UFF, em 2018.

Figura 11 - O contexto político⁶⁷

Fonte: Autor desconhecido

Bakhtin, você adoraria conhecer os brasileiros, a brasilidade, as brasileiras e tudo o que podemos desdobrar desta palavra BRASIL: pequena na quantidade de letras, mas imensa na complexidade de sentidos, de acontecimentos, de terra, de pessoas, de cores e muitas outras questões. É muito complexo ser um *ser-evento em eventicidade* aqui no Brasil, e digo isso para um russo que teve sua vida marcada por grandes e perigosas aventuras para conseguir sobreviver ao frio, à guerra, à ditadura e aos maléficos ditadores que perseguiram e aniquilaram muitos de seus queridos e queridas.

Passada a ressalva, devo começar dizendo que não sou uma pessoa do seu tempo, mas as suas escrituras são como um alarme de incêndio, como diria um camarada muito bacana, chamado Walter Benjamin⁶⁸. É mais ou menos como você disse

⁶⁷ PS: Essa imagem foi retirada de uma publicação no Facebook de autoria desconhecida. Está disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2261721277218689&set=a.150892651634906&type=3&theater>. Acesso em 15/05/2020.

⁶⁸ PS: Esse é um daqueles camaradas cujo peso é em quilates: vale ouro, assim como você. Ele é um alemão do seu tempo também, Bakhtin, embora Benjamin tenha morrido muito cedo, aos 48 anos. Foi um crítico literário da sociologia Marxista. Assim como você, Benjamin pensou a sociologia marxista de forma desviada e sua marca que me atrai com maior força é a produção de um conceito de História e as formas como tratou os impactos do materialismo histórico marxista nas sociedades ocidentais.

sobre Rabelais e a anunciação de outros tempos menos sombrios. Se Rabelais em seus romances já denunciava algo de novo no ar, ou seja, uma atmosfera de grandes transformações sociais que já podiam ser capturadas nas narrativas rabelaiseanas, o mesmo posso dizer de você antecipando as relações humanas para um mundo que não existia no seu tempo. Você nos mostrou uma forma mais amorosa, mais alteritária de interação para que os humanos não se percam no mundo virtual, para que saibamos como avivar as relações pessoais ainda que não sejam corpo a corpo, face a face, e isso sem nem sonhar que o mundo virtual viesse a existir. Então, como você deve estar achando isso tudo muito confuso, vou tentar abreviar: estou falando da *internet*, um fenômeno comunicacional. São redes que se ligam a redes formando rizomas complexos e altamente vibratórios, com potência revolucionária, mas também com capacidade de aniquilação imediata. A *internet* é um cronotopo muito peculiar, Bakhtin, mas absolutamente potente; uma outra grande estrada, que não desmerece a grande estrada da vida, que você nos trouxe em seus pensamentos sobre o encontro⁶⁹.

Não pretendo iniciar um estudo sobre a *internet*, não é essa a minha intenção com você neste momento, mas poderia dizer que não falo de coisas absolutamente impossíveis e inviáveis para que você me compreenda, já que em 1929 suas ideias quebravam paradigmas da linguística afirmando que somos pessoas expressivas, mas que a expressão, aquilo que nos coloca em presença no mundo, que nos perpetua, não tem sua origem no psiquismo humano, no indivíduo, mas “na situação social mais imediata e no meio social mais amplo”⁷⁰, ou seja, o princípio do ato é externo à pessoa e só é possível em interação verbal, ainda que não implique que esta interação seja corpo a corpo, face a face.

A sua forma de pensar o ato responsável provocou uma verdadeira revolução na linguística, aliás em vários campos da ciência, da arte e da vida. Você ficaria muito orgulhoso de ver a repercussão de seus apontamentos e dos seus estudos na contemporaneidade! Agora, o que quero discutir, especialmente, diz respeito a sua obra *Estética da criação verbal*. Fui desafiada por uma leitora sua, a professora Rita Ribes, com quem tenho muita empatia, a pensar essa interatividade que a *internet*

⁶⁹ PS:Inspirei-me no que você diz na obra *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* (2014), nas páginas 222 e 223.

⁷⁰ PS:Tomei as ideias do Círculo em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1999), na página 113.

proporciona como uma nova “estética da criação verbal”. Veja, Bakhtin, digo “nova” porque de fato envolve uma experiência com a linguagem que não havia no seu tempo, embora eu tenha que admitir que você foi um visionário com os seus estudos, apontamentos e escrituras.

Rita Ribes tem me provocado bastante com sua forma muito peculiar de compreensão responsiva de suas palavras, Bakhtin. Há outros leitores seus que me provocam também, mas a Rita Ribes e seus companheiros de pesquisa estudam as redes sociais que foram criadas a partir da *internet*, como um acontecimento na e com a infância contemporânea. Aliás devo dizer que as redes sociais produziram novos cronotopos para pensarmos os humanos e as humanidades na contemporaneidade, mas Rita Ribes e seus companheiros estudam especificamente a presença das crianças nesses cronotopos; a produção das culturas infantis e como os adultos vêm pensando e lidando com esse fenômeno: crianças nas redes sociais. Aliás, meu amigo, devo lhe dizer que no meu país a perspectiva dos adultos com relação às crianças como *seres-eventos em eventicidade* ainda é muito limitada, e por uma série de questões que vou trazer bem resumidamente, porque isso daria uma outra tese⁷¹. Há uma lei no meu país⁷², que foi muito aclamada em outros países por se constituir (e eu vou me atrever a dizer com suas palavras) em um ato responsável para com as crianças e a infância. Entretanto, apesar de responsável, eu diria que a referida lei produz sentidos muito deslizantes em relação às crianças e aos adolescentes, talvez porque tenha faltado imprimir em seu texto doses de alteridade e exotopia (não sei como isso seria possível em se tratando de um texto de lei), principalmente no que tange à questão do cuidado. As crianças são pessoas com direitos plenos e primazia de cuidados, segundo a referida lei, mas costumo dizer que isso é um tanto quanto claudicante, por criar um *modus operandi* de atuação adulta na vida das crianças muito mais colonizador do que colaborador em suas experiências. Talvez você tenha essa mesma percepção que eu estou tendo em relação às crianças. Para ser bem sincera, Bakhtin, não tive a oportunidade de

⁷¹ PS: Bakhtin, veja, como já lhe disse esta carta é parte de uma tese de doutorado em que sou autora-criadora. Então, não seria possível estender alguns assuntos. Talvez troquemos mais cartas, em uma outra oportunidade. Talvez alguns de seus leitores queiram fazer isso.

⁷² PS: Aqui, Bakhtin, refiro-me ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), do ano de 1990.

ler apontamentos seus sobre as crianças, mas penso com elas a partir de sua filosofia.

Outra questão que julgo importante colocar é que apesar de nos situarmos em lados diferentes do planeta, já que você é um homem do oriente e eu uma mulher do ocidente, é bastante claro para mim que você compreende muito bem o quanto o pensamento hegemônico ocidental, isto é, branco, cristão, capitalista, patriarcal e adultocêntrico incidiu sobre o planeta penetrando em suas entranhas, com ares de poder e permanência. No meu país, e acredito que em muitos outros, essas ideologias foram devastadoras em determinarem lugares e condições para alguns grupos de pessoas, que foram consideradas como “minorias”, ou seja, grupos marginalizados, e essa ideia de “minorias” é uma invenção ocidental. Então, na sociedade em que vivo, as crianças são um coletivo tido como “minorias”, vivem com muito maior intensidade as mazelas sociais que se sobrepõem à cidadania de pessoas e grupos tidos como socialmente vulneráveis. Há muitas demarcações que incidem sobre a vida das crianças, como como raça, cor da pele, condição social, condição econômica, gênero, região, religião e outras tantas, e tudo isso parece formar um caldo social bastante amargo e de textura bem desigual, que é imposto às crianças como uma espécie de elixir.

Entretanto, o Brasil é uma sociedade democrática, meu amigo, que em um tempo não muito longe começou a experimentar uma capilaridade social que assustou verdadeiramente a realeza, e quando deram por si que ficariam nus, trataram de puxar o tapete dessas pessoas. Mas por que falo tudo isso? Porque comecei a lhe falar sobre as motivações desta tese. Agora você consegue entender a importância de relacionarmos infância e pesquisa como experiências militantes? Novamente me remeto a Walter Benjamin, que nos disse que a tarefa da redenção caberia às novas gerações, então as crianças e somente elas, na minha percepção, são redentoras revolucionárias, com direito e condições de recusarem esse caldo amargo e produzirem outros sabores, com ingredientes díspares, mas não será possível que elas consigam isso sozinhas, pois vão precisar dos adultos como parceiros nessa empreitada. Então, Bakhtin, eu compreendo as pesquisadoras (es), as professoras (res), as feministas, as mães como parceiras em potencial das crianças, e posso lhe dizer que suas ideias de *exotopia* e *horizontes vitais* apuraram meu olhar de certa

forma, permitindo que eu pudesse perceber que as crianças estão na ativa, ainda que clandestinamente; que as mães, as feministas e as professoras colaboram deixando brechas para que as crianças possam penetrar, de forma consciente ou não, e que as pesquisadoras que debruçam suas experiências no campo da infância fortalecem os atos de redenção revolucionária das crianças, isso porque as mulheres, de uma forma geral no meu país, também são tomadas como grupo minoritário.

O grupo de pesquisa do qual faço parte, que você pode entender como um círculo, é um desses grupos que afirma a redenção revolucionária das crianças, por isso atua de forma principal nesta tese. São na maioria mulheres que produzem uma ciência que combina pesquisa e militância como experiência, tendo como pauta a infância. Aliás, cabe colocar que, de certa forma, todos os círculos que se dedicam a pensar em infância no meu país possuem em sua essência uma marca feminina, como esse grupo de pesquisa que lhe falo, que é conhecido no mundo acadêmico como *Grupo de Pesquisa Infância e Saber Docente* (GRUPISD). Pelo seu protagonismo nessa escritura ensaiei criar as formas cronotópicas de *tempo, espaço, autor, herói, ação e força* presentes nos trabalhos acadêmicos que o grupo produziu, especificamente as dissertações de mestrado. Mas, há outros espaços em que este grupo atua, que também afirmam a redenção revolucionária das crianças, e que considere importantes como campo para captura das experiências do grupo: as redes sociais. Aliás, Bakhtin, compreendi com você nos seus apontamentos sobre *Metodologia das Ciências Humanas*, que o objeto dessas ciências são seres expressivos e falantes⁷³, o que nos implica capturá-los em todos os campos da vida humana e não somente nos campos da ciência. Portanto, as rodas de conversa, os acontecimentos da vida cotidiana, da cultura, as produções artísticas, enfim o mundo em que os humanos habitam é prenhe de humanos, e assim sendo, um campo fértil para nossas capturas nas experiências da pesquisa, o que precisamos nos ater é qual forma daremos a este conteúdo nas nossas escrituras, e nisso você tem me ajudado bastante.

Assim, chego com você em um desses campos de captura, que são as redes sociais, em especial o *WhatsApp*. Sinto-me como em uma atividade que fazia com

⁷³ PS: Retirei do seu livro *Estética da Criação Verbal*, 2015, da página 395.

as crianças (sou professora de crianças) em que eu solicitava que elas escrevessem uma carta para um amigo ou parente distante fazendo uma espécie de apresentação do Material Dourado⁷⁴, de Maria Montessori. Imagine, Bakhtin, que as crianças sempre tiveram muita dificuldade em fazer isso, porque não tinham intimidade com a escrita de cartas e muito menos com o Material Dourado, no sentido de explicá-lo como material pedagógico. Posso até dizer que sei muito bem o que é uma carta e que uso o *WhatsApp* intensamente, mas explicá-lo a você em uma carta que integra uma tese de doutorado me remeteu à dificuldade, ou diria até a estranheza, que as crianças tinham com relação à atividade que eu solicitava.

Como tudo é muito novo para você, devo começar dizendo que o *WhatsApp* é um programa de conversas para *smartphones*, que, por sua vez, são telefones móveis ou telefones inteligentes como são chamados, que nos permitem coisas inimagináveis no seu tempo, meu amigo. Esses programas são conhecidos como *aplicativos*, ou traduzido para a língua inglesa, “*app*”. Devo admitir que é muita coisa para explicar e vou precisar ser mais objetiva, pois esses detalhes são apenas detalhes no contexto desta nossa conversa.

O aplicativo *WhatsApp* foi desenvolvido por Jan Koum, um ucraniano que nasceu em Kiev, em 1976 (três anos antes de sua morte), mas migrou muito cedo para os Estados Unidos, e foram suas experiências no território americano que o levaram a criar este aplicativo, em 24 de fevereiro de 2009. Uma delas foi conhecer Brian Acton, seu parceiro de criação. Veja, Bakhtin, os dois estudavam em uma universidade e geralmente os professores não permitem que os estudantes utilizem seus celulares (como chamamos esses telefones móveis) durante as aulas. Assim, esses dois rapazes ficavam incomodados por não poderem atender suas ligações. Pensaram, então, numa maneira de poder solucionar o problema das “ligações perdidas” ou não atendidas, criando um programa de mensagens instantâneas, cujo nome deriva da expressão em inglês *Whats up?* que na tradução livre para a língua portuguesa significa *E aí?* ou *Tudo bem?* Então, *WhatsApp* pode ser entendido

⁷⁴ PS: Esse material foi criado pela educadora e médica italiana Maria Montessori (1870-1952), uma defensora do movimento escola nova do final do século XIX, tendo na Europa uma espécie de epicentro deste movimento. O nome original deste material é *Material das Contas Douradas*. Sua função é ensinar noções matemáticas às crianças pela educação sensorial, um dos princípios da educação montessoriana. (Disponível em http://paje.fe.usp.br/~labmat/edm321/1999/material/_private/material_dourado.htm. Acesso em 18/06/2020)

como um aplicativo de mensagens instantâneas e simultâneas. São bate-papos, conversas cotidianas, uma forma de interação que você gosta muito e sobre a qual dedicou muitos estudos e escreveu muitos apontamentos. É possível conversar com muitas pessoas ao mesmo tempo, e são os números de telefone que nos inserem nesta rede. Só para exemplificar, eu tenho um *WhatsApp* criado com o meu número de celular, que já me permite conversar com muitas pessoas (chamamos de contatos), mas também faço parte de outros que são coletivos, conhecidos como “grupos de *WhatsApp*”, ou seja, mais de um número de celular em um mesmo *WhatsApp*. Assim, simultaneamente posso conversar com pessoas e participar das conversas que acontecem nesses grupos, o que faz deste aplicativo um espaço pluridialógico muito peculiar; um lugar de encontros que não são fortuitos, pois de alguma forma chamo o outro/outros para a conversa, ou sou por esse outro/outros convocada.

Então, o que seria o *WhatsApp* para você? O que você escreveria sobre ele? Como não tenho como aguardar a sua resposta, vou arriscá-la ensaiando aqui uma forma bakhtiniana de pensar este aplicativo de mensagens. O *WhatsApp* integra um novo campo da atividade humana, eu diria um campo de origem contemporânea, que é o campo virtual/digital. Você fala da arte, da cultura e da ciência como os três campos da vida humana e eu diria a você que o campo virtual poderia ser o quarto campo, que como os demais traz em si elementos da arte, da cultura e da ciência, mas se constitui como um campo onde a vida humana se dá em potência e não em presença física, mas com força de campo. Agora, como campo da atividade humana, o *WhatsApp* está ligado ao uso da linguagem, ou seja, lá há humanos e humanas enunciando o tempo todo. Assim como você colocou no texto *Arte e responsabilidade*⁷⁵, os campos da vida humana misturam-se, porém não se diluem. Percebo isso também no *WhatsApp*: arte, vida, cultura e virtualidade, tudo em presença na constituição deste cronotopo.

Eu diria que o que é enunciado neste aplicativo apresenta um conteúdo temático, estilos de linguagem e construção composicional, elementos que você considera importantes na constituição de um gênero discursivo, só que, como já lhe disse, o *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas e simultâneas, o que me

⁷⁵ PS: Na edição que tenho do *Estética da Criação Verbal* (2015), este texto aparece como uma introdução desta obra, nas páginas organizadas em algarismos romanos: XXXIII e XXXIV.

permite dizer do gênero cotidiano como o tipo de gênero relativamente estável⁷⁶ neste contexto (estou lhe mandando uma imagem para você entender o que estou dizendo – Fig.12). Então, Bakhtin, em essência são as conversas cotidianas e outras “comunicações discursivas imediatas” que constituem este aplicativo em relação à linguagem, mas como você pode ver na imagem que lhe mandei, há outros gêneros que também podem ser enunciados, como o texto acadêmico (no caso da imagem), que está sendo compartilhado para o estudo das pessoas do GRUPISD.



Fonte: Autora

Entretanto, Bakhtin, li o capítulo do seu livro, que trata dos gêneros do discurso, e não considero o *WhatsApp* uma obra literária, um gênero discursivo complexo; ele não é um portador de textos, também, embora seja possível acessar muitos manuscritos e até livros nesse aplicativo, mas não é essa a questão crucial, ou seja, não é portar textos a finalidade do *WhatsApp*, mas o encontro, a conversa. O *WhatsApp*, meu caro, é um cronotopo, um grande lugar de encontros pluridialógicos. Aliás, pela sua simultaneidade diria que este cronotopo é alargado em dimensões *espaçotemporais* e, portanto, posso pensá-lo como multicronotópico.

⁷⁶ PS: Estou consultando o livro *Estética da Criação Verbal* (2015) na página 262, em que você está tratando dos Gêneros do Discurso.

Lendo sua obra *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance* (2014), há um intenso debate sobre o cronotopo. Nessa obra você traz a questão do cronotopo como uma “ferramenta” de leitura que lhe possibilitou pensar os gêneros discursivos, em especial os gêneros romancescos, e tomá-los como uma fresta que nos permite olhar a vida de forma refratada; como um lugar plural para pensar a vida: plural em vozes, plural em sentidos. Você diz, também, do cronotopo como o centro organizador do enredo nos romances, o *espaçotempo* dos acontecimentos constituintes da trama, entretanto há cronotopos que são mais condensados com relação aos acontecimentos da vida dos personagens, como a sala de jantar, a sala de visitas, o castelo; e há outros com menor intensidade de condensação, como o cronotopo da soleira. Mas, é na “grande estrada”, um cronotopo onde boa parte dos encontros se dão ao acaso, que encontrei uma questão com a qual tive muita empatia: não há distanciamento social entre as pessoas que se encontram ou, pelo menos, essas hierarquias não se evidenciam no encontro, até porque o acaso que entrelaça os destinos daqueles que se encontram disfarça, de certa forma, as distâncias sociais, mas não priva a potência dialógica deste cronotopo: as pessoas se esbarram, se encontram e de alguma forma se afetam em seus destinos, embora os conflitos não sejam a tônica nesses acontecimentos, por isso são encontros fugazes.

Me parece, Bakhtin, lendo esta obra, que quanto menor a condensação mais efêmero é o acontecimento, e quanto mais condensado o cronotopo, maior a intimidade e a aproximação, o que implica uma dialogia mais complexa, mais conflituosa, mais contrastante. Entretanto, você considera que o “principal nisso tudo é o entrelaçamento do que é histórico, social e público, com o que é particular e até mesmo puramente privado”⁷⁷, e quando você diz isso, penso que esse entrelaçamento é o princípio ativo nos encontros, funcionam como balizadores éticos, que podem ter maior aproximação com a vida pública, social ou com a vida privada, revelando os acontecimentos de alcova, como você fala na página 352 do seu livro⁷⁸, pois isso está diretamente ligado aos graus de intimidade entre as pessoas que se encontram.

⁷⁷ PS: Você disse isso no *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance* (2014), na página 352.

⁷⁸ PS: Aqui me refiro à obra *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance* (2014)

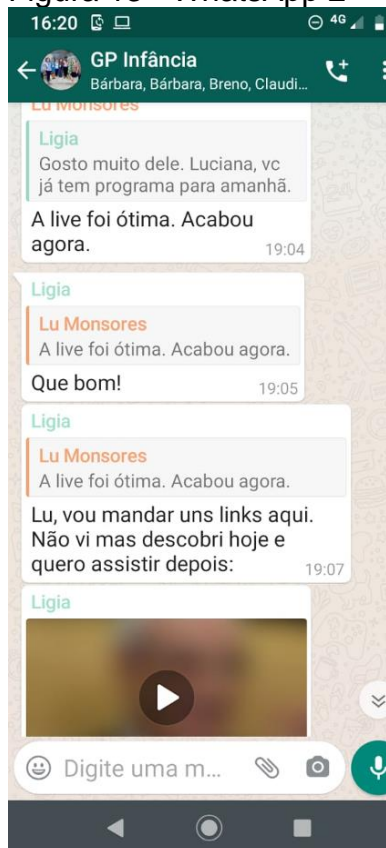
Então, no *WhatsApp* podemos ter contatos e fazer parte de grupos. Os contatos podem envolver graus diversos de aproximação e intimidade: uma amiga ou amigo, um parente, uma colega de trabalho, a orientadora da pesquisa, uma estudante, ou alguém da sua família, sendo um encontro de duas pessoas em uma relação mais direta entre os falantes, mesmo que não haja intimidade entre ambos. Nos grupos temos grupos de família e de amizade, de trabalho, de pesquisa, uma infinidade deles, há conversas entre dois falantes, mas também há interpelações, entretanto, como lhe falei antes, ambos (contatos ou grupos) são multicronotópicos. É lógico que todas as formas cronotópicas que você produziu em seus estudos com os romances e os romancistas são entrelaçadas com a vida presencial, o *WhatsApp*, meu caro, nos coloca em um mundo em potência: o mundo está em potência, os humanos e humanas estão em potência, as experiências, os acontecimentos também estão, e são válidos e aplicáveis na realidade presencial, isso porque o *WhatsApp*, como toda a forma de comunicação digital cria uma realidade virtual, que não é paralela, eu diria que poderia ser uma realidade em outra dimensão da vida. Os dois cronotopos digitais dos quais participo e que são a grande questão dessa nossa conversa, estão mais próximos do público do que do privado. As conversas versam sobre muitas questões, mas o que cria um enredo comum que entrelaça as pessoas que participam no encontro é a empatia com as crianças e a infância. São dois grupos de *WhatsApp*, o *Unidades Universitárias*, criado em 25/08/2016, com 92 participantes até o momento, e o *GP Infância*, criado em 3/04/2018, com 22 participantes no momento. Eu participo desses dois grupos e os considero como cronotopos privilegiados para pensar infância, pesquisa e militância que, entrelaçadas, compõem o tema desta tese e, na minha compreensão, o significado temático desses dois cronotopos, pois essas três dimensões da experiência humana são como um princípio ativo dos encontros que acontecem nestes dois *WhatsApp* em questão. E quem são essas pessoas? Mulheres, uma maioria esmagadora de mulheres: mães, filhas, professoras, pesquisadoras que comungam (e a palavra é essa mesma) do desejo de promover uma “redenção revolucionária”⁷⁹ com a

⁷⁹ PS: Walter Benjamin negava a salvação como uma forma de redenção, vindo do divino para o humano, sua defesa era a redenção em um sentido histórico, ou seja, para este filósofo somente as novas gerações poderiam fazer a redenção das gerações passadas, pois era possível às novas gerações pensar o presente a partir das grandes questões que abalaram, emudeceram, aniquilaram, sufocaram os homens e as mulheres do passado, seus pais, mães, avós. Fazer isso, para Walter

infância. Como já disse a você, aqui no meu país as crianças “lideram” os grupos de vulneráveis, que sofrem a grande maioria das mazelas sociais pelas quais sofrem o país e sua sociedade. Essas mulheres encontraram no *WhatsApp* uma arena dialógica de militância e pesquisa, de enfrentamento dessa condição em que as crianças se encontram e que as mulheres, de uma forma ou de outra, também vivem isso com maior intensidade que a maioria dos homens. Aqui no Brasil, falar de infância implica falar da mulher: são as mães e as professoras que mais colaboram com as pesquisadoras no trabalho de aproximação com as crianças.

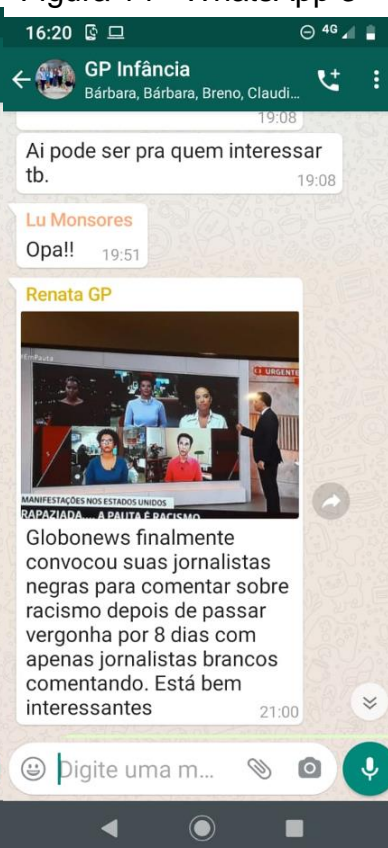
Vou lhe trazer as imagens de um momento de conversa que aconteceu no *GP Infância*, para ver se tenho razão ou não em trazer o *WhatsApp* como um crotopo potente nas minhas leituras e compreensões com relação ao entrelaçamento infância-militância-pesquisa.

Figura 13 - WhatsApp 2



Fonte: Autora

Figura 14 - WhatsApp 3



Fonte: Autora

Figura 15 - WhatsApp 4



Fonte: Autora

Veja, Bakhtin, nesse momento em que lhe escrevo estamos em situação de isolamento social. O planeta passa por uma pandemia de um vírus que avassala humanos e nos distancia, e é obvio que a vida continua apesar de todos os problemas que essa pandemia vem causando. O *GP Infância* não está se encontrando presencialmente, as escolas e universidades estão fechadas e muitos outros estabelecimentos, locais turísticos, entre outros. Para você ter uma ideia, lembra-se da *Gripe Espanhola*, em 1918? Pois é, a *COVID 19* tem dimensões iguais ou até maiores do que o vírus da *Gripe Espanhola* provocou. Então, a *internet* tem contribuído consideravelmente para amenizar muitos efeitos ruins desta pandemia, e isto para o grupo de pesquisa do qual faço parte foi o diferencial. Estamos nos encontrando mais e com muito maior proximidade, apesar da distância corpórea. Nas imagens que lhe passei, há conversas sobre *lives*⁸⁰ no *GP Infância*. *Live* é uma

⁸⁰ PS: "live" é uma palavra inglesa, que traduzida livremente para a língua portuguesa significa "viver". Na sua língua, é "zhit".

coisa nova para você e para nós também, que ganhou força nesta pandemia. São acontecimentos transmitidos na *internet* em tempo real, simultaneamente enquanto ocorrem. Isso tem sido um diferencial nesses tempos sombrios nos quais vivemos: o desgoverno, a pandemia, as distâncias, o medo, as incertezas, as mortes. Mas, ainda que sombrios, podemos vislumbrar rastros de potência que emergem dessas situações, como as *lives*, por exemplo: podemos assistir shows musicais, debates, palestras, contação de histórias, atos de solidariedade, enfim, isso tem sido tão fértil que agora podemos citar essas conversas em nossos textos de pesquisa.

Bem, as *lives* são sugeridas no *GP Infância* como um cardápio. Assim, a gente assiste ou não, mas sempre há uma ou outra que assiste aquilo que está sendo sugerido. No *WhatsApp* comentamos as questões, como também outras que envolvem a motivação deste grupo, como a imagem que a *Renata GP* comenta, que trata de um acontecimento trágico nos Estados Unidos, envolvendo questão racial. Imagino o que você esteja pensando, nada mudou...

Nessas imagens você pode observar outros elementos que integram este cronotopo, incluindo os não verbais, como as fotografias, por exemplo. São outros gêneros enunciando algo como um convite, um debate, uma notícia, mas é a conversa a espinha dorsal nas experiências discursivas que são vividas nesse espaço, daí porque penso o *WhatsApp* como um cronotopo, cujo gênero que predomina e pelo qual se dão as práticas discursivas é o gênero cotidiano, com especial destaque para as conversas orais e escritas.

O *WhatsApp* proporcionou para o *GP Infância* uma coisa que antes não era possível, pois nossos encontros aconteciam em periodicidade semanal, nem sempre contando com a presença de todas(os), e agora com o *WhatsApp*, nos falamos a qualquer momento, independentemente do tempo e do espaço que dispomos para isso. E não é somente aumentar a quantidade de encontros, mas principalmente ampliar as possibilidades de alargamentos, fortalecer o grupo e consequentemente nossos atos com a pesquisa e com a militância: lemos mais, debatemos mais e ficamos mais fortalecidas em nossa militância, pois se nos colocamos como mulheres cuja bandeira de pesquisa está com as crianças e a infância, nossa

presença em qualquer acontecimento é a possibilidade de afirmar sempre, mais e com maior força essa bandeira.

As motivações para o encontro no *WhatsApp* são multiformes, assim como os campos da atividade humana, como você disse no *Estética da Criação Verbal* (2015), na página 261. Nos encontramos para pensar, compartilhar, concordar e discordar em relação às pautas que temos, mas também para falar de nossas vidas, de nossas questões mais íntimas, “detalhes da alcova”, que de acordo com as características deste cronotopo nos romances são o lugar das particularidades, da intimidade, de ficar totalmente nua, exposta.

Então, Bakhtin, qual seria a forma cronotópica do *WhatsApp*? Penso que o *WhatsApp* tem proximidade com o *salão-sala de visitas*, na forma como você pensa este cronotopo na obra “Questões de literatura e estética: teoria do romance”, na página 352. Eu compreendi que neste *espaçotempo* os encontros se dão com maior intensidade, pois você diz que “já não têm o (...) caráter especificamente fortuito do encontro da ‘estrada’ ou no mundo estrangeiro”⁸¹. Portanto, essa ausência ou quase ausência de casualidade contribui para um estreitamento das relações entre as participantes e, como nos romances, em que o surgimento desse cronotopo da sala/salão de visitas trouxe os diálogos para o interior da narrativa, trazendo com isso as paixões, motivações, desejos e outros traços marcantes da personalidade dos heróis, no *WhatsApp* os diálogos/conversas são a tônica, nele estamos mais próximas e por isso mais íntimas, nossa presença é muito mais visível. Um misto de emoções se entrelaça com as pautas com as quais compartilhamos e pelas quais existimos neste cronotopo, pois somos escutadoras/leitoras/falantes e, também, sabemos algo mais sobre a pessoa com quem nos comunicamos, ressaltando que esse “algo mais” tem muito a ver com o contexto da fala, do falante, o contexto extra verbal da realidade “(a situação, o ambiente, a pré-história)” e o contexto que a rodeia, enfim, toda essa inter-relação de circunstâncias que envolvem os encontros no mundo presencial e constituem o enunciado e a enunciação em seu conjunto estão também presentes no cronotopo do *WhatsApp*. Mas também vejo no *WhatsApp* traços da “grande estrada”, só que a “grande estrada” dos encontros combinados, desejados, queridos. Vejo como uma “grande estrada” porque o

⁸¹ PS: copieei aqui o que você escreveu na página 352 desta obra.

considero um quarto campo da vida, ou seja, o mundo virtual é o quarto campo da vida humana e o *WhatsApp* é uma rede social que pertence ao mundo virtual, portanto sempre haverá a grande estrada onde haja vida pulsando, pessoas se encontrando, deslocamentos, transformações.

Pensar como se dão as alteridades entre os falantes no *WhatsApp* é também uma motivação para a minha correspondência com você: falar dos heróis/personagens, suas relações e da autoria. Para pensar esta relação autor/personagem-herói neste cronotopo tão peculiar tomo algumas premissas suas publicadas no *Estética da Criação Verbal* (2015). Posso lhe dizer que não compreendo a existência de um autor(es) e de uma personagem(ens) como seres distintos (o criador e a criatura) nos enredos criados no *WhatsApp*, embora reconheça a existência de uma consciência que abrange e conclui outra consciência, como acontece com o autor e a personagem na atividade estética. Na página 11, você diz que “o autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, ademais enxerga e conhece algo que por princípio está inacessível a elas...”⁸², portanto, a consciência do autor é abrangente, transgrediente e responsável pelo acabamento não só da personagem e sua vida no enredo, como da obra em seu conjunto. O que quero dizer com isso é que no cronotopo do *WhatsApp* não percebo este autor-criador como você descreve nos romances e em outras obras de arte, mas o autor-pessoa, que realiza uma espécie de trânsito da pessoa no mundo presencial para o *perfil-status* no universo virtual: esse autor-pessoa se apresenta em duas dimensões: uma corpórea real e outra corpórea virtual, e considero corpóreas porque há concretude em ambas as dimensões. Sinto, também, uma interpelação do autor-pessoa real no autor-pessoa virtual, no sentido da abrangência e da transgrediência que a consciência do primeiro tem sobre a consciência do segundo. Veja, Bakhtin, há como exercer autocontrole na minha participação discursiva no cronotopo do *WhatsApp*, mas ainda que eu diga isso, não posso me colocar neste cronotopo como um herói criado e imaginado por mim mesma, porque tenho responsabilidades em minha atividade ética, em meus atos existenciais neste

⁸² PS: *Estética da Criação Verbal* (2015), página 11.

cronotopo, você entende? Realizo os deslocamentos necessários de um lugar para o outro, mas em ambos os lugares minha participação é ativa, em presença.

Você diz, também, que a personagem “vive de modo cognitivo e ético”⁸³, cujo ato no enredo da obra é guiado pelo autor, talvez não seja essa nossa forma de vida no cronotopo do *WhatsApp*: estamos deslocadas simultaneamente em dois mundos distintos e somos as duas pessoas ao mesmo tempo, sendo uma delas o *perfil/status* da nossa pessoa: uma personificação de nós e não uma personagem criada por nós; não é uma fantasia, não é ficção, pois estamos em vivenciamento ativo na vida virtual, só não estamos em presença física, ou seja, há materialidade no *perfil/status* só não há presença corpórea real, pois este corpo é virtual. Por isso penso que no cronotopo do *WhatsApp* sejamos, ao mesmo tempo, a consciência e a consciência da consciência; incorporamos as duas consciências ativamente: a consciência do autor e a da personagem. Assim, posso dizer de uma personificação de mim mesma, e posso dizer também, que tenho o controle sobre os atos desta pessoa-de-mim personificada (*perfil/status*) no cronotopo do *WhatsApp*, e é nesse movimento que perpassam as alteridades: eu comigo mesma, com o outro de mim e com os meus outros, considerando de qual ou quais formas os acontecimentos são tratados e como os vivenciamos na totalidade de nossas vidas e de ambos os mundos, real e virtual.

No sentido que coloco as relações compreendo que o cronotopo do *WhatsApp* se constitui na e pela atividade estética, embora não o considere uma obra literária, mas o tecido discursivo se constitui nessa relação que, conforme você disse, “em princípio é de natureza produtiva e criadora”⁸⁴. Assim como você coloca que o autor trava uma luta consigo mesmo para criar uma personagem cuja imagem não seja a sua semelhança, no cronotopo do *WhatsApp* penso que a nossa luta é travada em defesa da consciência da pessoa que somos fora deste mundo, mas também pelo direito a uma personificação estética de nós mesmas, o direito a ambas as consciências estarem ativas e dialógicas, entre si e com os demais, pois se coincidirem, lado a lado, estaremos diante de um acontecimento puramente ético: o *eu-para-si*, que jamais poderá ser contemplado pelo *outro*.

⁸³ Idem ao comentário anterior.

⁸⁴ PS: disse no *Estética da Criação Verbal* (2015), na página 4.

Na medida em que tenho consciência de mim mesma na existência já estou, com isso, sugerindo a existência de um outro interessado em mim, ou como você diz na página 133 do *Estética da Criação Verbal* (2015), sugerindo que “alguém precisa de que eu seja boa”, e talvez seja essa a grande potência do cronotopo do *WhatsApp*: um *espaçotempo* privilegiado para a produção de alteridades entre as pessoas, porque é um lugar de encontros e aproximações pluridialógicas e mais horizontais. E é nesse sentido que o aproximo da “grande estrada”: o grande lugar de passagem na vida em que estão todos lado a lado e, por isso, podem praticar o amor desinteressado, com pitadas de eloquência e de casualidade. Mas, também, considero que há enredos, há tramas, há condensação *espaçotemporal*, há pontos de interseção nos acontecimentos, o que faz deste cronotopo um grande *salão de visitas* também, onde as pessoas ali entram por motivações comuns, por elas se atraem, se repelem, se conflitam, se contrastam. Portanto, uma riqueza que ganhou destaque na minha pesquisa e me motivou para a escrita desta carta: pensar com você o *WhatsApp* como um cronotopo, pensar como se dá a criação verbal neste cronotopo e, a partir daí, tomar o *WhatsApp* como potente na produção de uma prática de pesquisa militante com a infância.

Marisol Barenco⁸⁵, uma leitora sua peculiar (eu diria) e muito bacana, coordena um círculo de estudos bakhtinianos e por um determinado momento fez parte desse grupo. Ela nos disse, certa vez, que o cronotopo, que é um conceito que produz muitas contradições entre os leitores bakhtinianos aqui no Brasil, não se define pela junção do espaço com o tempo, seria uma condensação deste último no primeiro valorada, ou melhor dizendo, o cronotopo é uma criação humana, porque somente os humanos são capazes de produzir relações *espaçotemporais* com valor, em acontecimento na vida, na arte e na cultura. Foi essa a dica que você nos deixou estudando os textos pelos cronotopos criados pelos autores dos romances e das poesias, e por onde os enredos e as tramas se deram: o autor grava a imagem de humano e tenta produzir uma personagem viva, com valores humanos, com valores existenciais. Marisol Barenco nos dizia que as nossas escrituras de pesquisa

⁸⁵ PS: Marisol Barenco de Mello é uma companheira, Bakhtin, além disso professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense. Coordena o Grupo de Estudos Bakhtinianos ATOS. Essa fala se deu em uma disciplina que ela ministrou e eu participei, chamada *O cronotopo em Bakhtin*, de março-julho de 2018, na Creche UFF.

deveriam produzir esses sentidos desnudando/revelando/desvelando as questões sociais no(s) cronotopo(s) em que nos colocamos e colocamos, também, os outros em presença e no sentido de presença que você produziu em seus estudos: existência atualizada, à vista, à mão, no aqui-agora⁸⁶.

Na atividade com a pesquisa algumas palavras que compreendi com você, em sua filosofia da linguagem, foram de fundamental importância, pois me ajudaram a produzir sentidos e criar contornos bem interessantes em meus pensamentos. A palavra *pesquisa*, que é uma dessas ideias, faz sentido para mim com uma experiência responsiva com a ciência, com a vida e com a cultura. Concordo com você quando diz que qualquer objeto do saber (incluindo o humano) pode ser objetificado, transformado em coisa, mas precisamos reconhecer que o humano não “pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo”, e acrescenta ainda que “consequentemente o conhecimento que se tem dele (do humano) só pode ser dialógico”⁸⁷. Portanto, a pesquisa como atividade humana é uma experiência ativa, envolve um “ativismo cognoscente” entre os saberes e os sujeitos: o objeto do conhecimento e o sujeito, o conhecedor e o que é dado a conhecer, tudo entrelaçado com a vida, com a cultura e com a ciência, porque não há como separar o humano dos seus campos de existência. As Ciências Humanas são necessariamente ciências dialógicas e precisam promover um ativismo dialógico entre as consciências: tanto as vozes que criam e quanto aquelas que contemplam são consciências vivas e ativas. Portanto, Bakhtin, compreendendo a pesquisa como um ato volitivo de um sujeito em resposta ao outro: se o outro me fala mostra a minha e a sua presença no mundo, e essa presença é valorada, posicionada, tanto a minha quanto a dele.

A *militância*, que é outra ideia que lancei para germinar em seus pensamentos, se constitui na materialização da responsividade, e todo ato responsivo é um ato de alteridade. O mundo da alteridade é um mundo militante: vamos ao outro com o nosso juízo suspenso, sem buscar e nem escolher uma posição (a minha ou a sua; a minha e a sua); vamos ao outro para dali produzir um olhar em que possamos

⁸⁶ PS: Marisol Barenco tratou deste assunto em 13/08/2018, na Creche UFF, na disciplina *O Cronotopo em Bakhtin*.

⁸⁷ PS: Você disse isso no *Estética da Criação Verbal*, na página 400, nos apontamentos sobre Metodologia das Ciências Humanas.

produzir empatia e amorosidade pelas posições diversas, e este é o lugar da ciência: limpar o terreno das proposições; das verdades absolutas que produzem negações e afirmações, para estabelecer a dúvida: a dúvida é inclusiva, é dialógica, pois possibilita diferenciar as posições. Uma pesquisa militante é capaz de submeter-se a uma ordem, mas não a uma ordem imposta; compreende o lugar da significação, mas reconhece que são os sentidos que produzem arenas dialógicas e eles são abertos, disponíveis, pois caso contrário a pesquisa se torna estéril. Se a pesquisa é uma experiência responsiva e a militância uma experiência com a alteridade, as duas juntas são a melhor leitura possível com a infância, pois na minha compreensão, somente uma pesquisa militante tem potência para aproximar-se da infância e compreendê-la como uma arena infantil de produção de sentidos, que em qualquer tempo desestabilizam e ressignificam as culturas adultas.

Então, caro amigo, preciso contornar a nossa conversa, que foi de fundamental importância para mim. Compreendi com você que o *WhatsApp* é um lugar de encontros verbalmente interativo e extremamente dialógico. O *WhatsApp* é um cronotopo que permite pensar a pesquisa militante, já que neste *espaçotempo* as alteridades se colocam sobre as identidades, possibilitando que as pessoas se relacionem lado a lado, dispensando todas as formas de hierarquias. Conversar com você pelas suas obras foi vital para produzir esses contornos em relação ao *WhatsApp* como um cronotopo, uma ferramenta de análise, de produção de sentidos, até porque nesta tese de doutorado o *WhatsApp* me ajudou a perceber que pesquisa e militância podem ser pensadas como experiências imanentes. A infância, também, foi uma ideia que provocou uma explosão de centelhas ao cotejá-la com seus pensamentos, Bakhtin. Aliás, trouxe outros pensadores para alargar a infância e possibilitar as aproximações que compreendo serem necessárias quando adultos desejam debruçar seus estudos neste tema. A infância assim é uma experiência, um acontecimento inaugural para as crianças. É a *memória de futuro* para nós adultos ou o “futuro anterior do homem” como nos disse Giorgio Agamben. Essas formas de pensar são deslocamentos que estão mais no mundo dos sentidos do que no mundo do tempo, daí porque estranhemos, resistimos, criamos álibis. As culturas adultas sempre foram soberanas, empoderadas, de modo que nunca houve negociação, portanto a insubmissão é de fato um ato que permite visibilidade às

crianças, e uma pesquisa militante é, de certo modo, uma pesquisa insubmissa, que pode criar brechas por onde as crianças vão poder penetrar e, ainda que clandestinamente, imprimir suas marcas nas Ciências Humanas, nos saberes docentes e em outros acontecimentos pelos quais crianças e adultos partilham experiências. Nessa situação o cotejo foi essencial! Cotejar as culturas adultas com as culturas infantis possibilitou um destronamento da primeira em relação à última que, lado a lado, contribuíram para a produção de práticas libertárias e anticolonizadoras nas experiências da pesquisa.

Abrços calorosos
*“Qualquer dia
Qualquer hora
A gente se encontra
Seja aonde for (...)*⁸⁸

Flávia
Rio de Janeiro, 30/06/2020

⁸⁸ Os Amantes (samba, 1978) - Composição de Sidney da Conceição, Augusto César e Lourenço - Intérprete: Luiz Ayrão. Disponível em <https://cifrantiga3.blogspot.com/2008/07/os-amantes.html>. Acesso em 30/06/2020.

EM UM ENSAIO, PALAVRAS SÃO BRECHAS: CONVERSAS DE ACABAMENTO

Parte I: A origem

O caminho, na verdade, não existe. Existe o caminhar, o fazer e habitar o caminho, experimentá-lo, experienciá-lo, fazê-lo no processo da caminhada.
Guedes & Ribeiro
(2019)

Aqui ficarão evidências daquilo que me marcou na trajetória percorrida com o doutorado, porque concordo com Guedes e Ribeiro que, “na verdade, o caminho não existe”. É claro que saímos para qualquer evento em nossas vidas sabendo que para qualquer destino sempre haverá um caminho a percorrer, só que não é ele que nos preenche, mas a experiência da caminhada, e isso é humano, é cronotópico e é também o motivo dessa nossa conversa, que por hora vou considerar como *conversas de acabamento*. É nesse momento da escritura que vou me atrever a alguns acabamentos, mas cuidando para que não sejam conclusões: um momento de conversar sobre as experiências da caminhada, sobre as motivações, as escolhas, os ideais, as imagens de humano e a força desta escritura, ou nas palavras de Guedes e Ribeiro,

“os deslocamentos, as aberturas, as formas de vibrar, de produzir sussurros, ressonâncias, ecos, vazios, espaços – para que se dê espaço ao pensar, ao escutar, ao estranhar. Não persegue um resultado, mas performa um ato – o ato mesmo da pesquisa, pois este é , também, (trans)formação” (2019, p. 42).

Todas as linhas desta escritura foram tecidas nessa dinâmica, ou seja, em deslocamentos, aberturas e alargamentos, com um esforço mais direcionado à produção de ressonâncias do que consonâncias, embora reconheça os riscos, uma vez que ressonâncias podem produzir dissonâncias, mas sigo defendendo que palavras são brechas.

Olhando para trás, lá em meados do ano de 2015, em que apresentava a escritura de mestrado para a banca, me veio a motivação para esta conversa de acabamento: que tal começar pela origem? Até porque o projeto para o curso de doutorado foi apresentado antes que a dissertação de mestrado estivesse recebido os acabamentos da banca. Então, eu seguia impulsionada pela provocação que Rita

Ribes havia me feito, de perseguir e tratar em pesquisa as contradições que a minha dissertação havia revelado, que “não podiam me deixar dormir”, segundo ela mesma colocou no seu discurso como banca avaliadora.

“Pronto, sua dissertação anuncia a questão da sua tese de doutoramento, investigar todas aquelas contradições que não nos deixam dormir ao longo do processo de pesquisa. E você tem muitas colocadas na sua dissertação de mestrado!”⁸⁹

Entretanto, o impulso começou a perder a sustentação. Concluir o mestrado foi para mim uma experiência que quase me isolou do mundo: a única coisa que circulava ao meu redor eram palavras, livros, citações, formatações, mexidas dali e daqui, orientações, enfim o contexto político que se instalava no país parecia acontecer à revelia da minha vida, e quando dei por mim, o projeto de Brasil que eu acredito, que havia lutado por décadas estava descendo pelo ralo, com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, cujo processo longo e sofrido, acompanhado de manifestações diversas da sociedade, contra e a favor, deu início em 2 de dezembro do ano de 2015, exatamente noventa e quatro dias após a data da defesa da dissertação de mestrado, em 28 de agosto de 2015, e eu estava sem fôlego. Havia um cheiro e um sabor amargo de golpe na atmosfera; um cheiro e um sabor que não me deixavam pensar nas contradições que o processo de pesquisa no mestrado havia revelado. Confesso que me esforçava para isso, mas as contradições que tiravam o meu sono, naquele momento eram outras. Assim, o golpe final se deu em agosto de 2016, quando eu já estava no curso de doutorado, recém admitida (março/2016), ainda tentando me agarrar às tais contradições, que agora de fato não me deixavam dormir, porque quanto mais eu as procurava, mais elas me escapavam, assim como o meu “tesão” por elas.

Manifestações contra o aumento da tarifa por todo país

Condução Coercitiva do ex-presidente Lula

Mineradora da Vale é ocupada por Mulheres em Minas Gerais

Cristo é favelado!

É GOLPEEEEE!—A luta pela democracia

Flora Matos sabe: Globo Mente!

⁸⁹ Transcrição da fala de Rita Ribes na defesa da Dissertação, em 28/09/2015, no ATIF, UERJ.

Secundarista preso!

Ocupações urbanas reascendem a esperança

Invasão na sede da Gaviões e protesto da torcida no Vale do Anhangabaú

Cuspe no fascista!

Abraço a Dilma no Palácio do Planalto

#NãoPassarão

Brasil em chamas: trancaço contra o Golpe paralisa o país

"Vou resistir até o fim" Dilma Rousseff

FORA CUNHA! Erundina ocupa a cadeira do Presidente da Câmara

A força jovem

Dezenas de escolas ocupadas em São Paulo e a força do movimento secundarista.

#OcupaALESP

Secundaristas ocupam a ALESP e conseguem a abertura da CPI da Merenda.

Ocupação na Casa de Temer

Ocupa Palácio, Ocupa Tudo!

Dilma é afastada: O Golpe Avança!

Tchau MinC!

Beijaço Gay na Câmara!

OCUPA MINC

A Marcha das Flores! Pelo fim da violência contra as mulheres

Ocupa contra o Golpe!

Salvem a Democracia!

Em todo Brasil é FORA TEMER!

A coisa tá preta, a coisa tá boa

Os Sonhos Não Envelhecem⁹⁰

Os acontecimentos foram emoldurando o tempo: golpes de um lado e manifestações de repúdio e resistência do outro. Eu ia dividindo meu tempo de pesquisa entre leitura, ideia, escrita e participação ativa nesses atos de resistência, seja nas ruas, seja nos cronotopos virtuais das redes sociais, até porque a escrita de uma pesquisa atravessa muitas temporalidades e, para isso, é preciso deslocar-se no *espaçotempo* e alargar os seus horizontes para produzir uma narrativa refratada nas manifestações humanas que nos colocam no *ato-pesquisadora* responsável. E assim, essas manifestações humanas, urgentes e necessárias no contexto de escatologia que avançava tomavam meu fôlego para a produção de uma investigação que colocasse em questão as contradições que se revelaram na escritura da minha dissertação de mestrado. Cabe ressaltar que a pesquisa que desenvolvi no curso de mestrado teve como tema a produção acadêmica (teses, dissertações e artigos científicos) com e na Creche Carochinha, que é uma instituição vinculada à Universidade de São Paulo. Foi uma experiência muito rica e bem acolhida como produção acadêmica para o título de mestre em Educação, mas nesse momento não vou alongar a discussão em torno desta produção, porque o que é relevante nesta conversa é sinalizar que o contexto político e social no Brasil estava sendo minado por uma atmosfera escatológica, que foi minando minha motivação em permanecer investigando as questões e contradições pertinentes às unidades universitárias de educação infantil paulistanas.

Momentos de crise são férteis, mas essa atmosfera sombria parecia assombrar minhas esperanças, pois boa parte do que germinava pela crise vinha contaminada de uma massa sombria, uma espécie de vírus do ódio que começou a obsidiar vários tipos de gente, contaminando as redes sociais e convocando para as ruas com palavras de

⁹⁰ Nada mais profícuo do que anunciar a passagem do tempo pelos acontecimentos da vida, mas aqui particularmente, da vida que implica na vida da pesquisa e da pesquisadora. Recorri à *Mídia Ninja* e as suas “narrativas independentes de jornalismo e ação”, que julguei pertinentes com as minhas ideias. Portanto, as frases colocadas no texto são lides de notícias publicadas no tabloide online *Mídia Ninja*. Fonte: <http://catarse.me/midianinja>. Disponível em <https://medium.com/@MidiaNINJA/2016-o-ano-pelas-imagens-da-m%C3%ADdia-ninja-620e35a1b64>. Acesso em 15/04/2018.

ordem que invocavam um governo sem governantes, sem partido, sem história, sem raça, sem gênero, um “Brasil livre” de tudo, impotente; um processo de desmonte da democracia apoiado por uma massa de brasileiros e brasileiras, que pensam fugir da ignorância, mas seus atos os aproximam cada vez mais, parafraseando Zé Ramalho⁹¹. Nesse momento, a iniciativa da companheira de pesquisa Isabela torna-se o ponto excêntrico nos caminhos da pesquisa:

“Marisol querida,
Tudo bem?
Escrevo para pedir um favor especial. Queríamos muito eu (Flavinha), Isabela Lopes (UERJ), Flávia Menezes (UERJ) e Iolanda Araújo, fazer essa disciplina. Muito mesmo, mas ao tentar realizar a inscrição, descobrimos que as vagas se esgotaram, daí o pedido especial. Você poderia nos oportunizar a participação nestas rodas? Tenho certeza que serão enriquecedoras! Ficarei aguardando ansiosa a sua resposta.
Um bj grande pra você
Sd Flávia B.”⁹²

Foi um tempo de muitos alargamentos. Muitas conversas bakhtinianas. Formamos um círculo do qual fiz farte até dezembro do ano de 2019. O *ponto excêntrico* conheci neste espaço. Uma espécie de deslocamento em 360 graus, que quando você se coloca de volta no caminho percebe que houve uma transformação na rota anterior. Por isso, entendi este convite como um *ponto excêntrico* na experiência com a pesquisa. Alargar em Bakhtin, ampliar meus horizontes também implicou uma certa pressão para pensar a ciência da qual somos pesquisadoras e pesquisadores; pensar também a infância como uma motivação, um ideal a ser assumido responsivamente. E foi isso que aconteceu: a heterociência era um chamado de Bakhtin para que pudéssemos enfrentar, com a ciência, os ataques escatológicos à democracia brasileira. É óbvio que palavras são ideias em presença e a coisa do “hétero” pode soar mal para alguns ouvidos, mas Bakhtin é incrível com as palavras e hetero (sem acento) diz respeito ao outro, ao diferente, ou seja, uma ciência outra, porque é humana, encharcada de humanos, de humanidades, de cultura, de vozes, por isso era preciso enfrentar certos rigores usuais nas pesquisas, e principalmente, nos discursos em Ciências Humanas, para uma aproximação mais amorosa, mais alteritária com as pessoas no contexto da pesquisa, com as questões, os temas, as

⁹¹ Admirável Gado Novo de Zé Ramalho. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/ze-ramalho/49361/>. Acesso em 15/07/2020.

⁹² Este e-mail foi encaminhado para mim, em 29 de março de 2017, por Isabela Lopes, minha companheira de pesquisa. A Flávia B. era companheira de trabalho de Isabela, que soube da disciplina e intercedeu ao meu favor, porque sabia por minha empatia com Bakhtin.

ideias, uma aproximação mais humilde e mais aberta às dúvidas e às interrogações, com pouco ou quase nenhum espaço para as verdades, tipo aquelas como já falei anteriormente, ditas absolutamente e de uma vez por todas!

A convocação aconteceu na ocasião do IV EEBA, Encontro de Estudos Bakhtinianos, em Campinas, em novembro de 2017. O tema das conversas versou em torno da escatologia política e as formas de resistência aos atos escatológicos pelas pesquisas em Ciências Humanas, na perspectiva bakhtiniana da heterociência. Foram encontros muito potentes e discutidos com muito vigor pelo grupo ATOS, o círculo bakhtiniano coordenado pela professora Marisol Barenco, na UFF, cuja participação neste grupo aconteceu em decorrência do e-mail que trouxe acima. Após a disciplina, permaneci no grupo, que se encontrava semanalmente, às terças-feiras, na Creche UFF, em Niterói (Rio de Janeiro). Então, a convocação para o IV EEBA já se dava nas reuniões do grupo ATOS, onde elaboramos os textos para as conversas no Encontro de forma compartilhada, como nos círculos bakhtinianos: as leituras se davam, as ideias brotavam, as questões se constituíam na conversa, na troca, nas ressonâncias que essas conversas provocavam em cada um de nós.

Nesse caminhar, o texto para a qualificação do doutorado foi emergindo. Senti que poderia permanecer no cenário das creches universitárias paulistanas, mas que iria tomar a militância, a pesquisa e a infância como uma trilogia, pensadas no âmbito da experiência. E assim foi: pensar o quanto esta trilogia poderia compreender responsivamente as contradições que envolviam os cenários das creches universitárias uspianas e, acima de tudo, porque nesses cenários se constituem culturas infantis e saberes docentes, dois temas fundantes no grupo de pesquisa do qual faço parte, o Grupo de Pesquisa Infância e Saber Docente – GRUPISD. Pensar também as formas de resistência e as mobilizações que já aconteciam, até porque esses cenários já desmascaravam por si só as tais contradições. Então, a experiência com e na pesquisa teria o sabor desta trilogia como ingrediente fundamental, trazendo alguns elementos considerados por mim como manifestos dessa trilogia: o *Dossiê em Defesa das Creches/Pré-Escolas da Universidade de São Paulo*, elaborado em abril do ano de 2015 pela Comissão de Mobilização de Pais e Funcionários das Creches da USP; as narrativas decorrentes do trabalho de devolutiva da minha dissertação de mestrado e o WhatsApp *Unidades Universitárias*, que já falei sobre ele em outro

ensaio nesta escritura, cuja criação foi motivada pelo ideal de defesa das unidades universitárias de educação infantil, no contexto da educação infantil pública brasileira, além, também, da defesa pela qualidade do trabalho docente nessas instituições. Assim, eu tinha um material e tanto para pensá-lo a partir da trilogia militância-pesquisa-infância, essas três formas de experiência humana que juntas produzem, na minha compreensão, uma potência geradora de ressonâncias com a infância na vida, na cultura e na ciência: as crianças e as culturas infantis; a educação infantil e seus contextos; as pesquisas acadêmicas que se debruçam na infância e os saberes docentes nas suas múltiplas formas e dimensões, temas que versam nos estudos do GRUPISD, mas que seriam por mim pensados no cronotopo das unidades universitárias de educação infantil paulistanas.

Mas, com Bakhtin as palavras se tornam brechas e a experiência com a pesquisa, torna-se vontade de expiar, de olhar pelas brechas e adentrar. Aí não há como ter caminho, porque uma vez adentrando pelas brechas é impossível voltar para o mesmo. Lembra-me Manoel de Barros que diz que *quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito*⁹³. Pois é, *liberdade caça jeito*, como a água que cria seu próprio curso, os humanos podem criar trilhas para esquivar-se dos trilhos. Manoel de Barros tenta nos mostrar que somos natureza como todas as coisas que dela fazem parte, e como natureza somos livres e incertos. São os humanos que criam os limites para os humanos. E eu aqui não estou discordando de que devemos ou não ter e respeitar limites, mas reconhecer que somos essencialmente livres para escolher nos prender a eles, criar outras formas de tê-los em nossa vida ou simplesmente ignorá-los.

Com Bakhtin fiz minhas escolhas éticas e estéticas, na vida e principalmente na pesquisa, e sobre esta última devo confessar que minhas escolhas justificam o que penso em relação aos limites. No ATOS muito debatíamos sobre a arquitetura das escrituras em Ciências Humanas, em geral, e nas nossas pesquisas em particular. Era preciso pensar que avançar na direção da produção de uma heterociência nas Ciências Humanas implicava uma metamorfose em várias dimensões: formas de pensar e capturar saberes e dados; formas de ler,

⁹³ Manoel de Barros em “Matéria de Poesia”. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 32. Disponível em <https://www.revistaprosaveroearte.com/quem-anda-no-trilho-e-trem-de-ferro-sou-agua-que-corre-entre-pedras-manoel-de-barros/>. Acesso em 31/07/2020.

compreender e analisá-los e formas de registrar os atos no texto da pesquisa. E foi neste processo que pensamos, no ATOS, a possibilidade de outros gêneros para enunciar o discurso da pesquisa em Ciências Humanas. Pensando os gêneros porque são eles as tramas da cultura nos textos, a tessitura cultural é possível por meio dos gêneros, ou como nos diz Bakhtin, a enunciação e o enunciado trazem consigo, encarnados, os diversos campos pelos quais se dão toda a atividade humana (2015, p. 261).

Os estudos de Bakhtin com Dostoiévski (2015), Rabelais (1999) e Goethe (2015) revelaram isso. Além de trazerem em si a paixão que Bakhtin construiu pela literatura, na poética e no romance, como forma desviada de pensar a vida, revelaram, também, o projeto de vida, trabalho e obra bakhtinianos, todo o legado que nos deixou para compreendermos “a arte como uma forma humana ativamente colocada no mundo”⁹⁴.

Assim, segui com o objetivo de pensar em um gênero que pudesse contribuir com a minha enunciação em Ciências Humanas, em uma pesquisa dedicada à Educação: uma pesquisa militante com a infância, a educação infantil e os saberes docentes. Minha primeira tentativa (digo isso porque se deu na produção do texto apresentado como qualificação para o Doutorado em Educação na UERJ) foi com a autobiografia e a biografia, que Bakhtin compreendeu como uma forma transgrediente de descrição da vida, seja a sua vida (autobiografia) ou a vida do outro por alguém (biografia). Para ele, na autobiografia damos uma existência artística a nós mesmos e a nossa vida (2015, p. 139). Com este gênero busquei uma forma de expressar minha compreensão responsiva com toda a pulsação que acontecia no cenário das creches universitárias uspianas, pois ali havia uma pulsação militante para mantê-las em funcionamento, para que resistissem aos golpes do governo do Estado⁹⁵, cujo objetivo era o fechamento dessas instituições. Assim, criei uma forma de diálogo entre o meu discurso e o discurso teórico, um

⁹⁴ Marisol Barenco de Mello discursando na disciplina Linguagem, Cultura e processos formativos: estudos bakhtinianos, em 13/07/2017, na Creche UFF.

⁹⁵ Governava o Estado de São Paulo no período em que faço referência (2015-2018), Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). O mesmo foi eleito em 3/10/2010, em sufrágio universal; reeleito em 5/10/2014, também em sufrágio universal, governando até 6/04/2018 quando renunciou ao cargo para concorrer à Presidência da República. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_governadores_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em 18/07/2020.

círculo fictício em que os temas eram colocados, debatidos e discursados como se todos estivessem em presença física, em círculo, conversando e produzindo a escritura. Morte e vida se entrelaçando pela ideia, pela palavra. Entretanto, houve um esgarçamento no tecido textual acadêmico, segundo a avaliação da banca deste trabalho, o que me colocou no compromisso de pensar em outro gênero, que conversasse com a teoria, com a academia e seus ritos canônicos, que pudesse estabelecer uma conversa aberta, leve, mas com o devido respeito a esses ritos.

Na busca pelo bom gênero, pensei nos apontamentos lembrando Bakhtin, que pensou em apontamentos e trabalhou neles produzindo alargamentos, que viraram obras com as quais venho dialogando e produzindo os meus pensares. Entretanto, não me senti a vontade com os apontamentos, pois sou de natureza prolixa e assim eu mesma comecei a pensar que a coisa não estava dita, faltavam palavras, pontuações, conectivos, enfim, uma coisa com a língua e a linguagem que me encanta muito e os apontamentos não me satisfizeram nesse sentido. Pensei na correspondência e me senti animada. A correspondência é um gênero que começo a perceber transitando na academia e de forma muito encantadora. Ela traz elementos com os quais me encontro no desejo de uma escrita amorosa, leve, alteritária, porém com consistência para uma conversa respeitosa com os ritos canônicos da academia, sem contar que as crianças amam produzir e trocar correspondências. Mas, em uma tarde no ATOS, uma companheira, a Ana Elisa, trouxe um capítulo de um livro que chamou a minha atenção: *Doze ensaios sobre o ensaio: Antologia Serrote*, organizado por Paulo Roberto Pires, cujas referências estão na bibliografia da tese. Li não só o capítulo sugerido como comprei o livro e me delicieei com doze textos escritos para “defender” (vou usar esta palavra) o ensaio como gênero literário, aberto e potente para transitar nos diferentes campos da vida humana: na ciência, na arte e na cultura⁹⁶.

Nessa altura, não era apenas o gênero que palpitava em mim, mas o tema e as tramas, ou seja, tudo palpitava no período da escrita do texto para a qualificação até o momento em que recomecei na tese. Foram turbilhões de acontecimentos na minha vida, que atravessados com a experiência no círculo bakhtiniano formado com o grupo ATOS, me deslocaram de forma tão intensa a

⁹⁶ Aqui vou citar os campos da vida humana em M. Bakhtin (2015).

ponto de provocar uma mudança substancial no ideal e na motivação desta pesquisa. Mas isso é assunto para a 2ª parte desta conversa. Por hora, reafirmo o ensaio como um gênero centelha, ou como na religião Umbanda, em que há energias de abrasamento, “avivamento” e energias de absorção: o ensaio é um texto abrasivo, pois as palavras neste gênero não deixam de ser ditas, e ao serem ditas primam pela sua incompletude, embora haja inteireza no que está sendo enunciado. Como gosto de mexer com palavras e sentidos, me senti provocada com essa ideia do avivamento relacionada ao ensaio, e me deparei em um dicionário on-line com uma série de sinônimos para a palavra *espalhar*, cuja cadência me pareceu interessante para incrementar esta relação do ensaio com o avivamento, de tomá-lo como um braseiro. Vejam a abertura de sentidos possíveis para a ideia de *espalhar*, que vão ao encontro do que entendo do ensaio como uma centelha: *esparramar* derramando as ideias para formar um caldo textual bem temperado; *dispersar*, desprendendo-se dos pontos excêntricos, de centros de valor hegemônicos; *divulgar*, ampliando a possibilidade de pensar com; *dissipar* a arrogância e a dureza e ao mesmo tempo lapidar as informalidades, as “cotidianisses”, lugares por onde a vida passa com mais intensidade, dizendo mais coisas e outras verdades ou as mesmas verdades no seu avesso; *sentar-se à vontade*, pois o ensaio pode ser aquela poltrona em que você está relaxada para pensar na vida; *distrair-se* com as “cotidianisses”, as informalidades, a parte leviana dos acontecimentos primeiro, para a partir daí compor pensamentos com inteirezas; *brigar* sempre, porque as palavras são arenas dialógicas; *irradiar*, porque centelhas e brasas avivam, iluminam e abrem mais possibilidades de ver; *incutir* mas no sentido de inspirar, provocar ideias e criações no outro⁹⁷. O ensaio, assim, é a possibilidade de uma escritura em *pravda* ou seja, as verdades em mim, que não são as verdades absolutas, mas ditas em mim posso garantir que são inteiras e absolutamente abertas (BAKHTIN, 2017, p. 78-83).

⁹⁷ Procurando o sinônimo da palavra “espalhar” em um dicionário online, encontrei essa cadência (como resolvi chamar) de sentidos que achei interessante trabalhá-la na escrita desta parte do ensaio de acabamento.

Parte II – COM-textos

“aquilo que é demasiado presente na palavra (de um modo histórico) e demasiado ausente na transcrição (de um modo castrante), isto é o corpo, retorna, mas por via indireta, medida e, por assim dizer justa, musical [...]”
Barthes, 1986⁹⁸

Capim vadio está ali e está em todos os lugares.

Não deixa de ser um risco enfrentar as estabilidades e as universalidades.

Não quero deixar de reconhecer que existam coisas e acontecimentos reais, mas suspeitar que sejam estáveis, suspeitar que sejam universais.

Bakhtin me permite uma escrita flanática, que gosta de perambular lá e cá, mas isso não perturba o conteúdo, pois sua complexidade vai se dar na trama dos fios que o enredam, sendo esta trama a possibilidade de aproximação com as circunstâncias de realidade em que se dão as experiências singulares que cada pessoa vai vivenciar, ou seja, se as experiências estão emaranhadas nestes fios são com eles que devemos nos ocupar e preocupar. Simonini faz a analogia ao origami, cuja origem é um pedaço de papel com certas dimensões, que trabalhado em dobraduras vira uma realidade, ou seja, os sentidos de verdade e realidade se constituem nas dobras do papel, nessas tramas, e não no papel em si ou na figura que este representa (2019, p. 86-87).

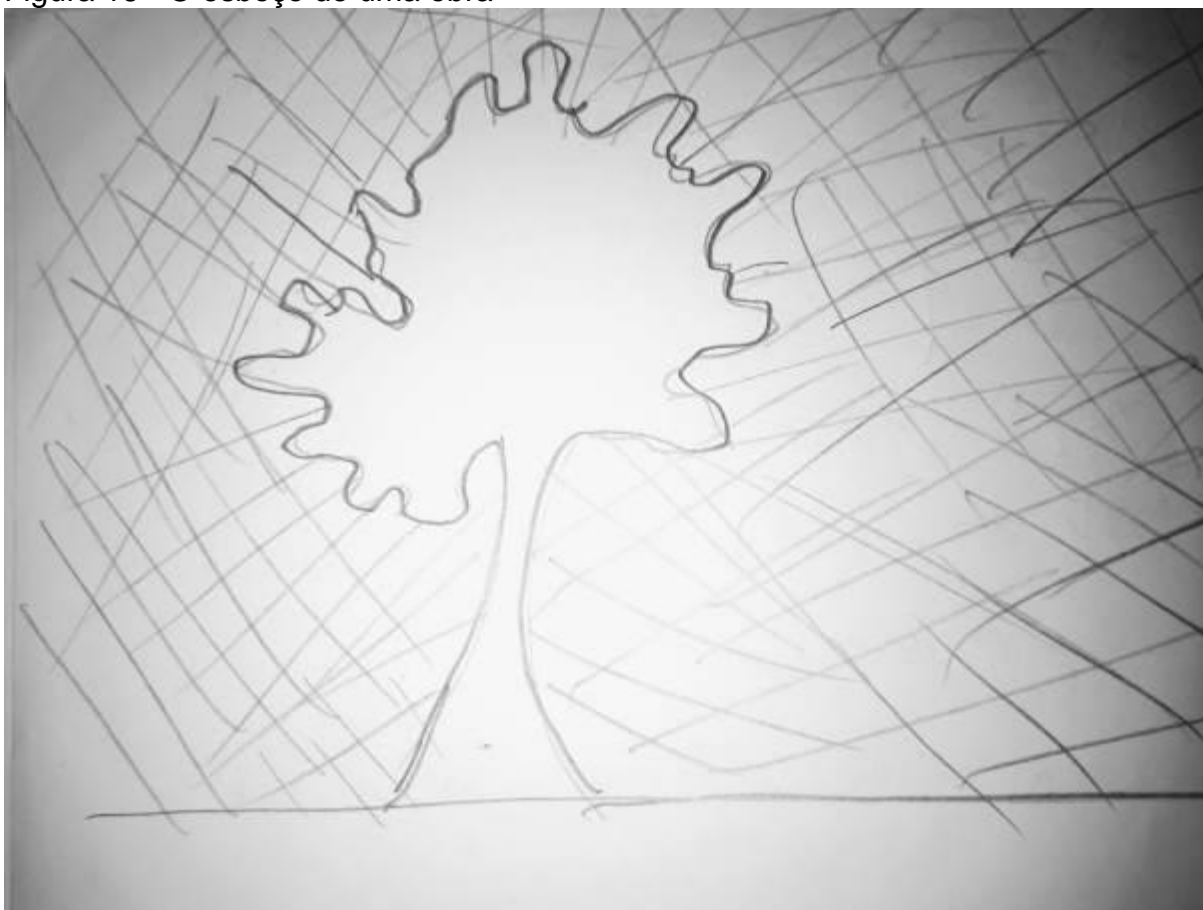
Aqui volto a chamar a atenção para a minha participação no mundo, que me possibilita a produção de verdades em *pravda*, e a participação representada, que se ancora nas verdades *istna*: normatividades, legalidades, conhecimentos científicos, conhecimentos da vida cotidiana, narrativas e histórias que são coletivas, enfim, uma gama de questões, temas e tramas que se colocam para mim como condicionantes da vida. Porém, tudo isso são fios do tecido vida, arte e ciência (como campos da vida humana), que vão se enredar singularmente nas experiências de cada um, onde cada um vai produzindo seus atos em *pravda*: verdades e realidades singulares, enformações, emolduramentos, olhares, horizontes, tudo o mais que Bakhtin (2017) me mostrou pela sua compreensão do ato responsivo, porque bem sei que essas tramas também só são possíveis pelos

⁹⁸ BARTHES, R., 1986, p. 12 in PONZIO, L., 2017, p. 71.

meus atos no mundo, não há como pensá-las apartadas da experiência humana. São cronotópicas, assim tanto *pravda* quanto *istna* são produções humanas e da cultura e o que está no debate é a universalidade e a singularidade em ambas; o status de verdade, de certeza e a possibilidade dos horizontes vitais de cada um e de cada uma.

Mas o que são e o que não são? Onde começam e onde terminam? Pensei essas provocações com Simonini, quando este contempla em seu texto a obra de Luciana Rosado (Árvore), que traz a forma de uma árvore tecida em uma teia de fios de barbante, mais ou menos desta forma, como tentei esboçar⁹⁹ na Figura 16:

Figura 16 - O esboço de uma obra



Fonte: Rosado, Luciana

⁹⁹ No livro em que a obra de Luciana Rosado é citada por Simonini, a imagem é incluída, entretanto na legenda ele informa que a referida imagem pertence ao seu arquivo pessoal. Trata-se de uma árvore criada a partir do atravessamento dos fios de barbante em um tear. Então, é como se a árvore se formasse no rizoma de barbante. Esbocei esta imagem em uma folha branca com lápis grafite, e fotografei para tentar ilustrar a obra de Luciana Rosado.

Então, para Simonini, a árvore é vista em primeiro plano por muitos olhares, e talvez o emaranhado de fios de barbante nem seja notado pela contemplação da árvore. A árvore tomada no e pelo processo que a enredou, ou seja, sem ignorar as tramas de fios de barbante, permitiu a Simonini contemplar toda a experiência de realidade e verdade que Luciana Rosado denominou de “árvore”, ao contrário da simples representação, pela forma, de um “objeto neutro e independente” que conhecemos por “árvore” (SIMONINI, 2019, p. 83-84). Assim, compreendo que Luciana Rosado expressou a árvore em *pravda* que, como tudo na nossa vida, não tem sua existência fora de um emaranhado de tramas, como nos diz Simonini:

Linhas históricas; linhas narrativas; linhas vegetais; linhas de políticas públicas; linhas de políticas ambientais; linhas econômicas; linhas das redes fluviais; linhas de insetos; musgos; fungos, líquens; linhas-nós que estagnam processos¹⁰⁰, enfim, linhas em movimento que compõem uma estabilidade cognitiva e identitária a que nos acostumamos a chamar de “árvore” (p. 84).

A questão desta parte de nossa “conversa de acabamento” encontra-se com o que Simonini diz a respeito das estabilidades cognitivas e identitárias, que vão se consolidando nos enredos da cultura e da sociedade, e que vão exercendo certa autoridade sobre nossas formas de ser, pensar e agir na vida e na ciência, principalmente. Nesse sentido, chamo a atenção para o texto emblemático de Bakhtin, *Arte e Responsabilidade*, que para mim soa como se Bakhtin fizesse uma súplica: *por favor, minha gente, não cristalizem, não politizem, não esterilizem, não naturalizem a arte, ela é o lugar primordial de olhar a vida sem ter que encará-la frontalmente!* E a partir daí, sua obra vem convocando para uma postura diferenciada diante de todos os campos da existência humana: olhar desviadamente é olhar com desconfiança, mas também com humildade para desconfiar, para encontrar outras formas de olhar, para compartilhar essas formas, para encontrar o outro que também olha para o mesmo ponto, para reconhecê-lo como um olhar legítimo, para incluí-lo nas suas formas de desenhar o que vê, para produzir atos alteritários, já que alteridade pressupõem os vários, os outros, o “inclusive”.

Assim como W. Benjamin, que nos ensina que a tarefa do historiador materialista histórico é escovar a história à contra-pelo (2016, p. 13), Bakhtin me

¹⁰⁰ Aqui faço uma referência direta aos desmandos do Governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) e seus asseclas. Achei perfeita essa metáfora das “linhas que estagnam processos” para pensarmos a invasão desta traça no tecido social brasileiro, e me desculpem o desabafo.

leva a compreender que é tarefa do pesquisador e da pesquisadora em Ciências Humanas se atentar aos emaranhados, teias e tramas que envolvem os enredos pelos quais as experiências humanas se dão, são essas tramas que nos aproximam de uma realidade/verdade em eventicidade (*pravda*), ou como nos diz Somonini: “não existe um mundo independente das tramas que o tecem” (2019, p. 81) e qualquer que seja o tema/objeto de nossas investigações, quando apartados das tramas que o tecem e tomados em sua identidade representativa, corremos o risco de coisificar aquilo que por essência, não é coisa, visto sua dimensão humana.

O tempo de pandemia isolou a todos nós do convívio em todos os sentidos, e esse isolamento me tomou de assalto no auge da escrita da pesquisa. Devo dizer a título de esclarecimento, que esta escritura foi produzida no período de junho de 2019 a julho de 2020, mas refiro-me à escrita do texto da tese propriamente dito, e se eu tivesse que criar um percurso de acontecimentos para expressar as tramas que envolveram a minha experiência no curso do doutorado, seria importante incluir fatos que aconteceram antes do tempo da produção desta escritura, ou seja, antes da escrita, do arranjo de palavras na tela do computador. Então, criei para isso um jogo de lides jornalísticos mais ou menos assim:

-250 dias sem móveis, fazendo tudo em um colchão no chão

-A liberdade de expressão, os direitos humanos, a justiça são brutalmente assassinados com Marielle.

-Aposentadoria no turbilhão de uma escatologia política que ataca frontalmente a classe popular e a educação pública

-Escola sem partido

-Filha resolve que vai se afastar da universidade por seis meses: conflitos familiares

-Bolsonaro é eleito

-Tentativa frustrada de um novo concurso público

-Bolsonaro

-Contrato no Pedro II: primeira experiência como mediadora em Educação Especial

-Bolsonaro

-Saúde fragilizada

-Bolsonaro

-Pandemia

-Bolsonaro

-Cirurgia

-Bolsonaro

-Pandemia

-Pandemia

-Pandemia

-Bolsonaro

- Bolsonaro

-Bolsonaro

“O pulso ainda pulsa”¹⁰¹.....

[...]

Seja a passagem do tempo marcada pelos acontecimentos numa escala mais larga da sua vida, seja por aqueles que se dão no íntimo dela, a questão é considerar como que os fios que te envolvem se emaranham, se tecem e nesse movimento vão provocando deslocamentos que, de uma forma ou de outra, lhe transformam. Simonini traz essa trama em diálogo com Deleuze, que vou escapar desta brecha, mas o interessante é colocar que em um determinado momento da leitura de seu texto me encontrei com o capim vadio:

A imagem que um rizoma traz é a da filiação com tramas e não necessariamente com enraizamentos, o que faz da grama um exemplo dessa dinâmica, uma vez que não existe um ponto central a definir um fundamento originário àquele vegetal, mas linhas que compõem trajetórias diversificadas. Não há, em um gramado, um núcleo totalizador: ele é uma malha rizomática (SIMONINI, 2019, p. 79).

A imagem do capim vadio latejou em minha cabeça com essa passagem de Simonini. Latejou porque com ele pensei a infância e a produção cultural infantil. O capim vadio foi uma boa metáfora nesse sentido, ele conversa bem com a ideia de vadiagem, da clandestinidade, de espontaneidade, de ser espaçoso de impor sua presença. O capim vadio pega em qualquer ambiente, tem um ar de bagunça, enfim, não que eu queira associar essas coisas à infância (o que não seria problema

¹⁰¹ O Pulso. Titãs. Álbum *Ô Blesq* Blom, 1989. Disponível em <https://play.google.com/music/preview/Ttwaht6gum252j6scbaf6nlv3xe?play=1>. Acesso em 24/07/2020.

algum), mas interessa a ideia da infância transitando nesse “entre” não oficial, clandestino, instável ou como li em um texto, flanático: anda ociosamente, sem rumo certo, numa perambulação. E essa flanagem é a possibilidade das tramas, do rizoma que Simonini disse da grama, e também a possibilidade da infância como experiência. A experiência é flanática e quando nos toma o faz de forma singular, única e irrepetível, como já nos disse W. Benjamin (2009, 2017) e Bakhtin (2017), assim não há como descrever, ensinar, preparar alguém para essa vivência, mas certamente todos os nossos *COM-textos* são nutritivos no sentido de nos tornarem fortalecidos para que tenhamos disponibilidade ao risco. Portanto, a ideia do capim vadio, agora alargada na imagem do rizoma, me permite compreender que questões geracionais; da ordem do desenvolvimento humano; de constituição psíquica, emocional e biológica; de fator etário; de reprodução, apropriação e interpretação dos modos de ser, viver e conviver adultos; das normatividades, das políticas públicas e outras tantas, não dizem das crianças e da infância, mas são tramas que incidem demasiado sobre elas produzindo certa estabilidade, certa fixação, criando processos identitários dos quais não estou em negação, apenas considerando que as tramas que enredam as experiências infantis são fruto de processos da cultura, da sociedade, das formas de vida e não da experiência, que é uma elaboração pessoal com os deslocamentos que os acontecimentos que emergem dessas tramas provocam, ou melhor dizendo: a experiência é minha e somente minha em sentido, mas é de muitos e muitas em acontecimento: o evento, o ser-evento e a eventicidade. A experiência vista fora da trama é como a árvore que Simonini trouxe em seu texto vista fora das malhas do barbante: ambas perdem seus *COM-textos*, perdem seus sentidos e viram signo, conceito.

Há várias questões que envolvem um grupo de pesquisa que se debruça com a infância e com as crianças para pensá-las, sempre com elas. Isso percorreu todos os ensaios desta tese: sempre que possível falo das formas peculiares com as quais o GRUPISD encontra-se com as crianças e a infância em suas pesquisas. É, sim, uma forma peculiar, mas não é um “calcanhar de Aquiles” do grupo! Encontrar as crianças foi a motivação maior da pesquisa de mestrado e também aqui, no doutorado, e considero que estou bem satisfeita com o encontro, ou melhor, digo dizendo que este encontro foi bem sucedido, como tem sido nas pesquisas do

grupo. Por esse motivo a metáfora do capim vadio: conversa com as crianças e a infância na forma como pensamos, com elas, em nossas pesquisas, e conversa com nossas formas de encontrá-las, já que até o momento em que esta escritura foi produzida, as crianças e a infância vinham penetrando em nossas pesquisas e nas escrituras por viéses não oficiais, e esta é uma das grandes questões que mobilizou uma mudança de rumo, a entrada em outras brechas para que eu pudesse trazer a questão com a qual Rita Ribes vem nos fortalecendo, que é o fato de que “toda pesquisa dedicada aos estudos da infância, de forma mais ou menos imediata, em última instância, estabelece um diálogo com crianças concretas” (Ribes Pereira, 2012, p. 3).

É sobre essa concretude que neste momento da conversa de acabamento estou me dedicando. O que seria essa concretude? Como seria a concretude sem a presença? E o que é a presença? Bakhtin (2017) compreendeu a existência no sentido da vida: existir é estar vivo e enunciando: o ser-evento; a enunciação como um ato que nos atualiza e nos perpetua. Paulo Bezerra, entretanto, traduziu como “presença” os termos russos muito empregados por Bakhtin na obra *Estética da Criação Verbal*, “nalitchost” e “nalitchinii”, que na Língua Portuguesa significam *existência* e *existente*, respectivamente; presença no sentido de “existência atualizada, disponível, no aqui e agora” (2015, p. XI). A concretude, então, é a presença do outro, sua existência, e isso só é perceptível por mim na minha existência. Assim, o GRUPISD com suas produções e esta escritura em particular encontraram as crianças e a infância em toda a sua concretude, ainda que não haja, até o momento, criança enunciando diretamente conosco, mas há a sua presença naquilo que enunciamos, porque colocamos evidência nos estudos da infância: nas pesquisas acadêmicas, nos artigos e trabalhos produzidos, nos fóruns de debate; evidenciamos, também, as produções que se constituem na educação infantil como territórios de infância: as culturas infantis, os saberes docentes, as políticas públicas e os tensionamentos que emergem dessas dimensões, quando compreendidas em uma arena dialógica. Por esse motivo entendi como relevante a presença do GRUPISD como cronotopo para pensar infância-militância-pesquisa, ao invés das unidades de educação infantil universitárias paulistanas, pela forma como compreendemos a questão da concretude: voz e presença não são corpo, mas

inteireza e existência real, atualizadas. Algo mais do que *falar com*: é a possibilidade de se dispor a uma aproximação, uma forma de pesquisar e registrar que evidencie os modos próprios pelos quais as crianças falariam de si e sobre suas experiências se estivessem fisicamente presentes nos processos de pesquisa; é, também, a afirmação das narrativas com a infância e as crianças na escola e nas mais diversas dimensões da vida, fortalecendo o tecido científico que os estudos com a infância vêm produzindo no contexto das Ciências Humanas, e não menos importante contribuir para que, cada vez mais, a educação infantil se afirme como um território de infância descolonizado.

E então....

Encontrei um abismo nessas duas palavras: *e então*. Um abismo de sentidos, e resolvi que poderia dar acabamento às conversas de acabamento com elas, porque uso muito essa expressão “e então”, e ela é tanta coisa... na Língua Portuguesa, por exemplo, ela pode ser um advérbio circunstancial, uma conjunção conclusiva, um substantivo masculino, uma interjeição, mas na nossa Língua Portuguesa, essa que falamos misturando tudo: corpo, som e palavras, nessa língua “então” é a vontade de não dizer mais nada; mas também é a vontade de afirmar o que você fala, a sua fala, mesmo sabendo que ela não é só sua.

E então, a palavra acabamento traz significados tão destroçantes que me fizeram pensar se usaria ou não esta palavra, por exemplo: encerramento, aniquilamento, morte, ruína, queda, ideias que batem frontalmente com o sentido de acabamento em Bakhtin, que nos diz da nossa posição diante do mundo, nosso dever perante a vida, nossa assinatura. Assim, o acabamento não é a parte final ou o toque final, mas toda a sua manifestação. Tomo o acabamento como a minha manifestação de valor, a minha compreensão responsiva e assinada, já que as palavras/ideias com as quais dialoguei não são neutras, pois trazem em si, incorporadas, as ideologias, as culturas, as teorias, enfim, os rastros

espaçotemporais por onde elas caminharam, com outras assinaturas pelas quais foram perpetuadas.

Não é o conteúdo da obrigação escrita que me obriga, mas a minha assinatura colocada no final, o fato de eu ter, uma vez, reconhecido e subscreto tal obrigação. E, no momento da assinatura, não é o conteúdo deste ato que me obrigou a assinar, já que tal conteúdo sozinho não poderia me forçar ao ato – a assinatura-reconhecimento, mas podia somente em correlação com a minha decisão de assumir a obrigação – executando o ato da assinatura-reconhecimento; e mesmo neste ato o aspecto contedístico não era mais que um momento, e o que foi decisivo foi o reconhecimento que efetivamente ocorreu, a afirmação – o ato responsável [...] (BAKHTIN, 2017, p. 95)

E então, o meu acabamento é a minha forma de atualizar/perpetuar a cultura humana, mostrando que estou viva e falante. Vou arranjando as palavras de modo que este arranjo tenha uma relação de fidelidade comigo mesma, assim como mostre, também, minha empatia com todas as narrativas, vozes e pessoas que estiveram em diálogo nesta escritura. Fui produzindo acabamentos em todas as linhas desse texto, e devo me responsabilizar por eles: assim estou compreendendo o acabamento. A assinatura, de fato, é pessoal: é única. *E então* devo admitir que escrevo as linhas desta escritura, que são narrativas que produzi; as formas ética e estética de dar acabamento às ideias são minhas, entretanto há momentos em que falo e há momentos em que o GRUPISD fala, que é o grupo do qual faço parte e do qual esta escritura se constituiu. Estou neste lugar há 10 anos, desde 2011, vivendo intensamente, com a professora (Dou Lúgia Aquino e todas as pessoas que por lá passaram, experiências com a trilogia pesquisa-militância-infância. Essas experiências foram deslocantes no sentido de me possibilitarem as posições éticas e estéticas com as quais produzi este texto de pesquisa. Há outros lugares e pessoas, há outros grupos pelos quais passei e que também foram de grande importância, mas o GRUPISD me constituiu, assim como tenho participado ativamente na constituição deste grupo. Mas, a experiência com a pesquisa é como a navalha na carne, como já disse, e a sangria é inevitável, assim como a dor. Então, precisei falar em primeira pessoa do singular para afirmar a minha assunção. Quero dizer que não me arrependo de cada palavra, pois palavras são atos e arrependimento é álibi.

E então, em uma conversa em presença física, o outro fala e você, na medida em que o escuta, elabora a sua posição diante da posição desse outro que

fala. Essa forma de escuta é carregada de tons corporais: o olhar, os gestos, a expressão da face, o riso, o sério, a cabeça a balançar, entre outros; e isso produz um tom que aquele que fala percebe como se fosse um convite a penetrar você, pelos seus tons, aqueles que você entona no olhar e logo adiante enuncia em palavras, alargando a ideia do outro, ainda que esse alargamento seja em tom crítico ou de questionamento, ou até mesmo de discordância, mas nunca com indiferença, ou para rebater, ou combater o outro pela sua fala: isso não é dialogia. Um primeiro convite à dialogia aconteceu comigo em Paulo Freire, mas ao conhecer Bakhtin percebi que há uma diferença entre as formas como ambos pensam a dialogia. Tanto Paulo Freire quanto Bakhtin compreendem o ato dialógico como aquele que pressupõe mais de uma voz, e também concordaram na questão da disponibilidade e da abertura necessária para a dialogia.

Penso assim: a dialogia como experiência discursiva. Mas toda a experiência discursiva é dialógica? Digamos que, em Paulo Freire, é preciso disponibilidade, abertura, humildade e o destronamento em relação ao/aos outro(s) e outra(s) com quem dialoga (FREIRE, 2001, p. 152-159). Já em Bakhtin, a força, a potência da palavra, o reconhecimento de que a palavra é neutra e essencialmente aberta à encarnar os muitos sentidos que envolvem o ser-evento em eventicidade. *E Então*, a metáfora da arena dialógica é profícua para pensar a dialogia em Bakhtin, pois na medida em que reconhecemos a potência da palavra devemos nos responsabilizar por nossa participação ativa nas arenas discursivas que vamos criar: disputa, tensionamentos, ressonância, dessa forma nenhum sentido morre, nenhum se sobrepõem. Assim, se a dialogia freireana é horizontal, a dialogia bakhtiniana é ativista, porém alteritária e exotópica, mas ambas são inclusivas e amorosas; são também responsivas e extremamente arriscadas.

E Então, trouxe esse debate porque a dialogia se tornou uma experiência discursiva fundamental nesta escritura, pela sua possibilidade de aproximação com os sujeitos, que não estiveram em presença física, porém pelas arenas dialógicas que aqui foram propostas, posso considerar que houve presença. Outra questão é a compreensão respondente como metodologia: pensar criando ideias pelos sentidos imanentes dessas arenas, buscando cronotopos em todos os horizontes para os quais caminham essas ideias. Os cronotopos, também, como metodologia, pois eles

avivam os horizontes espaçotemporais nos quais os sujeitos convidados vivem suas experiências. Portanto, os cronotopos são localizadores de COM-textos, e sem eles não seria possível a presença. O cotejo, por sua vez, uma forma de pensar os COM-textos em dialogia. Cabe aqui uma ressalva para dizer que na minha compreensão o cotejo é a dialogia freireana. A palavra é cotejante em essência, assim como o discurso, mas está conosco a disponibilidade para abertura, uma “disponibilidade curiosa à vida, seus desafios [...]”. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica [...]” (FREIRE, 2001, p. 153). E foi isso que procurei fazer com o cotejo como metodologia: cotejar textos, ideias, discursos de outros e outras como objeto de reflexão crítica para aproximar-me do outro/outra e com ele/ela enunciar essas 158 páginas.

E Então, nesse caminhar, anéis se perderam e quase se perderam os dedos, e como me disse Leite Filho em uma *live*, “os humanos são animais interativos e esse animal (que vos fala aqui)¹⁰² está preso” (LEITE FILHO, 9/07/2020, 14h). Foi necessário reinventar uma forma de interação sem pele, porque não podia haver contato com suores; sem vibração direta de voz, para evitar a saliva alheia, e nessa reinvenção emerge uma outra forma de interagir pelo ato vibratório da presença virtual, da imagem, do som, de poder ver um pouquinho do outro, da sua vida privada, daquilo que ele lê (ou não); mas também da palavra lida, dos tantos livros que foram sendo lidos aos saltos, de trás para frente, ou do meio para o início, ou por parágrafos. *E Então* é como Miotello me disse, também, em uma *live*: nosso dever está em “colocar a palavra como resposta ao outro e ao mundo” (MIOTELLO, 18/07/2020, 17h), e esta escritura, esta tese em ensaios é a minha resposta a todos e todas: Ligia Aquino, companheiras e companheiro do GRUPISD, leitores avaliadores e tantos outros leitores. Espero que a leitura tenha sido o encontro com a minha palavra como resposta a sua posição no mundo.

¹⁰² Observação minha.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Tradução Bernardo Romagnoli Bethônico. [Sem Título] *In*: FENATI, Maria Carolina. Org. **Infância**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016 – Debates. E-Book ISBN 978-85-273-0117-6. Disponível em <https://www.passeidireto.com/arquivo/59805009/arendt-hannah-entre-o-passado-e-o-futuro>. Acesso em 30/06/2020.

ASSIS, Machado de. **Contos de Escola**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. E-Book. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000268.pdf>. Acesso em 8/11/2019.

BAKHTIN, Mikhail. Tradução Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. **O Homem ao Espelho**: Apontamentos dos anos de 1940. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2019.

_____. Tradução Valdemir Miltello e Carlos Alberto Faraco. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2017.

_____. Tradução Paulo Bezerra. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2015.

_____. Tradução Aurora F. Bernardini, José Pereira Junior, Augusto Góis Junior, Helena S. Nazário, Homero F. De Andrade. **Questões de Literatura e Estética: A teoria do Romance**. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

_____. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, Lucia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Editora Hucitec: São Paulo, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2009.

_____. **Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 1 de 10 de março de 2011**. Brasília, 2011.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/CNE/CEB, 2010.

CARROL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas.** Tradução Célia Regina Ramos. Petrópolis/RJ: Editora Arara Azul, 2002. E-Book. Disponível em <https://www.baixelivros.com.br/download-gratuito?alice-no-pais-das-maravilhas.pdf>. Acesso em 07/07/2020.

DORNELLES, Priscila de Oliveira. **A Creche UFF e sua Flor de Papel Uma análise sobre a produção de conhecimento de uma Biblioteca Escolar Infantil.** 2016, 141 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas.** Rio de Janeiro: Ayyu, 2019.

GONÇALVES, Bárbara de Oliveira. **Sorrisos infantis na luta pela terra: A participação das crianças na vida política da sociedade.** 2018, 241 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação.** Nº 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

_____. **Pedagogia Profana. Estudos sobre linguagem, subjetividade, formação.** Argentina: Edições Novidades Educativas, 2000.

LEITE FILHO, Aristeo Gonçalves. **Educação Infantil pós pandemia: linhas e práticas.** COGEPE Fiocruz. YouTube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ilcMppqCwcU>. Acesso em 09/07/2020.

LINHARES, Célia; QUELUZ, Ana Gracinha; LINHARES, Andréa. **Palavras de Crianças.** Niterói/RJ: Nitpress, 2008.

LISPECTOR, Clarisse. **Felicidade Clandestina: Contos.** Editora Rocco Ltda. E-Book. Disponível em <https://rl.art.br/arquivos/4545694.pdf?1488823890>. Acesso em 8/11/2019

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de. Autorias Infantis: processos intermodais de criação. *In* ARAUJO, Vania Carvalho de Org. **Infâncias e Educação Infantil em foco.** Curitiba: Editora CRV, 2017.

_____. Infância migrante: lugar, identidade e educação. *In Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED*. Out. 2003. Poços de Caldas/RJ. Disponível em: 26reuniao.anped.org.br/trabalhos/jaderjanermoreiralopes.rtf. Acesso em 08/11/2019.

LUKÁCS, György. Sobre a essência e a forma do ensaio: carta a Leo Popper. *In: PIRES, Paulo Roberto. Doze ensaios sobre ensaio: Antologia Serrote*. São Paulo: IMS, 2018

MELLO, Marisol Barenco de. Diálogos com e na infância. *In GRUBAKH Grupo de Estudos Bakhtinianos. IV Encontro de Estudos Bakhtinianos (EEBA)*. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2017.

_____; **O Amor em Tempos de Escola**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2017b.

_____; MIOTELLO, Valdemir. Questões Bakhtinianas para uma heterociência humana. *Revista Teias*, V. 14, Nº 31, p. 218-226. maio/ago. 2013

MELO, Claudia Vianna de. **Projetos de trabalho na creche UFF:** articulação com a proposta pedagógica e a produção das crianças. 2013, 134 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

MICELI, Paulina de Almeida Martins. **Negritude nas práticas pedagógicas da EEI-UFRJ. Estudo das relações étnico-raciais na Escola de Educação Infantil da UFRJ**. 2017, 182 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

MIOTELLO, Valdemir. **A literatura como forma de compreensão da vida**. *Literatura de Quinta*. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIVIROni3Nc>. Acesso em 20/07/2020.

OLARIETA, Fabiana Beatriz. O que torna infantil uma pesquisa? *In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SANTOS, Núbia de Oliveira; LOPES, Ana Elisabete Rodrigues de Carvalho (Org.). Infância, Juventude e Educação. Práticas e pesquisas em diálogo*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2015.

PETRUCCI ROSA, Maria Inês *et alii*. Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, pp.198-217, Jan/Jun 2011.

PIRES, Paulo Roberto. Viagem à roda de uma dedicatória *In: PIRES, Paulo Roberto. Doze ensaios sobre ensaio: Antologia Serrote*. São Paulo: IMS, 2018.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 45ª Ed. E-Book. Disponível em <https://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Vidas-secas-de-Graciliano-Ramos.pdf>. Acesso em 8/11/2019.

REIS, Ana Claudia Carmo dos. **Formação docente para a infância: o legado pedagógico da professora Heloisa Marinho**. 2014, 129 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

RIBES PEREIRA, R.M. Pesquisa com crianças. *In*: PEREIRA, R. M.R.; MACEDO, N. M. R. (orgs.). **Infância em Pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

SANTOS, Cássia Cristina Barreto. **O brincar nas produções do conhecimento da Creche UFF**. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Erica Cristian Reis dos. **Dança na Escola de Educação Infantil da UFRJ: proposta pedagógica e práticas docentes**. 2018, 177 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

SIMONINI, Eduardo. Linhas, tramas, cartografia e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas *In*: GUEDES, Adrienne Ogêda e RIBEIRO, Tiago. **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? *In*: PIRES, Paulo Roberto. **Doze ensaios sobre ensaio: Antologia Serrote**. São Paulo: IMS, 2018.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo *et alli*. Arte e dor em Frida Kahlo. **Rev. Dor**. São Paulo, 2014 abr-jun;15(2):139-44.